



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

STEPHANIE PATRÍCIA DA COSTA EVARISTO

**“MARIAS” DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A (RE) CONSTRUÇÃO DAS
EXPERIÊNCIAS NEGRAS FEMININAS EM *BECOS DA MEMÓRIA* E “MARIA”**

FORTALEZA

2026

STEPHANIE PATRÍCIA DA COSTA EVARISTO

“MARIAS” DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A (RE) CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIAS
NEGRAS FEMININAS EM *BECOS DA MEMÓRIA* E “MARIA”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Linha 2: literatura: tradição e inovação. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva

FORTALEZA

2026

STEPHANIE PATRÍCIA DA COSTA EVARISTO

“MARIAS” DE CONCEIÇÃO EVARISTO: A (RE) CONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA
NEGRA FEMININA EM *BECOS DA MEMÓRIA* E “MARIA”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Centro de Humanidades, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Letras. Linha 2: literatura: tradição e inovação. Área de concentração: Literatura Comparada.

Data de aprovação: 26/02/2026.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Alessandra Corrêa de Souza
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof.^a Dra. Cristina Maria da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A todos aqueles que sonham junto comigo.
Mãe, pai, tio, And e Layla, o sucesso só é
sucesso com vocês.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pois sem ele nada disso seria possível. Segundamente, a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que este mestrado acontecesse.

À minha mãe, Maria Aldinete da Costa, por me ensinar a sonhar e pensar positivo, mesmo em meio às incertezas da vida.

Ao meu pai, Manoel Evaristo da Costa, que com trabalho árduo, auxílio e amor me mostrou a importância da educação.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva, pela excelente e humana orientação, que fez todo o processo parecer mais fácil e possível.

As professoras que compõem a banca examinadora, Prof.^a Dra. Alessandra Corrêa de Souza e Prof.^a Dra. Cristina Maria da Silva, pelo tempo e contribuições valiosas a respeito deste trabalho.

Aos meus amigos, Letícia, Lucas, Samuel e Zélia, obrigada por acreditarem em mim quando eu não acreditava. Vocês tornaram o caminho mais leve e engraçado.

As minhas irmãs de alma, Lília, obrigada por me incentivar a fazer a inscrição no mestrado, Andreza, grata pelas excelentes trocas que sempre tivemos em relação à literatura feminina e também sobre um conjunto de outros assuntos, e Victória, gratidão pela sua energia contagiante.

A todos os amigos e professores que compõem a EEM Dione Maria Bezerra Pessoa, principalmente à gestão pedagógica e à equipe de Linguagens, por toda a compreensão e auxílio durante a pesquisa.

Aos meus alunos que me lembram diariamente o quanto a educação e a literatura são capazes de mudar vidas, assim, como mudou a minha.

A minha querida Universidade Federal do Ceará que me acolhe desde a graduação e é o meu refúgio para todas as horas. Muito obrigada!

“Um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que era de cada um e de todos” (Evaristo, 2017, p. 177).

RESUMO

Chimamanda Adichie (2019) afirma que construir uma história única proporciona o apagamento de outras narrativas e visões. Nesse viés, observa-se que há na literatura brasileira um predomínio de vozes homogêneas que privilegiam as classes dominantes, o que negligencia outras perspectivas e experiências. Nesse contexto, as mulheres negras são, constantemente, representadas por estereótipos e impedidas de contar as suas próprias histórias. Esse fator está associado ao silenciamento desses indivíduos tanto em relação à autoria quanto na apresentação de personagens. Desse modo, esta dissertação tem como objetivo identificar a (re)construção das experiências femininas negras em *Becos da Memória* (2006) e “Maria”, presente no livro *Olhos d’água* (2014), de Conceição Evaristo, a partir da análise das protagonistas das narrativas. A metodologia consiste na literatura comparada, através de análise bibliográfica e analítico-interpretativa das obras mencionadas. O estudo utiliza as contribuições da historiografia literária, por meio de Candido (2023a, 2023b), Carneiro (2023) e Nascimento (2018), e da investigação sobre a interseccionalidade, através de Collins (2019), Gonzalez (2020) e hooks (2025), além dos estudos sobre a memória, de Halbwachs (2004), Kilomba (2020) e Martins (2021). Diante disso, na análise, percebe-se que as protagonistas de Evaristo rompem com o silenciamento imposto à sua comunidade e adquirem, por meio do grupo em que estão inseridas e pela memória coletiva, o letramento racial crítico. Além disso, por meio do contato com o outro, elas percebem a necessidade de reconstruir-se como sujeito. Ademais, evidencia-se que essas mulheres são marcadas por sonhos e lembranças, e representam aquelas que não podem contar suas trajetórias. Assim, houve rupturas a respeito da forma como a temática era abordada na tradição literária. Dessa maneira, essa pesquisa contribui tanto para os futuros trabalhos sobre o tema quanto para os antigos, uma vez que ela apresenta novas perspectivas a respeito da reconstrução das identidades negras, a qual destaca a ancestralidade, a memória e a palavra como instrumentos que auxiliam as reconstruções de experiências femininas negras.

Palavras-chave: literatura negro-brasileira; reconstrução; mulher negra; memória.

RESUMEN

Chimamanda Adichie (2019) afirma que la construcción de una historia única propicia el borramiento de otras narrativas y visiones. En este sentido, se observa que en la literatura brasileña existe un predominio de voces homogéneas que privilegian a las clases dominantes, lo que invisibiliza otras perspectivas y experiencias. En este contexto, las mujeres negras son representadas constantemente mediante estereotipos y se les impide contar sus propias historias. Este factor se asocia al silenciamiento de estos sujetos tanto en lo que respecta a la autoría como a la presentación de personajes. De este modo, esta disertación tiene como objetivo identificar la (re)construcción de las experiencias femeninas negras en *Becos da Memória* (2006) y “Maria”, presente en el libro *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo, a partir del análisis de las protagonistas de las narrativas. La metodología se basa en la literatura comparada, mediante análisis bibliográfico y analítico-interpretativo de las obras mencionadas. El estudio utiliza las contribuciones de la historiografía literaria, a través de Candido (2023a, 2023b), Carneiro (2023) y Nascimento (2018), así como las investigaciones sobre la interseccionalidad, por medio de Collins (2019), Gonzalez (2020) y hooks (2025), además de los estudios sobre la memoria, de Halbwachs (2004), Kilomba (2020) y Martins (2021). En este contexto, el análisis permite observar que las protagonistas de Evaristo rompen con el silenciamiento impuesto a su comunidad y adquieren, a través del grupo en el que están insertas y de la memoria colectiva, un alfabetismo racial crítico. Además, mediante el contacto con el otro, ellas perciben la necesidad de reconstruirse como sujetos. Asimismo, se evidencia que estas mujeres están marcadas por sueños y recuerdos, y representan a aquellas que no pueden narrar sus trayectorias. De este modo, se producen rupturas en relación con la forma en que la temática era abordada en la tradición literaria. Así, esta investigación contribuye tanto a los trabajos futuros sobre el tema como a los ya existentes, en la medida en que presenta nuevas perspectivas acerca de la reconstrucción de las identidades negras, destacando la ancestralidad, la memoria y la palabra como instrumentos que favorecen la reconstrucción de las experiencias femeninas negras.

Palabras-clave: literatura negrobrasileña; reconstrucción; mujer negra; memoria.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	AS CLASSES POPULARES NA LITERATURA BRASILEIRA E SUAS PARTICULARIDADES EM CONCEIÇÃO EVARISTO.....	18
2.1	A literatura contemporânea e novas abordagens da literatura negra.....	28
2.2	A escrivência de Conceição Evaristo.....	40
3	A RECONSTRUÇÃO DAS “MARIAS” EM CONCEIÇÃO EVARISTO.....	52
3.1	As experiências femininas negras em Conceição Evaristo.....	53
3.2	Maria ou Marias? A reconstrução da mulher negra.....	59
3.3	Quem são as Marias? Identidade e ancestralidade.....	69
4	MEMÓRIAS E IDENTIDADES: A RELAÇÃO ENTRE AS MARIAS E OUTROS GRUPOS SOCIAIS.....	80
4.1	Memórias e experiências femininas negras: a relação entre o passado e o presente.....	81
4.2	Memória e identidades: o eu e o <i>outro</i>.....	95
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
	REFERÊNCIAS.....	112

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo identificar as reconstruções das experiências femininas negras em duas obras de Conceição Evaristo, a saber, o romance *Becos da Memória* e o conto “Maria”, presente em *Olhos d’água*. A homogeneidade de perspectivas na literatura brasileira favoreceu o silenciamento dos sujeitos considerados social e historicamente à margem, como as mulheres negras. Isso contribuiu para que houvesse o apagamento de conhecimentos e histórias desses grupos, como uma alternativa para que a “história oficial” se mantivesse centrada no olhar daqueles que estão no poder. Nesse sentido, a fim de verificar novas perspectivas sobre as mulheres negras, a memória, as identidades, construídas e reconstruídas por meio do contato com o grupo social e com o outro, e a palavra tornam-se alternativas contra o esquecimento.

De acordo com Antonio Candido (2000), a literatura é um elemento fundamental para a sociedade, pois auxilia na formação humana e crítica dos indivíduos. No entanto, conforme verificado ao longo da historiografia literária, percebe-se haver a presença de uma homogeneidade de povos na literatura brasileira, tanto em relação à autoria quanto na apresentação de personagens, o que dificulta a disseminação de outras perspectivas na área.

Nesse sentido, essa uniformidade de representações nesse campo contribui para que os leitores fiquem restritos ao ponto de vista de uma única camada, ou seja, das classes dominantes, composta, sobretudo, por homens brancos. Esse fator proporciona que aqueles indivíduos não tenham contato com outras perspectivas sobre a sociedade e, conseqüentemente, não reflitam sobre ela, gerando a predominância do discurso do colonizador no país.

Nesse sentido, Cuti (2021, p. 64) destaca que “a literatura brasileira de brancos vai se pautar pela tarefa de reforçar os estereótipos da vida cotidiana, cuja função era a de impedir a autoestima do africano escravizado e de sua descendência”. Esse processo é motivado pelas teorias raciais que se difundiram pela crença da superioridade racial. Mesmo após a escravidão, essa ação continua, influenciada pelo mito da democracia racial, o que faz com que a liberdade plena dos negros fique apenas no papel.

As mudanças ocorridas na sociedade e, conseqüentemente, o desenvolvimento dos estudos culturais, aliado à literatura contemporânea, segundo Cevalco (2003), proporcionaram avanços na área ao possibilitar que novas camadas sociais retratem seus pontos de vista, a partir da ampliação de obras e temáticas divulgadas por esses instrumentos. Nesse viés, esse aspecto incentivou a chegada de novos nomes na literatura brasileira, como Conceição Evaristo.

Entretanto, é necessário salientar que, apesar das transformações, as mulheres negras continuam sendo rejeitadas pelas editoras, como foi o caso de Evaristo, em que sofrem recusa de vários meios no que se refere à publicação de suas obras. Isso propiciou que essas cidadãs abandonassem os escritos ou recorressem a redes de apoio para conseguirem publicar suas narrativas. Nesse viés, o surgimento de coletivos que valorizam essas camadas e permitem que elas contêm o seu ponto de vista foi essencial para a entrada e reconhecimento dessas escritoras no cenário nacional.

Nesse viés, Conceição Evaristo, intelectual e negra, criada em uma favela de Belo Horizonte, publicou seus primeiros textos através dos *Cadernos Negros*, produção organizada pelo coletivo Quilombhoje. Essa série tornou-se o principal mecanismo de difusão de autores negros, a fim de dar visibilidade às produções desses indivíduos e permitir também que o público negro tivesse acesso a essas narrativas. Desse modo, consoante ao pensamento de Cuti (2021, p. 87): “a literatura negro-brasileira surge para os leitores como uma singular oportunidade de reflexão relativa às suas convicções e fantasias pessoais”, possibilitando lugar de enunciação àqueles que foram impedidos de contar suas histórias.

Desse modo, em busca de novas perspectivas das camadas representadas como marginalizadas na literatura brasileira, este estudo pretende identificar a (re)construção das experiências femininas negras em *Becos da Memória* (2006) e “Maria”, presente no livro *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo. Esse processo tenciona encontrar novas perspectivas das mulheres negras na literatura nacional, a partir da análise de obras de uma autora que utiliza seu lócus social para apresentar personagens que são verossímeis a indivíduos reais, permitindo que essas expliquem suas trajetórias nas tramas.

Quanto aos objetivos específicos, destaca-se: identificar a presença das mulheres negras nos textos escolhidos. Em *Becos da Memória* e “Maria”, a análise centrou-se, majoritariamente, nas protagonistas das tramas, duas mulheres negras que relatam suas vivências e de suas comunidades. Além disso, foram analisados também os demais personagens que a cercam, principalmente mulheres negras, como Vó Rita, Maria-Velha e Mãe Joana, no caso da primeira narrativa.

Ademais, busca-se também analisar a maneira como ocorre a reconstrução dessa camada nas narrativas. As personagens negras de Conceição Evaristo nas duas obras são apresentadas, sobretudo, por suas trajetórias e contextos em que estão inseridas, aos quais atribuem subjetividade e humanidade a esses indivíduos. Essa apresentação é diversa da forma como as personagens negras são expostas em outras obras da tradição literária, nas quais eram,

majoritariamente, tratadas apenas como símbolos de desejo. Desse modo, verifica-se a reconstrução de elementos negligenciados e silenciados pelos padrões hegemônicos.

Este trabalho possui também como objetivo: levantar hipóteses a respeito dos elementos que contribuem para a (re)construção das identidades desses personagens. Percebe-se que as relações entre os indivíduos permitem que eles compreendam suas individualidades e condições frente aos diferentes e aos semelhantes. Nesse sentido, os conhecimentos transmitidos pelos grupos aos quais estão inseridos auxiliam os cidadãos a relacionarem passado e presente, e buscarem assim um futuro melhor. Dessa forma, a memória surge como elemento responsável por preservar as origens, tradições e conhecimentos necessários para as próximas gerações.

Além disso, procura-se destacar a influência da interseccionalidade nas reconstruções das experiências das protagonistas das obras escolhidas. Observa-se que as condições e opressões ocorridas por mulheres negras são resultado da união simultânea de um conjunto de sistemas de poder, como raça, gênero e classe, que atuam mutuamente e interferem nas suas trajetórias.

Outro aspecto considerado é descobrir a relação entre memória e identidade, e sua importância para o processo de (re)construção dessas cidadãs. Nesse viés, verifica-se que as identidades desses povos são plurais e marcadas pela influência e contato com outros indivíduos e com a sociedade à qual fazem parte. Nesse sentido, a memória surge como aliada na preservação e retomada das origens e hábitos dos ancestrais que influenciam no “eu” desses povos. Além disso, pretende-se apontar continuidades ou rupturas sobre a forma como as classes populares são abordadas na literatura brasileira, considerando a tradição literária e as tendências contemporâneas.

Quanto às obras escolhidas, a seleção se deu por tanto *Becos da Memória* quanto “Maria” apresentarem um grupo de pessoas excluídas pelos sistemas de poder, com foco, principalmente, nas mulheres negras e a relação com suas condições. Percebe-se dentro dessas narrativas que a conexão com as pessoas que fazem parte do mesmo grupo permite que as protagonistas entrem em contato com sua ancestralidade e reconstruam suas identidades como mulheres negras. Portanto, essas narrativas possibilitam um bom levantamento de dados a respeito das reconstruções das mulheres negras na literatura contemporânea.

A obra *Becos da Memória* foi o segundo romance publicado de Conceição Evaristo. No entanto, no prefácio da terceira edição, a autora destaca que o produto ficou arquivado por cerca de vinte anos, uma vez que o livro foi produzido nos anos finais da década de 1980 e publicado apenas em 2006. Esse acontecimento foi fruto da recusa das editoras em publicar a

obra, o que pode ser explicado, como salienta Dalcastagnè (2008), pelo racismo em relação ao papel de autoria exercido por mulheres negras.

Além disso, Evaristo também afirma que a escrita desse romance é anterior à de suas demais produções, como *Ponciá Vicêncio* (2003), seu primeiro romance publicado. Assim, é por *Becos da Memória* que a autora inaugura um viés em suas produções: a relação entre experiência e ficção, introduzindo o que ficaria, posteriormente, conhecido como escrevivência. Em relação a isso, Evaristo (2017, p. 9) afirma que a obra: “foi o meu primeiro experimento em construir um texto ficcional con(fundindo) escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência. Talvez na escrita de *Becos*, mesmo que de modo quase inconsciente, eu já buscasse construir uma forma de escrevivência”.

Quanto ao conto “Maria”, ele foi publicado pela primeira vez no número quatorze (14) da série *Cadernos Negros*, no ano de 1991. Anos mais tarde, em 2014, foi acrescentado à obra *Olhos d’água*, uma das narrativas de maior sucesso da autora. Assim, como nos demais contos presentes no livro, “Maria” revela as consequências do racismo e a condição das mulheres negras na sociedade. Essas cidadãs continuam tendo seu presente afetado pelo seu passado, uma vez que, conforme Quijano (2009), observam-se os efeitos da colonialidade e que as leis abolicionistas não representaram o fim do processo, mas apenas outras maneiras de exclusão.

De maneira semelhante ao conto, *Becos da Memória* narra a trajetória de um conjunto de sujeitos representados historicamente como marginalizados que habitam uma favela em fase de tombamento. A trama é conduzida pelo olhar de Maria-Nova, que acompanha as histórias e trajetórias daqueles que rodeiam seu cotidiano, e que auxiliam no processo de construção e de consciência de sua identidade.

Com isso, percebe-se que as duas narrativas apresentam diferenças quanto ao enfoque priorizado no cânone literário ao longo da historiografia literária no que se refere à apresentação da mulher negra. Sueli Carneiro (2003, p. 11) destaca que a dominação colonial “está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências”. Essa violação levou ao apagamento e silenciamento dessas mulheres. Tal ação é rompida nas narrativas de Evaristo, pois ela permite que suas protagonistas controlem as próprias histórias.

Desse modo, evidencia-se que as duas narrativas escolhidas revelam o ponto de vista das mulheres negras sobre suas condições. Além disso, também permitem que essas cidadãs revelem suas experiências, sonhos e o processo de (re)construção das suas identidades,

uma vez que o silenciamento desses povos foi realizado, a fim de apagar suas particularidades. De acordo com Dione Brand (2022), a diáspora levou à perda de raízes e cortes com o passado, isso fez com que as identidades desse público fossem alteradas, sendo fragmentadas. Nesse contexto, esses indivíduos em busca de autoconhecimento e de compreenderem o seu presente, mergulham nas memórias de sua comunidade, a fim de recuperarem histórias ausentes. Dessa forma, Evaristo não tem a pretensão de criar protagonistas apáticas ao seu contexto vivido, mas que reflitam sobre ele e expressem sua humanidade, composta de erros e acertos.

Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. Busco a humanidade do sujeito que pode estar com a arma na mão. Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio. E o que falar da solidão e do desejo do encontro? São personagens que experimentam tais condições, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. São personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença (Evaristo, 2021, p. 31).

Nessa citação, a autora revela o processo de construção de suas personagens, que são diversas e plurais, o que dilacera discursos que buscam representar as mulheres negras como sujeitos homogêneos. Ao atribuir sentimentos, emoções e ações a esses indivíduos, sejam eles positivos ou negativos, Evaristo destaca as suas humanidades, as quais estão presentes em cada ser. Assim, observa-se que as condições retratadas na ficção se aproximam das experiências da realidade.

Desse modo, observa-se que a escrevivência — relação entre escrita e vivências que funciona como uma estratégia de resistência para desenvolver experiências apagadas pelos grupos dominantes — nas narrativas de Conceição Evaristo, além de ter a missão de que as mulheres negras sejam responsáveis por relatar suas próprias experiências, funciona também como meio de aproximar a ficção da realidade e atribuir a subjetividade negra a suas personagens, possibilitando que essas mulheres expressem suas humanidades. Por isso, suas personagens são confundidas com a própria escritora, em decorrência da proximidade das experiências vivenciadas. No entanto, conforme aponta Evaristo (2017, p. 11) sobre a obra *Becos da Memória*: “[...] ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus”. Dessa forma, ao valorizar o protagonismo de mulheres negras, Evaristo possibilita que essas cidadãs representem um conjunto de outras mulheres que também são afetadas por problemas semelhantes no cotidiano, mas são diversas entre si.

Nesse sentido, o foco de análise centra-se nas protagonistas das duas obras escolhidas, as Marias, de Conceição Evaristo, que serão responsáveis, como representantes de suas comunidades, por expor a trajetória de seu grupo e os desafios presentes que são consequências do passado colonial. Nesse sentido, os estudos da interseccionalidade auxiliam a investigar a reconstrução dessas mulheres negras nas narrativas da escritora, por meio das considerações de Collins (2019), Gonzalez (2020) e hooks (2025).

De acordo com Angela Davis (2016), o feminismo, em seu início, dominado, sobretudo, por mulheres brancas, terminou por reforçar a exclusão da mulher negra na sociedade. Isso ocorreu porque não havia uma preocupação em reconhecer e lutar pelas necessidades desses indivíduos, que tinham sua vida marcada não apenas pelo fato de ser mulher, mas sim pela discriminação de ser uma mulher negra. Desse modo, não havia uma inquietação em lutar contra o racismo, uma vez que, segundo Hill Collins (2019), as líderes desse movimento não anunciavam que existia uma ligação entre as questões de raça, gênero e classe.

Ademais, Lélia Gonzalez (1984) salienta que o mito da democracia racial auxilia para que o racismo e sexismo sejam ocultados. Esse fenômeno pretende pregar a igualdade racial que dissemina a ideia de que, após a abolição, não há diferenças de tratamento entre os povos. Entretanto, o que se verifica é a perpetuação da discriminação, em que essas mulheres são expostas através de características negativas, além de serem estereotipadas, como ocorre no caso do carnaval.

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos vistas (Gonzalez, 1984, p. 228).

Na literatura, esse mecanismo não aconteceu de forma diferente. Como salienta Schwarz (1983), as classes populares, como as mulheres negras, estão presentes na literatura desde o seu início, contudo atribuídas a papéis de fundo. Com o fim da escravidão, esse público passou a ocupar maior quantidade de obras, no entanto, conforme salienta Duarte (2010), vinculados à estereotipação dessas personagens, pois essas eram destacadas pelo olhar das camadas dominantes. Assim, as mulheres negras não tinham liberdade de exporem suas perspectivas, seja por meio da escrita ou através da fala.

Nesse sentido, é evidente que a interseccionalidade interfere não apenas na realidade dessas cidadãs, mas também nas representações das mulheres negras na literatura brasileira. Com isso, pretende-se vincular a análise das protagonistas de *Becos da Memória* e “Maria” aos estudos da interseccionalidade, por meio das contribuições de Collins (2019), Gonzalez (2020), assim como também às investigações sobre o feminismo negro, através de Davis (2016) e hooks (2019, 2025).

Ademais, verifica-se que há uma relação entre memória e identidade, na qual a memória contribui para a (re)construção das identidades negras das personagens. Esse processo, segundo Leda Maria Martins (2021), ocorre porque no corpo dos afrodescendentes são conservados elementos de seus antepassados, como seus hábitos e identidades. Com isso, o corpo negro carrega em si a memória coletiva de sua comunidade, contendo a trajetória de seus antecedentes. Assim, as protagonistas de Evaristo representam não apenas as demais mulheres que habitam seu entorno, mas também todas aquelas que habitam suas memórias, auxiliando para que elas readaptem e reconstruam sua identidade, como defendido por Martins (2021):

as artes e os construtos culturais matizados pelos saberes africanos ostensivamente nos revelam engenhosos e árduos meios de sobrevivência desses vestígios, durante os séculos de sistemática repressão social e cultural da memória africana trasladada para os territórios americanos por via do tráfico escravagista [...]. As performances culturais afro-americanas, em todos os seus elementos constitutivos, oferecem-nos um rico campo de investigação, conhecimento e de fruição. Por meio delas podemos vislumbrar alguns dos processos de criação de muitos suplementos que buscam cobrir as faltas e rupturas das culturas e dos sujeitos que aqui se reinventaram, dramatizando a relação pendular entre lembrança e esquecimento, a origem e a sua perda (Martins, 2021, p. 70-71).

Nesse sentido, Halbwachs (2004) afirma que a memória não é um aspecto apenas individual, mas também coletivo. Essa visão surge da ideia da memória como uma construção social, influenciada pelas ideias partilhadas pelo grupo social ao qual estão inseridos. Desse modo, a memória é ativada por meio dos pensamentos e hábitos partilhados pela comunidade, a qual permite que os indivíduos preservem suas tradições e legados.

Diante do apresentado, quanto à metodologia, a investigação utiliza a pesquisa qualitativa, uma vez que se observam fenômenos que compreendem a relação com contextos sociais, históricos e políticos, destacando as reconstruções de experiências de mulheres negras. Quanto às abordagens, adota-se a abordagem bibliográfica, em que foram realizadas leituras aprofundadas sobre referenciais teóricos que abordam as noções de literatura negro-brasileira, identidades negras, silenciamento feminino negro e memória, e também a abordagem analítico-interpretativa das obras mencionadas, a fim de identificar particularidades da problemática abordada neste trabalho, centrando-se na maneira como as mulheres negras são destacadas nas

narrativas e como se apresentam frente às condições vividas, identificando-se os elementos que contribuem para a afirmação identitária dessas cidadãs.

Nesse contexto, durante o processo de investigação, a fundamentação teórica é selecionada e relacionada com as obras analisadas, com o objetivo de auxiliar nas análises e hipóteses levantadas. Para auxiliar na análise, são consideradas as contribuições da historiografia literária, a fim de comparar a presença de experiências do negro na literatura brasileira ao longo da tradição nacional, por meio de Candido (1993, 2000, 2004, 2023a, 2023b), Bosi (2024) e Nascimento (2018).

Ademais, abordar-se-á a relevância do desenvolvimento de investigações sobre a literatura negra, por meio das considerações de Cuti (2021), Carneiro (2023) e Nascimento (2018). Nesse contexto, em ligação com o desenvolvimento da área, serão utilizadas as contribuições dos estudos da interseccionalidade, através das considerações de Collins (2019), Dalcastagnè (2008, 2012), hooks (2019, 2025) e Gonzalez (1979, 2020), na análise das protagonistas de *Becos da Memória* e “Maria”, para verificar o influxo dessas questões na (re)construção das experiências femininas negras e na afirmação dessas identidades nas obras de Conceição Evaristo.

A temática da memória também auxilia na investigação da construção das identidades femininas negras nas narrativas, considerando as ideias de Halbwachs (2004), Kilomba (2019) e Martins (2021). Ademais, também são estudadas as relações entre os indivíduos, tanto entre os membros do mesmo grupo quanto com os diferentes.

Nesse contexto, a primeira parte deste trabalho é constituída por esta introdução, a qual expõe os objetivos do projeto, obras selecionadas para a investigação, corpus teórico e metodologia de análise. Quanto aos objetivos, busca-se identificar a reconstrução de experiências femininas negras a partir da análise das protagonistas do romance *Becos da Memória* e do conto “Maria”, destacando a influência da memória na recomposição de identidades das mulheres negras e identificando novas representações atribuídas a essas personagens. A metodologia centra-se nas análises e interpretações das obras analisadas, identificando os efeitos da interseccionalidade nos conflitos vividos pelas personagens e da memória na preservação de tradições e no processo de reconstrução de identidades. Nesse sentido, utiliza-se, sobretudo, de Lélia Gonzalez, Patrícia Hill Collins e Martins.

No Capítulo 2, intitulado “*As classes populares na literatura brasileira e suas particularidades em Conceição Evaristo*”, é, primeiramente, apresentada uma contextualização a respeito da maneira como o negro foi, majoritariamente, retratado na literatura brasileira. Posteriormente, revelam-se novas abordagens sobre esse público, principalmente sobre a

mulher negra, na literatura nacional, tanto por meio de novos estudos que influenciam essas mudanças, como as ideias veiculadas por Cuti (2021) e Duarte a respeito da diferença da literatura sobre o negro da literatura do negro. No subtópico 2.1, denominado *A literatura contemporânea e novas abordagens da literatura negra*, expõe-se a ampliação de autores e perspectivas na área, como, por exemplo, a importância dos estudos culturais e do movimento negro e, conseqüentemente, da entrada de novos nomes no cenário nacional. Quanto ao subtópico 2.2, *A escrevivência de Conceição Evaristo*, destaca-se uma breve apresentação da escritora, os elementos destacados em suas narrativas e o conceito de escrevivência formulado pela autora.

Em relação ao Capítulo 3, nomeado *A construção das “Marias” em Conceição Evaristo*, realiza-se uma análise das narrativas, considerando a interseccionalidade e como os seus elementos interferem nas representações desse público na literatura brasileira. Nesse contexto, após uma exposição inicial breve das narrativas e suas protagonistas, que são objetos de análise, no subtópico 3.1, *As experiências femininas negras em Conceição Evaristo*, são expostos os elementos que contribuem para a afirmação das identidades das protagonistas e as diversas experiências e perspectivas dessas mulheres nas obras da autora.

Além disso, no subtópico 3.2, *Maria ou Marias? A reconstrução da mulher negra*, aborda-se as representações das mulheres negras e sua aproximação com o cotidiano de outras mulheres do país. Quanto ao subtópico 3.3, *Quem são as Marias? Identidade e ancestralidade*, ele retrata a influência de elementos que contribuem para as representações dessas protagonistas, como a relação entre identidade e ancestralidade, além de destacar a relevância da apresentação dessas cidadãs em diversas perspectivas, contribuindo para uma transformação na literatura brasileira.

Por fim, no capítulo 4, denominado *Memórias e identidades: a relação entre as Marias e outros grupos sociais*, é apresentado o influxo da memória para a reconstrução das identidades negras dessas protagonistas e também como este elemento contribui para as experiências dessas mulheres. Ademais, aborda-se como o olhar do outro interfere no processo de letramento racial crítico dessas cidadãs. Assim, este capítulo compõe-se de duas partes, a primeira denominada, 4.1 *Memórias e experiências femininas negras: a relação entre o passado e o presente*, em que se expõe a memória enquanto mecanismo que possibilita trocas de experiências, seja entre as gerações atuais, passadas ou posteriores. Na segunda parte, 4.2 *Memória e identidades: o eu e o outro*, são apresentadas as relações entre os diferentes e a sua influência nas formas como o outro é visto na sociedade.

2 AS CLASSES POPULARES NA LITERATURA BRASILEIRA E SUAS PARTICULARIDADES EM CONCEIÇÃO EVARISTO

De acordo com Foucault (2009), a literatura é um ato discursivo atravessado pelas esferas de poder que regulam o dizível e o indizível. Desse modo, nota-se a necessidade de analisar as rasuras e silenciamentos nas narrativas, observando a prevalência de vozes homogêneas na literatura brasileira que afastam as classes populares, principalmente as mulheres negras, de exporem suas perspectivas, em decorrência dos sistemas de opressão que renegam a esses povos o poder da enunciação na sociedade. Nesse sentido, percebe-se que a literatura apesar de não ter o dever de apresentar a realidade em si, os seus elementos se ligam por uma coerência interna que permite relacionar aquela realidade com o mundo real.

O Brasil, ainda que seja um país multicultural, formado pela influência de vários povos, principalmente indígenas, africanos e europeus, escolheu privilegiar em suas produções a cultura europeia. Esse fator é decorrência da literatura brasileira ter recebido forte influência dos modelos europeus, uma vez que, conforme destaca Candido (2023a, p. 13), ela é um galho da literatura portuguesa, que também apresentava dependência de outras literaturas europeias, por ter uma relevância secundária se comparada com as “irmãs”.

Em acordo com o exposto por Candido, observa-se a prevalência da valorização de hábitos e características europeias, em detrimento de aspectos de outras culturas, em muitas obras nacionais. No entanto, é necessário salientar que esse processo de formação da literatura brasileira foi influenciado pela forma de colonização e apresenta semelhanças com outros países americanos, que também foram colônia.

A esse respeito, Bosi (2024) destaca que a literatura brasileira não deve ser compreendida apenas por suas vinculações europeias, mas, principalmente, quanto às semelhanças com outras literaturas americanas, que também foram construídas a partir da ideia de colônia vinculada a uma metrópole. O influxo dos colonizadores nos costumes, tradições e, conseqüentemente, na arte e na literatura não pôde ser evitado no Brasil, já que prevaleceram os interesses desse público em utilizar essas áreas para disseminar sua perspectiva sobre a terra recém-invadida, a fim de justificar ações praticadas e sobrepor uma cultura a outra. Por isso, as primeiras manifestações literárias no Brasil estão associadas a documentos de viajantes, como a carta de Pero Vaz de Caminha.

Em virtude dos fatores mencionados, a visão eurocêntrica dominou a sociedade brasileira, a qual condenava os costumes e hábitos dos povos explorados e valorizava a ideia de que a cultura europeia era superior às demais. Nesse sentido, as camadas populares, como

indígenas e negros, eram consideradas bárbaras, cujos valores sociais eram associados à desordem e à desumanidade. Assim, para os exploradores, esses excluídos precisavam ser doutrinados para manter a ordem social europeia.

Diante disso, coube aos sujeitos historicamente marginalizados papéis secundários na vida social, exercendo os trabalhos considerados indignos e desprezados pelos senhores. De maneira análoga, como a literatura era reservada àqueles que tinham instrução e posses, os indivíduos à margem da sociedade também foram renegados nesse setor, principalmente pela educação na colônia ter sido regulada pela igreja, que buscava apagar as tradições pagãs e as culturas desses povos. Sueli Carneiro (2023), ao trabalhar com o conceito de epistemicídio, construído como um instrumento que nega os conhecimentos dos povos colonizados, afirma que, no Brasil, a igreja católica foi o primeiro marco responsável por reprimir os saberes da população negra. Portanto, essas populações tiveram seus conhecimentos desacreditados e reprimidos, assim foram silenciadas e, conseqüentemente, impedidas de contar suas próprias histórias.

Outro aspecto a ser pontuado diz respeito ao papel da arte e da literatura como ferramentas para a construção e preservação da cultura de um país, em que esses campos são utilizados para disseminar elementos e características que representam uma nação, a qual visa contribuir com a aceitação da organização social vigente. Entretanto, os traços divulgados, através dessas áreas, são seletivos e vinculados às camadas que estão no poder. Por isso, os tipos sociais à margem, além de não terem condições de escrever, não participavam de decisões cruciais do país. Segundo Jacomel (2009, p. 110), existem dois fatores ligados às relações de poder nesses espaços:

a primeira, localizada em seu ambiente cultural, corresponde à hierarquização da arte, ou seja, o confinamento de uma arte de qualidade reservadas para um público seletivo; a segunda, sendo diretamente ligada à formação social e moral dos indivíduos, diz respeito à ideologia das diferenças e, conseqüentemente, a reprodução hierárquica das classes sociais. Portanto, essa divisão pressupõe que toda e qualquer atitude do ser humano, independente de sua etnia cultural e classe social, é partidária e pertence a uma única base filosófica e sociológica, isto é, a distribuição desigual dos diferentes poderes aos indivíduos, prática que se desenvolve desde o início da convivência dos indivíduos em grupos.

Nesse sentido, os autores românticos brasileiros se esforçaram em afastar a ligação com a literatura portuguesa e destacar aspectos nacionais nas produções. Apesar disso, é evidente que não há como negar a presença de elementos europeus na literatura brasileira, porque ocorreu uma transferência de normas, hábitos e línguas da metrópole à nação recém-invadida. Ainda que os autores tenham transformado esses modelos, adaptando-os à realidade

nacional, a formação da literatura nacional não foi composta por convenções locais, mas pelo processo de imposição do modo de vida do colonizador sobre os colonizados.

Portanto, como toda a cultura dominante no Brasil, a literatura culta foi aqui um produto da colonização, um transplante da literatura portuguesa, da qual saiu a nossa como prolongamento. No país primitivo, povoado por indígenas na Idade da Pedra, foram implantados a ode e o soneto, o tratado moral e a epístola erudita, o sermão e a crônica dos fatos.

A partir daí desenvolveu-se o processo de formação da literatura, como adaptação da palavra culta do Ocidente, que precisou assumir novos matizes para descrever e transfigurar a realidade nova. Do seu lado, a sociedade nascente desenvolveu sentimentos diversos, novas maneiras de ver o mundo, que resultaram numa variante original da literatura portuguesa. A história da literatura brasileira é em grande parte a história de uma imposição cultural que foi aos poucos gerando expressão literária diferente, embora em correlação estreita com os centros civilizadores da Europa (Candido, 2023b, p. 13).

Apesar do apresentado, os indivíduos representados como excluídos, segundo Souza (1983), estão presentes na literatura brasileira desde os primórdios de sua formação. Não obstante, esses povos eram, constantemente, invisíveis nas obras literárias, ocupando papéis secundários e auxiliares. Esse fator foi causado pela negação de outras culturas e pelo racismo a esses indivíduos por parte dos letrados, homens brancos que lideravam a área, que destacavam apenas o modo de vida de sua classe social, a fim de exercer a soberania eurocêntrica sobre as demais culturas. Assim, aqueles que seguiam visões distintas eram retratados como rebeldes nas narrativas e existiam apenas em função dos trabalhos prestados às elites, que eram os protagonistas das obras.

É necessário pontuar que esse cenário não indicava que os sujeitos socialmente excluídos eram apáticos ou ignorantes quanto à sua situação. Porém, perante o controle do sistema brasileiro por parte dessas camadas, aqueles povos precisavam se acomodar e, muitas vezes, encaixar-se à estrutura imperante para conseguir um trabalho e obter a subsistência de sua família, como foi o caso dos negros após a escravidão. Esse fator, segundo Patrícia Hill Collins (2019), também estava ligado à ideia de que esses indivíduos acreditavam, anteriormente, que caso não interrogassem, conseguiriam obter a influência dos brancos, mito revogado posteriormente.

Ademais, cabe citar que os sujeitos socialmente marginalizados representavam grande parcela do corpo social brasileiro. Nesse contexto, em decorrência disso, os cidadãos não-brancos apareciam em personagens, temas e espaços como figurantes, assim, em algumas ocasiões, eram objeto da escrita nas produções. Porém, não eram os sujeitos da ação, uma vez que as obras tinham como autores e narradores indivíduos pertencentes às classes privilegiadas, que não davam a oportunidade para que os indivíduos excluídos expressassem suas vozes nas

narrativas, além de não terem a intenção de destacar visões contrárias da dominante, como salienta Beatriz Nascimento (2018): “a representação que se faz de nós em literatura, por exemplo, é do criado doméstico, ou, em relação à mulher, da concubina em relação ao período colonial”. Dessa maneira, as classes populares eram exibidas de forma distanciada, sem pretensão de abrir espaço para o outro.

No século XVII, uma relevante figura aparecia nas narrativas brasileiras: o negro. Gregório de Matos, segundo Proença Filho (2004), foi um dos principais responsáveis por essa figura nas obras, ainda que a sua visão indicasse preconceitos e estereótipos da classe dominante. Nos textos de Matos, enquanto as mulheres brancas são tratadas como símbolos da pureza, é evidente que a mulher negra é vista como objeto de desejo e perdição, como observado no poema a seguir.

Achei Anica na fonte
lavando sobre uma pedra
mais corrente, que a mesma água,
mais limpa, que a fonte mesma.
[...]
Conchavamos, que eu voltasse
na segunda quarta-feira,
que fosse à costa da Ilha,
e não pusesse o pé em terra,
Que ela viria buscar-me
com segredo, e diligência,
para na primeira noite
lhe dar a sacudidela.
Depois de feito o conchavo
passei o dia com ela,
eu deitado a uma sombra,
ela batendo na pedra.
Tanto deu, tanto bateu
co’ a barriga, e co’ as cadeiras,
que me deu a anca fendida
mil tentações de fodê-la.
[...]
(Matos, 2013, p. 273-274).

No trecho apresentado anteriormente, nota-se a hipersexualização da mulher negra, apresentada como objeto de prazer para o homem. Na narrativa, as partes do corpo de Anica são apresentadas por meio de um olhar erotizado e de tentação: “Tanto deu, tanto bateu co’ a barriga, e co’ as cadeiras, que me deu a anca fendida mil tentações de fodê-la”. Além disso, nota-se a submissão dessa mulher que realiza atividades do lar, enquanto o homem descansa.

Esses elementos são frutos de um processo de colonização e escravidão que dominava o Brasil na época e fazia com que somente os brancos, que representavam os descendentes dos colonizadores, os “bons cidadãos”, fossem retratados como verdadeiros donos

das terras e protagonistas das histórias, e, assim, fossem considerados superiores aos demais. Ademais, além das crueldades cometidas contra os negros, os senhores, muitas vezes, mantinham relações sexuais com as escravizadas e tinham filhos fora do casamento. Esse processo interferiu na objetificação do corpo das mulheres negras, visto como um ato de dominação, conforme apontado por Gonzalez (2020).

Nascimento (2018) declara que as relações extraconjugais mantidas entre os colonizadores e escravizadas tinham o propósito não apenas de desfrutar da sexualidade dessas mulheres, mas, no caso dos filhos provindos dessas relações, gerar mão de obra escravizada. Esses filhos, além de não serem reconhecidos, eram considerados símbolos das transgressões ao padrão branco e uma ameaça à família tradicional branca. Esses mecanismos ilustram o complexo processo ao qual esses cidadãos foram envolvidos e que, conseqüentemente, interferiu na maneira como ainda são atualmente tratados.

Quanto à presença de pessoas escravizadas no Brasil Colonial, elas também eram tratadas como objetos, posses dos mais ricos, os quais as enxergavam como uma mercadoria, uma vez que cada escravizado tinha um preço a depender da sua avaliação no momento da aquisição. Kátia Mattoso (2001 [1982], p. 11) afirma que esse povo representava “uma multidão cujos indivíduos não tinham voz, o que não significa que não tivessem algum status dentro da sociedade escravocrata; tinham sim: o de coisa, o de objeto. Eram, por isso, vistos como uma massa uniforme”. Assim, essas pessoas eram descritas como uma única comunidade, como se todos fossem de uma mesma região e tivessem as mesmas características. Dessa maneira, não era valorizada a diversidade de povos trazidos forçosamente ao país.

A independência do Brasil no século XIX e a chegada do Romantismo ao país indicaram mudanças na sociedade e, conseqüentemente, pediram transformações na literatura. Diferente do Brasil Colônia, houve nesse período uma alteração no quadro de escritores que passou a ser composto não mais apenas por pessoas ligadas à igreja, mas por brasileiros que foram estudar em países estrangeiros, sobretudo na Europa. Os escritores, eufóricos pela construção da nação, buscando empregar elementos novos e afirmar a autonomia literária, utilizaram-se da literatura, a fim de que ela evidenciasse aspectos da nação recém-independente e mostrasse a identidade brasileira nas produções.

Foi uma espécie de criação retroativa da literatura brasileira, obedecendo às necessidades de afirmar a independência mental, e cuja iniciativa é devida a alguns escritores estrangeiros que, nos primeiros anos do Império, sentiram a importância de distinguir da portuguesa a literatura feita pelos brasileiros, obedecendo nisso ao postulado que então invadia a crítica, segundo o qual a literatura era um fenômeno histórico, exprimindo o espírito nacional. Se o Brasil era uma nação, deveria possuir espírito próprio como efetivamente manifestara pela Proclamação da Independência;

decorria daí, por força, que tal espírito deveria manifestar-se na criação literária, que sempre o exprimia, conforme as teorias do momento (Candido, 2023a, p. 318).

De acordo com Bakhtin (1993), a identidade de um país, enquanto discurso, é tecida dialogicamente. Nesse viés, a nação como instrumento de poder deve apresentar em seus elementos “um vivo testemunho de um passado prestigioso e a representação eminente da coesão nacional” (Thiesse, 1999, p. 13). No entanto, nem todos os aspectos a serem escolhidos como símbolos nacionais e representantes da nação são reais, visto que os legados nem sempre são acessíveis aos povos. No caso brasileiro, em busca de uma identidade nacional, foram utilizados novos tipos sociais para representar o “ser brasileiro”, utilizando as figuras dos povos originários como heróis nacionais ao lutar por seu país. Entretanto, essa representação baseava-se na ideia do eu-branco sobre o outro, em uma visão de afastamento. Nesse sentido, mesmo que esse viés tenha colaborado no desenvolvimento das classes populares, principalmente da figura indígena e dos escravizados nas produções, as representações ainda eram vinculadas a ideias estereotipadas sobre essas camadas sociais e prevalecia a perspectiva das elites sobre esses públicos e suas vivências, uma vez que Nascimento (2018) salienta que os autores brancos não debatem o negro por meio da visão da raça.

Portanto, mesmo que Castro Alves tenha recebido o título de poeta dos escravos¹ pelo retrato desse público em suas produções, Bernd (1988) destaca que, diferente de Luiz Gama, o texto de Alves não é uma poesia do negro, e sim uma manifestação temática que encontrou nessa figura um novo protagonista. Esse novo personagem foi consequência do período vivido pré-abolição, em que na sociedade brasileira começava a se desenvolver a ideia da poesia como uma fonte de denúncia social, inspirada por Victor Hugo. Desse modo, “Castro Alves não chega realmente a implicar-se no processo: defende a libertação dos escravos por motivos humanos e humanitários; sua obra permanece, todavia, como uma visão do exterior” (Bernd, 1988, p. 58).

Observa-se, então, conforme Carneiro (2023, p. 40), que o conhecimento a respeito do negro é, muitas vezes, dissociado dos próprios negros e de seus questionamentos. Nesse sentido, a autora destaca que Luiz Gama “expressa outro momento de autoafirmação como sujeito no debate e reflexão abolicionista que se acha implicado”. Desse modo, diverso do que estava sendo feito no período por outros escritores, Gama manifesta-se como negro, utilizando

¹ O termo escravo denota a escravidão como uma condição inerente aos indivíduos negros, ou seja, atrelando esses indivíduos à condição de objeto e posse. Diferentemente, o vocábulo escravizado refere-se a pessoas que foram submetidas forçosamente à escravidão. Assim, enquanto o primeiro termo limita esses indivíduos à condição vivida, o segundo reconhece suas humanidades.

sua posição de jornalista para criticar o branqueamento e a difusão do racismo, por meio de um olhar interior, e não mais externo.

Além disso, a Lei Eusébio de Queiroz, promulgada em 1850, que proibia o tráfico negreiro para o Brasil, e a Lei do Ventre Livre, de 1871, que tornava livres os filhos de indivíduos escravizados nascidos no país, foram essenciais para a ideia de liberdade defendida pelos condoreiros. Assim, as produções com destaque no escravizado, como *O navio negreiro*, não eram uma tentativa das elites interferirem nos desafios do outro, mas sim de utilizar suas dores para seguir as demandas da época.

Defensor da causa da libertação dos escravos, Castro Alves não viveu a questão de seu ponto de vista interno, isto é, como ‘um deles’, mantendo sua crítica nos limites aceitáveis pela classe dominante, àquela altura já em grande parte também interessada em ver abolida a escravatura que, aliás, já havia sido extinta em quase todos os países da América (Bernd, 1988, p. 60).

Conforme aponta Cuti (2021), os abolicionistas tinham o objetivo de manifestar as injustiças da escravidão, destacando o atraso do país que continuava utilizando esse sistema. Porém, a esses autores não interessavam as consequências do sistema escravista para as suas vítimas, dessa maneira, renunciaram à causa após a proclamação das leis.

Nesse sentido, é importante diferenciar a perspectiva da utilização do negro na literatura brasileira, pois a ampliação no uso e na temática dessa camada a partir do Romantismo não significa uma transformação quanto à visão sobre esses povos nas obras. Por isso, Bernd (1988) salienta que Castro Alves não estava envolvido no processo e na luta negra, uma vez que ele apresentava essa classe por meio de uma visão distanciada. Desse modo, o autor continuava tratando esses povos como o outro, enquanto Luiz Gama se manifesta como o outro, visto que o autor se reconhecia como negro, causando uma mudança na literatura brasileira.

E é este assumir-se outro — que vai determinar toda uma mudança de ótica na literatura brasileira — que se constitui no novo e que irá funcionar como um divisor de águas para a conceituação. Se o discurso de Luís Gama pode ser considerado de uma literatura negra. Essa coincidência do eu lírico com o eu-que-se-quer-negro marca o trânsito de uma consciência ingênua para uma consciência crítica da realidade. Do ser que ainda não é para o que quer ser (Bernd, 1988, p. 56).

A respeito dessas diferenças quanto à presença do negro na literatura nacional, Proença Filho (2004) divide essas manifestações em duas: o negro como objeto e o negro como sujeito. A primeira ocorrência refere-se à presença dessa camada em temas e personagens, mas que salientam estereótipos e padronização do discurso dominante. Quanto à segunda manifestação, o negro aparece com sua própria voz, em que há o destaque das tradições e

costumes dessa camada social. Diante disso, é primordial considerar a ideia de Proença para compreender a literatura negra como afirmação da identidade cultural desses povos.

Além disso, Proença (2004) afirma que a literatura sobre o negro é evidente na cena nacional desde o século XVII, em que a procura pela identidade do país proporcionou a incorporação desse personagem nas artes. Porém, a presença dessa população é abordada ora como passiva diante da violência e do processo de colonização, ora associada à cultura europeia, em uma visão de assimilação do branqueamento. Por isso, o negro, nessa abordagem, é usado como um propagador da cultura branca ao ser estereotipado nas criações e não consegue fugir à visão escravista que dominava a sociedade.

No Realismo, período em que os autores prezavam pela exploração da realidade social do país, Machado de Assis conseguiu explorar elementos não descritos antes, como o viés psicológico. O brasileiro vale-se da ironia e sátira para criticar os problemas negligenciados pela sociedade da época, uma vez que nas obras de Machado “não há frase que não tenha segunda intenção ou propósito espirituoso” (Schwarz, 2000, p. 18).

Apesar de o Realismo ser um momento de grandes transformações, os negros não ganham papéis de destaque nos romances e tampouco falam por si. Ao se analisar a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, considerada uma das melhores obras da literatura brasileira, observa-se uma presença numerosa das camadas mais baixas, mas que possuem poucos destaques na narrativa.

Em *Memórias Póstumas*, é notória a decadência dos sujeitos apresentados como renegados e a reprodução de violências consolidadas na sociedade. Na narrativa, Dona Plácida, ainda que tente ascender socialmente através de diversos trabalhos, como doceira, professora e costureira, precisa se filiar a uma família rica para conseguir seu sustento. Além dela, Prudêncio, que havia sido escravo de Brás Cubas, quando mais velho, compra um escravo e reproduz as agressões sofridas.

Tais eram as reflexões que eu vinha fazendo, por aquele Valongo fora, logo depois de ver e ajustar a casa. Interrompeu-me um ajuntamento; era um preto que vergalhava outro na praça. O outro não se atrevia a fugir; gemia somente estas únicas palavras: – “Não, perdão, meu senhor; meu senhor, perdão!” Mas o primeiro não fazia caso, e, a cada súplica, respondia com uma vergalhada nova.

– Toma, diabo! dizia ele; toma mais perdão, bêbado!

– Meu senhor! gemia o outro.

– Cala a boca, besta! replicava o vergalho.

Parei, olhei... Justos céus! Quem havia de ser o do vergalho? Nada menos que o meu moleque Prudêncio, – o que meu pai libertara alguns anos antes. Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

– É, sim, nhonhô.

– Fez-te alguma coisa?

- É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.
 - Está bom, perdoa-lhe, disse eu.
 - Pois não, nhonhô. Nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!
- (Assis, 1998, 581-582).

Desse modo, o autor utiliza esses personagens para denunciar as desigualdades e a conservação de uma mentalidade atrasada e escravocrata no país. “Em suma, a vida honesta e independente não está ao alcance do pobre, que aos olhos dos abastados é presunçoso quando as procura, e desprezível quando desiste, uma fórmula aliás do adjeto humor de classe praticado por Brás e exposto por Machado de Assis” (Schwarz, 2000, p. 106).

Ainda abordando a obra machadiana, o conto “Pai contra mãe” mostra o duelo dos excluídos e a dominação dos mais fortes. Cândido Neves, que não conseguia ter estabilidade em trabalhos, foi compelido, a fim de sustentar seu filho e evitar que ele fosse doado à Rua dos Enfeitados, a adquirir um novo emprego: capturar escravos fugidos. Por causa desse ofício, recuperou uma mulher escravizada que estava grávida. Mesmo implorando para ser solta, ela é arrastada e torturada, o que ocasiona um aborto.

Assim, percebe-se que, mesmo pertencendo a uma camada popular, Candinho, vítima de uma sociedade escravocrata, contribuiu com a morte do filho da escravizada. Esse fator revela a luta pela sobrevivência entre as esferas mais baixas da sociedade, que, muitas vezes, tinham que atuar contra seus semelhantes por ordem dos mais ricos.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantêm a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem (Assis, 1997, p. 660).

Nessa narrativa, evidencia-se também a dominação da raça branca sobre a raça negra. Cândido Neves, como o próprio sobrenome indica, apesar de ser um homem pobre, é branco, o que lhe possibilita ainda escolher seus serviços e ações, enquanto Arminda, mulher negra, não consegue decidir por seu filho ou futuro, uma vez que é o homem branco que ordena sua vida. Assim, Machado demonstra a brutalidade da escravidão e o controle do poder sobre os marginalizados, ele quer evidenciar “como a miséria torna o pobre inimigo da sua própria classe e, como, dramaticamente, o desumaniza” (Neves, 2006, p. 36).

Nesse contexto, como acrescenta Schwarz (2000) a respeito de *Memórias*, nos textos machadianos, a pobreza aparece inserida em um sistema regrado, assim, possui uma finalidade: reproduzir a estrutura social vigente, em que conserva o próprio ciclo de miséria.

Ademais, quanto à presença do negro, observa-se o duelo de raças, em que a privilegiada vence e exerce seu poder quanto às demais, fazendo-as assimilar as discriminações quanto à sua comunidade, como ocorre com o personagem Prudêncio.

Quanto à presença dos negros no Naturalismo, percebe-se que, apesar do aumento dessas figuras nas obras do período, são evidentes ainda os estereótipos associados a esses personagens, descritos como transgressores das normas e adaptados às exclusões. Além do mais, as mulheres negras são sexualizadas e sempre vistas como objetos à mercê dos homens, como Rita Baiana e Bertoleza, na obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo.

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado (Azevedo, 2019, p. 9-10).

O trecho anterior demonstra a dura realidade de Bertoleza, que mesmo após a “libertação”, continua sendo triplamente explorada, porém agora pelo marido. A mulher realiza várias funções todos os dias, entretanto, de “cara alegre”. Esse trecho evidencia a submissão social e afetiva da personagem a João Romão. Contudo, ela termina sendo enganada pelo marido que, após ascender socialmente, a descarta. Assim, ela é vinculada a uma estrutura de dominação, composta por exploração e desigualdade.

De acordo com Cuti (2021), a temática negra na literatura brasileira até o simbolismo estava associada ao viés da comiserção e de prejudgmentos, em que a perspectiva era de fora da comunidade. Diante disso, os autores não retratavam os sentimentos, emoções e posicionamentos partilhados por esses povos.

O Modernismo brasileiro, considerado não somente um movimento literário, transformou o início do século XX, com a busca de inovações e o rompimento de tradições, como, por exemplo, linguagem erudita e padrões de versos. Apesar desses aspectos, Candido (2004) destaca que o Modernismo foi controverso, uma vez que os escritores, em busca de negar traços do passado, como a crítica de que os elementos “nacionais” defendidos pelos românticos eram artificiais, terminaram por forçar outros componentes. Portanto, os escritores modernistas, mesmo criticando os românticos, resgataram a busca de aspectos nacionais. Para

conseguir realizar essa ideia, os modernistas se utilizaram das camadas mais pobres, mas, conforme cita Cuti (2021), o destaque estava nos aspectos folclóricos desses povos, nos quais os seus desafios não eram expostos.

2.1 A literatura contemporânea e novas abordagens da literatura negra

A literatura contemporânea brasileira possui uma vasta diversidade de obras, autores e temas, que contempla toda a produção desde meados do século XX. No entanto, diversas vezes é desvalorizada por dar espaço a camadas que antes eram subrepresentadas, majoritariamente, como figuras secundárias, que não tinham o poder de contar suas próprias histórias.

Nesse contexto, a inclusão desses cidadãos representados como subalternizados, principalmente dos negros, conforme aponta Dalcastagnè (2012, p. 5), tem gerado incômodo nas camadas dominantes, em decorrência dos “ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes ‘não autorizadas’; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para pensar a literatura”. Esse fator pode ser explicado porque, durante muitos anos e até hoje, estes indivíduos permaneceram como as únicas vozes dos textos, representando a sociedade através do seu ponto de vista, sem considerar o outro. Diante disso, a possibilidade de novos olhares na literatura possibilita um campo de disputas ao indicar uma nova maneira de pensar esse sistema e sua comunidade.

Dessa forma, essa literatura trouxe mudanças quanto ao estudo do negro e à presença desse indivíduo nas produções brasileiras. Essa área foi influenciada pelo surgimento de movimentos e estudos que interferiram tanto na esfera social quanto na esfera acadêmica e política, como o Movimento Negro e os estudos culturais, que se mostraram contrários às teorias raciais espalhadas mundialmente, como, por exemplo, o racismo científico, a eugenia e a teoria do branqueamento.

As teorias raciais modernas se desenvolveram nos Estados Unidos e na Europa, no século XIX, contribuindo para o avanço do racismo estrutural. Mitos a respeito do racismo disseminavam a ideia de que esta discriminação havia sido extinta da sociedade após a escravidão. Essas teorias interferem fortemente no Brasil, apesar de terem sido negadas. Até o início dos anos 1990, os representantes brasileiros nos congressos mundiais destacavam o país como uma democracia racial, no entanto, ainda hoje, é evidente a difusão do branqueamento e a valorização de características eurocêntricas. Segundo Gonzalez (1982), essas crenças foram resultadas da união entre o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento, que

fazem com que o racismo seja mascarado. Nesse sentido, apenas após diversas disputas e estudos, o Movimento Negro conseguiu indicar o racismo como um elemento presente na estrutura da sociedade brasileira e desmistificar aspectos a respeito da temática, como afirma Gonzalez (1982, p. 18-19), ao destacar a diversidade de abordagens referente ao Movimento Negro Contemporâneo:

Na verdade, falar do Movimento Negro implica no tratamento de um tema cuja complexidade, dada a multiplicidade de suas variantes, não permite uma visão unitária. Afinal, nós negros, não constituímos um bloco monolítico, de características rígidas e imutáveis. Os diferentes valores culturais trazidos pelos povos africanos que para cá vieram (iorubas ou nagôs, daomeanos, malês ou mulçumanos, angolanos, congolese, ganenses, moçambicanos, etc.), apesar da redução à “igualdade”, imposta pela escravidão, já nos levam a pensar em diversidade. Além disso, os quilombos enquanto formações sociais alternativas, o movimento revolucionário dos malês, as irmandades (tipo N.ª S.ª do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos), as sociedades de ajuda (como a Sociedade dos Desvalidos de Salvador), o candomblé, a participação em movimentos populares, etc., constituíram-se em diferentes tipos de resposta dados ao regime escravista. Por outro lado, que se pense nos “ciclos” da economia e seus deslocamentos (não só da população escrava, mas dos centros de decisão política), assim como nas diferenças regionais que daí resultaram. Que se pense no advento da sociedade burguesa e das relações capitalistas, com seus abolicionismos e republicanismos. E que não se deixe de pensar, sobretudo, no caráter autoritário e racista da sociedade brasileira em geral, assim como nos diferentes meios que ela tem utilizado para concretizá-lo. Agora, se a gente junta tudo isso (e muito mais), uma pergunta se coloca: será que dá pra falar do Movimento Negro? (Gonzalez, 1982, p. 18-19).

Gonzalez (1982) afirma que é complexo abordar o que seria o Movimento Negro, dada a diversidade de variantes que esse fenômeno inclui. Nesse viés, não existe uma perspectiva única sobre esse aspecto, uma vez que foi construído desde as primeiras entidades que buscavam a associação dos negros, que incentivaram o desenvolvimento de movimentos negros de natureza ideológica.

Em São Paulo, estruturou-se a Frente Negra Brasileira (FNB), uma das primeiras e mais importantes organizações do Movimento Negro no país, uma vez que conseguiu mobilizar um grande contingente populacional em diversas partes do Brasil. Mesmo com sua extinção durante o Estado Novo, serviu de inspiração na luta contra o racismo e fortalecimento das identidades negras para o desenvolvimento de novos instrumentos, como o Movimento Negro Unificado.

No processo de surgimento do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial, que teve seu marco no ato público ocorrido nas escadarias do Theatro Municipal de São Paulo, é fundada a série *Cadernos Negros*, surgida também em 1978, apresentando um conjunto de contos e poemas de autores negros. Cuti (2021) destaca que o primeiro número teve seu lançamento no primeiro Festival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu). Os *Cadernos*

auxiliaram na luta antirracista, contribuindo na publicação de obras de escritores negros renegados pelo mercado editorial tradicional, além de favorecer o fortalecimento da consciência das identidades negras.

Nesse sentido, conforme o exposto, o Movimento Negro não indica uma uniformidade de ideias, mas se constrói pela diversidade de discussões, por isso, foi essencial para romper com aspectos incumbidos na sociedade, como o pensamento que considerava que o racismo não existia no Brasil, como salienta Gonzalez (1982). Ademais, ele revelou as implicações das teorias raciais e como estas afetam as várias áreas da vida cotidiana, uma vez que interferem na representação política, cultural e social.

Nesse viés, percebe-se também a relevância de outros estudos para o desenvolvimento do Movimento Negro Unificado, como, por exemplo, as relações entre os estudos culturais e os movimentos negros. O primeiro fornece ferramentas para compreender o racismo e outros elementos, como identidade, espaço de poder e representação, que serviram de reflexão para os *Cadernos Negros*. Desse modo, os estudos culturais propiciam novos conhecimentos na luta antirracista e auxiliam a transformar as estratégias de poder.

Assim, ao mesmo tempo que se desenvolviam as teorias raciais, apareciam intelectuais discordantes dessa perspectiva, como Franz Boas, antropólogo norte-americano, considerado responsável pela inserção da antropologia como disciplina. Boas, através das suas pesquisas sobre a cultura, principalmente por sua defesa do relativismo cultural, questionou a associação entre raça e cultura, assim, ele criticou a ideia de hierarquização entre povos baseados na cultura.

O sociólogo e historiador americano W. E. B. Du Bois também foi avesso às considerações raciais da época. Para Du Bois, a separação dos indivíduos em grupos ocorria pelas diferenças entre os seres, adotando uma perspectiva mais sócio-histórica para a ideia de raça, em contraste com o viés biológico defendido pelas teorias raciais americanas e europeias.

Conquanto essas forças sutis tenham em geral seguido a clivagem natural do sangue, da ascendência e das peculiaridades físicas comuns, noutras ocasiões elas passaram por cima destes e os ignoraram. Em todas as épocas, entretanto, elas dividiram os seres humanos em raças, que, embora talvez transcendam a definição científica, são, não obstante, claramente definidas aos olhos do historiador e do sociólogo. Se isso é verdade, a história do mundo é a história, não de indivíduos, mas de grupos, não de nações, mas de raças (...) Que é uma raça, então? É uma vasta família de seres humanos, em geral de sangue e língua comuns, sempre com uma história, tradições e impulsos comuns, que lutam juntos, voluntária e involuntariamente, pela realização de alguns ideais de vida, mais ou menos vividamente concebidos. (...) Mas, embora as diferenças raciais tenham seguido principalmente linhas físicas, nenhuma simples distinção física realmente definiria ou explicaria as diferenças mais profundas – a coesão e a continuidade desses grupos. As diferenças mais profundas são espirituais e psíquicas – indubitavelmente baseadas nas físicas, mas transcendendo-as

infinitamente. As várias raças lutam, cada qual à sua maneira, por desenvolver para a civilização sua mensagem particular, seu ideal particular, que hão de ajudar a guiar o mundo para cada vez mais perto da perfeição da vida humana pela qual todos ansiamos, 'que está muito distante do feito divino' (Du Bois. *apud* Appiah, 1997, p. 54).

O Movimento Negro brasileiro serviu-se das considerações de Du Bois, sobretudo da negação da supremacia de raças. Nesse viés, o movimento defendia a ideia de que cada raça poderia auxiliar, com suas especialidades e diferenças, na construção de uma nação, contribuindo para o surgimento da civilização.

Contudo, no Brasil, era disseminada pelo corpo social a ideia difundida mundialmente de que a raça influenciava na cultura e que esta marcava as desigualdades e diferenças entre os povos. Esse pensamento teve interferência do darwinismo social, que era muito empregado por autores do país, como Oliveira Vianna. Por meio do conceito, justificava-se o acesso dos brancos aos cargos de poder, por meio da teoria dos mais aptos, para legitimar as exclusões raciais através da ciência. Amilcar Pereira (2010) afirma que essa noção foi aplicada na construção da nação brasileira após a Proclamação da República, em decorrência da defesa do branqueamento realizada por intelectuais brasileiros que consideravam que esta ação traria progresso para o país.

A fim de contribuir para o branqueamento da população, o governo brasileiro forneceu subsídios para a imigração de europeus para o país, enquanto dificultava a entrada de indivíduos de outros continentes ao Estado, principalmente da África e da Ásia. Essa ação estava atrelada à posição das elites do país que consideravam a mestiçagem a remição do Brasil, principalmente por se apoiarem na perspectiva de que os cruzamentos inter-raciais com europeus dariam origem a um indivíduo com fenótipo branco. A favor dessa visão, encontram-se diversos autores, como Sílvio Romero, o qual afirma,

a distinção e a desigualdade das raças humanas é um fato primordial e irredutível, que todas as cegueiras e todos os sofismas dos interessados não têm força de apagar. É uma formação que vai entroncar-se na biologia e que só ela pode modificar. Essa desigualdade originária, brotada no laboratório imenso da natureza, é bem diferente da outra diversidade, oriunda da política, a distinção das classes sociais (Romero, 1894, p. 22).

Em 1970, o Movimento Negro contemporâneo estabelece-se no Brasil, com o objetivo de combater a discriminação racial e apagar o mito da democracia racial defendida pelas teorias raciais trazidas dos EUA e da Europa para o país. Nesse período, a compreensão e a percepção da negritude avançam, indicando a consciência racionalizada de si e dos outros. Apesar da importância desse movimento, ele é fruto de outras organizações dos negros no Brasil, como a Frente Negra Brasileira, a qual foi a maior associação política dos negros no

período. De acordo com Cuti (2021), no início do século XX já havia associações negras que incentivavam a escrita de autores negros, visando atingir também o público negro. Desse modo, os textos produzidos traziam embutida a consciência crítica.

O marco do Movimento Negro Unificado (MNU), criado em 1978, foi o protesto realizado no Teatro Municipal de São Paulo que criticava a morte de um negro em uma delegacia de São Paulo. Apesar de o termo movimento negro ter passado a ser utilizado pelos militantes da causa negra apenas nesse período, Pinto (2025) afirma que ele já havia aparecido em um jornal vinculado à Frente Única Brasileira.

Nesse sentido, os movimentos sociais voltados às causas negras no Brasil se assemelham às ideias de Du Bois, focadas no combate às hierarquias raciais e na busca da legítima democracia racial entre os povos. Assim, evidencia-se que o Movimento Negro foi criado com a finalidade de combater as exclusões raciais e auxiliar no desenvolvimento do país, principalmente, porque, de acordo com Hall (2003), a raça está profundamente relacionada à formação política e social de uma nação, uma vez que para o autor: “‘raça’ é uma construção política e social. É uma categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão — ou seja, o racismo” (Hall, 2003, p. 69).

A partir de 1980, por influxo do movimento negro no país, desenvolvem-se organizações na arte e na literatura voltadas à questão do negro, como a criação do Quilombhoje, em São Paulo, e o Negrícia, no Rio de Janeiro, os dois frequentados por Conceição Evaristo. Apesar de defenderem a causa negra, os grupos apresentavam diferenças quanto à metodologia utilizada para divulgar suas ideias e atrair o público negro, o que indica a variedade de debates sobre a literatura negra e as estratégias para combater o racismo no país.

As diferentes formas de atuação desses grupos - um voltado principalmente para a organização de uma publicação coletiva e outro para a "ocupação do espaço literário" em lugares onde a população negra marginalizada (e não necessariamente letrada) se encontrava - revelam uma divergência na concepção estratégica quanto à melhor forma de conscientizar da população negra. Semog caracteriza comicamente a relação entre o Quilombhoje e o Negrícia, contando que os dois eram "carne e unha... carne, unha e porrada! (risos)" (SEMOG, 2012: s.p.). Essas divergências, longe de caracterizarem uma simples polarização entre os grupos, se inseriam num momento de intensas discussões sobre literatura negra e, mais amplamente, sobre o movimento negro e as possibilidades estratégicas diante das mudanças conjunturais em curso (Machado, 2014, p. 54).

O desenvolvimento dos Estudos Culturais, na década de 1960, também contribuiu para o questionamento de noções consagradas na academia e, conseqüentemente, que dominavam o cânone literário. Além de ser adaptado a diversas áreas, os estudos culturais têm o propósito, segundo Cevalco (2003), de entender a relação entre cultura e sociedade,

considerando a cultura em toda sua diversidade, formada e destruída nas interações cotidianas existentes na sociedade.

Sandler (2005) destaca que, em seu início, essa área era atrelada à Sociologia e seus adeptos não se interessavam pela análise aguçada das obras literárias, assim, eles se centravam, sobretudo, no viés interpretativo das narrativas e na relação entre vida e obra dos autores. Contrários a essa noção disseminada nos ambientes universitários, os pesquisadores, posteriormente, ao se utilizarem dos estudos culturais, passaram a priorizar as funções sociais das produções e os contextos sócio-históricos em que estas estão envolvidas.

Ademais, essa área é incentivada pelo Movimento Negro e Feminismo negro que se desenvolviam no período. Esses movimentos sociais tornam-se objetos de estudo e causam rupturas no campo cultural ao questionar a adoção de métodos ultrapassados. O feminismo, por exemplo, como destaca Hall (2003), propôs uma reorganização para essa área ao abordar a noção de poder associada à questão de gênero e sexualidade. Assim, o feminino expôs a estrutura patriarcal evidente na sociedade e que interferia na representação de gênero na modernidade.

Carneiro (2023) expõe que as investigações a respeito do negro foram instigadas pela antropologia e, de acordo com o desenvolvimento desses estudos, outras áreas foram se envolvendo nas discussões sobre o tema. Salienta-se, então, a influência dos estudos culturais para a progressão das ideias sobre raça e, conseqüentemente, o entendimento da forma como elas afetam a sociedade.

Por conta de sua grande variedade metodológica, diversidade de discursos e posicionamentos, e também pela crítica às abordagens tradicionais, ocorreu a difusão dessa área principalmente entre as classes menos favorecidas. Esse aspecto é decorrência da intervenção dos movimentos sociais, além da natureza interdisciplinar desses estudos que aumentaram o alcance das produções a públicos socialmente subalternizados.

Cabe destacar que a multiplicidade da literatura contemporânea é influenciada também pelo contexto histórico, marcado por desenvolvimento tecnológico e golpes, que geraram incertezas para a população brasileira. Assim, essa literatura marca o conflito do homem pós-moderno, o qual proporcionou a mistura de tradição e inovação. Além do mais, o domínio da literatura contemporânea no Brasil coincide com a ampliação das universidades, o que proporcionou uma melhora nos estudos literários, que passaram a debater novas representações. Segundo Candido (2023b), esse desenvolvimento foi primordial para o progresso nas análises dos excluídos, que foi auxiliado pelo Marxismo e pela Filosofia da Cultura.

Embora as mudanças elencadas na literatura brasileira contemporânea tenham contribuído para uma ampliação tanto na autoria quanto na representação das classes populares, é notório, como cita Dalcastagnè (2012), a carência de autores pertencentes a esse público. Esse fator é causado mesmo com a ampliação do público leitor e da imprensa, uma vez que esses indivíduos, diversas vezes, não conseguem obter notoriedade, porque são frutos de um sistema que continua os renegando em diferentes espaços. Assim, é perceptível que os sujeitos representados como excluídos continuam tendo suas vidas controladas pelas camadas mais ricas.

Sobre isso, Cuti (2021) destaca que a recepção das obras literárias é composta sobretudo pelo público branco. Dessa maneira, essa audiência institui o código de aceitabilidade, no qual criticar a superioridade racial não é tolerado por esses leitores, pois estes defendem a subordinação das demais camadas aos brancos. É evidente, então, que os textos, os quais destacam a subjetividade negra, terão evidência com o aumento do público leitor negro, ocorrido pelo crescimento da escolaridade.

Nesse contexto, um dos povos mais afetados no seu retrato nas produções atuais é a população negra. Dalcastagnè (2008) afirma que esse povo não é apenas inviabilizado, mas possui também suas opressões excluídas das narrativas, e, conseqüentemente, são desconsiderados os efeitos que essas ações geram na qualidade de vida dessas pessoas.

A questão se torna ainda mais problemática ao se analisar a carência de mulheres negras na literatura. Essa condição, segundo Dalcastagnè (2012), é marcada por duas discriminações: raça e gênero. O primeiro aspecto é fruto de uma sociedade racista, que mesmo após a escravidão continua perpetuando o abuso, o autoritarismo e a exploração aos negros. Em relação ao gênero, é perceptível um número ainda menor de mulheres na autoria, causado por um sistema patriarcal que nega as funções de direção e de transmissão da própria história a esse público.

Assim, é evidente que a literatura vigente não é plenamente acompanhada da modernidade que seu nome prenuncia, já que ela ainda limita os direitos das mulheres negras, seja o de falar por si e pelos seus ou o de ser ouvida. Essas insuficiências fazem com que a história permaneça sendo contada através de uma única perspectiva, o que proporciona uma sociedade que não reflete sobre o outro, como aponta Dalcastagnè (2008, p. 206),

embora o romance contemporâneo venha perseguindo reiteradamente, em seu interior, a multiplicidade de pontos de vista; do lado de fora da obra, não há o contraponto; quer dizer, não há, no campo literário brasileiro, uma pluralidade de perspectivas sociais. De acordo com a definição de Iris Marion Young, o conceito de “perspectiva social” reflete o fato de que “pessoas posicionadas diferentemente [na sociedade]

possuem experiência, história e conhecimento social diferentes, derivados desta posição”. Assim, negros e brancos, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de diferentes maneiras. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo social a partir de uma perspectiva diferente.

Em decorrência da ampliação no panorama da atualidade, no espaço da escrita, aliada à literatura contemporânea, outra vertente se manifesta, a literatura marginal/periférica. No Brasil, essa corrente surge pela primeira vez através da chamada Poesia Marginal, ocorrida na década de 70. Os autores desse movimento, por não terem laços na área editorial, realizavam a própria produção e circulação de seus textos. Assim, esse movimento foi caracterizado por uma resistência dos escritores que se valeram de uma literatura independente para expressarem sua cultura e criarem seu espaço em um sistema que os negava.

Conforme destacam Silva e Azevedo (2009), o comportamento dos poetas em criar uma nova forma de manifestação não dizia respeito apenas à circulação dos textos, mas também a um questionamento aos parâmetros burgueses da época. Assim, era comum encontrar linguagem coloquial, irônica e temáticas voltadas ao dia a dia. Diante disso, são inegáveis as diferenças quanto aos poetas anteriores.

A ‘marginalidade’ desse grupo de escritores também conhecidos como geração mimeógrafo diz respeito, então, como pudemos observar, à sua relação com o mercado editorial, já que as obras eram confeccionadas pelos próprios poetas que também eram os grandes distribuidores do seu produto: venda de mão em mão, propaganda boca a boca, mantendo um contato presencial com seu potencial leitor em teatros, shows, cinemas e bares. O poeta dos anos 70 já não é mais o mesmo preso a ‘torres de marfim’, diferente de todo aquele distanciamento proposto, daquela atemporalidade pretendida em diferentes épocas literárias, este ‘poeta marginal’ entra em contato direto com seu público leitor, começando a (des) construir uma noção de escritor (Silva; Azevedo, 2009, p. 6).

É necessário ressaltar que, embora empregada a denominação “marginal” para esse movimento, este não possui como figuras centrais as classes menos favorecidas, uma vez que os autores eram predominantemente da classe média ou de grupos sociais mais altos, como Ana Cristina Cesar, Nicolas Behr e Zuca Sardan. Dessa maneira, esse termo era utilizado no sentido de ser uma oposição à cultura vigente, quer dizer, por optarem pela divulgação por meios alternativos.

No final do século XX, a expressão marginal volta a circular no campo da literatura, agora relacionada a outros agentes: as classes populares. Nesse momento, passou a ser denominada de literatura marginal-periférica as obras produzidas por autores pertencentes à periferia que retratam seus hábitos e seus obstáculos sociais. Nesse contexto, os autores destacam seu próprio contexto sócio-histórico.

De acordo com Nascimento (2006), os novos literatos não desejam que seus textos tenham uma reprodução marginal que seja diversa dos padrões de divulgação, embora muitas vezes sejam suas únicas alternativas para exporem seus textos. Esse aspecto os diferencia dos autores anteriores que buscavam subverter os modelos consagrados, conforme enuncia Nascimento (2006, p. 20):

há dois outros dados que merecem destaque. O primeiro deles diz respeito à relação que as duas gerações de escritores marginais estabeleceram com o mercado editorial, pois, enquanto os poetas dos anos 1970 se opunham ao circuito oficial de editoração, os escritores da periferia (tanto aqueles que ainda não lançaram nenhuma obra como os que já publicaram de maneira independente) anseiam fazer parte do rol de uma grande editora, até mesmo como uma forma de reconhecimento das suas expressões narrativas. O outro dado relevante está relacionado à classificação externa, atribuída pelos estudiosos e imprensa da época aos poetas marginais setentistas, em contraste com a auto-atribuição do termo marginal por parte de alguns escritores oriundos da periferia.

Diante do exposto, é perceptível a maior abordagem no final do século XX não só das classes populares, mas também dos espaços e violências que elas enfrentam. Além disso, os artistas se valiam da literatura ou de outras formas de expressão, como a música, por exemplo, o Hip Hop, para mostrarem a cultura periférica, assim, falam ou permitem a expressão de suas vivências em prol da comunidade a que pertencem.

Apesar das contribuições que os autores que faziam parte da geração marginal dos anos setenta e noventa trouxeram para a literatura, o desenvolvimento dos subalternizados não inicia com eles. Em 1960, foi publicada no Brasil a obra que revolucionou a representação das classes populares na literatura: *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.

Carolina Maria de Jesus, negra, nascida em Minas Gerais, trabalhadora doméstica e coletora de materiais recicláveis, apesar dos poucos anos de educação formal, escreveu um conjunto de diários, relatando sua vivência na favela do Canindé, em São Paulo. A escritora, por meio da rede de apoio editorial do jornalista Audálio Dantas, reuniu seus textos em uma única obra e publicou em 1960. *Quarto de despejo* alcançou grande sucesso de público logo na primeira edição e foi traduzido para treze idiomas. Dessa forma, trouxe visibilidade para o dia a dia dos oprimidos e para os problemas estruturais existentes no país, como as sequelas deixadas pela escravidão.

Essa obra é uma importante fonte de denúncia, principalmente por ser produzida durante o período em que o Brasil vivia um conjunto de transformações políticas, econômicas e sociais, marcadas pela urbanização em decorrência do aumento das fábricas. Esse crescimento das cidades contribuiu para a criação de favelas, ambientes que agregam principalmente

trabalhadores que não têm recursos suficientes para viver nos centros das cidades, dessa forma, habitam a sua margem, uma vez que prestam serviços para as populações centrais.

O primeiro aspecto que torna essa produção importante para a literatura contemporânea é o fato das vivências dos indivíduos à margem serem contadas através da própria história de vida da autora. Esta não narra a partir de uma visão distanciada, mas por meio da sua própria coletividade. Dessa forma, não se trata de narrar o “outro”, como ocorria na literatura brasileira, mas de descrever o “eu”, apresentado na narrativa por meio da primeira pessoa e das datas destacadas. Esses elementos tornam esse texto um retrato rotineiro do Brasil do período.

Segundamente, na narrativa, é evidente a consciência de classe da autora, que percebe as diferenças de tratamento e os privilégios das camadas mais ricas. Esse aspecto é apresentado no próprio título do livro, *Quarto de despejo*, que era como a personagem entendia a favela, em contraponto com os demais espaços: “quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (Jesus, 1960, p. 33).

Dessa forma, fica notória a diferença nos lugares frequentados pelos sujeitos tratados como marginalizados e pelas camadas favorecidas, em que, mesmo quando os excluídos conseguem adentrar os ambientes sofisticados, não se sentem pertencentes, uma vez que são vítimas de um sistema opressor que os impossibilita de ascender e ocupar campos dignos. Assim, esses espaços permitem que os indivíduos percebam as negações feitas à sua comunidade e o afastamento do seu povo das áreas de poder e, conseqüentemente, consigam identificar seu lugar em um país desigual.

Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. Quem não nos despresou foi o fubá. Mas as crianças não gostam de fubá (Jesus, 1960, 43-44).

Apesar do sucesso do seu primeiro livro, Jesus não alcançou êxito com suas demais produções, assim, foi esquecida pela mídia e pelo público, terminando a sua jornada sem conseguir ascender socialmente e sem o merecido prestígio. Além disso, suas obras, assim como as de outros autores afro-brasileiros, são constantemente avaliadas como não pertencentes à literatura, por não possuírem algum “elemento” dito consagrado por aqueles que fazem o cânone literário, composto, sobretudo, por homens brancos. Esse aspecto faz com que seus

textos sejam vistos somente como testemunhos da vida da autora, como se não revelassem também uma crítica ao país atrasado e conservador, e às desigualdades evidentes no Brasil, sobretudo aos negros.

A respeito disso, Dalcastagnè (2012) declara que Carolina inicia seu percurso entendendo que estava em uma condição inferior à dos demais autores, portanto, ela era ciente de que precisava comprovar o seu valor e também de seus textos, a fim de que estes fossem vistos como literatura. Cabe notar que *Quarto de despejo* precisou de rede de apoio das camadas mais altas para que fosse divulgado e difundido. Dessa maneira, é visível a discriminação com as camadas mais baixas, que, mesmo produzindo textos que representem sua sociedade, precisam legitimá-los para a sociedade, uma vez que são frequentemente associados a uma qualidade “menor” por se distanciarem do ponto de vista defendido pelos autores consagrados. Nesse sentido, “é como se a sociedade brasileira estivesse disposta a ouvir as agruras de sua vida, e só. Ou como se a alguém como Carolina Maria de Jesus não coubesse mais do que escrever um diário, reservando-se o “fazer literatura” àqueles que possuem legitimidade social para tanto” (Dalcastagnè, 2008, p. 96).

De maneira geral, impulsionada pelo Movimento Negro e por Carolina, a partir dos anos setenta, houve uma maior manifestação no Brasil e defesa de uma identidade pelos negros, que passaram a se reunir em coletivos, como o Quilombhoje. Esses movimentos foram realizados para discutir uma literatura que conseguisse refletir sobre as discriminações impostas às camadas negras e também a fim de assumir o pertencimento à comunidade negra.

Em 1978, ocorreu a primeira publicação da série *Cadernos Negros*, que proporcionou visibilidade para os escritores afro-brasileiros. A partir das reuniões ocorridas em torno dos textos dos *Cadernos*, foi criado, em 1980, o Quilombhoje. Esse coletivo busca debater e fomentar a vivência afro-brasileira na literatura. Assim, por meio desses elementos, a literatura negra alcançou maior repercussão e recepção, o que, segundo Duarte (2010), contribuiu para sua legitimidade e entrada nas universidades.

Nesse contexto, essas mobilizações foram essenciais para uma maior e melhor representação de uma camada que permanecia em segundo plano nas produções brasileiras: os negros. Esses indivíduos não serão apenas temas das obras, mas também terão evidenciadas suas trajetórias, lutas, costumes e o apagamento social de sua cultura. Nesse contexto, entrará em debate o conceito de literatura negra como uma forma de distinguir a literatura que aborda aspectos sobre o negro, em uma visão de afastamento, da literatura negra propriamente.

Em torno das inúmeras definições de literatura negra, uma das mais empregadas seria a de uma literatura produzida por autores negros, que afirmam sua etnia, utilizam o negro

em suas produções e narram as suas histórias, visando defender sua comunidade. No entanto, essa definição, de acordo com Duarte (2021), restringe aquele conceito, porque elimina dessa abordagem autores que, por conta de seu contexto histórico, não podiam assumir sua raça e, assim, não conseguiam realizar a defesa de forma explícita da condição de sua comunidade em suas narrativas. Além disso, o autor também discorda da classificação de Proença, que divide a literatura negra em duas.

À luz dessas observações, será negra, em sentido restrito, uma literatura feita por negros ou descendentes assumidos de negros, e, como tal, reveladora de visões de mundo, de ideologias e de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas, se caracteriza por uma certa especificidade, ligada a um intuito claro de singularização cultural. Lato sensu, será a arte literária feita por quem quer que seja, desde que reveladora de dimensões peculiares aos negros ou aos descendentes de negros (Proença Filho, 1988, p. 78).

Segundo Duarte (2021), essa terminologia faria com que o conceito abrangesse, além das obras empenhadas na defesa dos negros, também as que apresentam visões estereotipadas a respeito desse público. Dessa forma, o professor defende que o termo literatura afro-brasileira seria o mais adequado a ser utilizado.

Nesse contexto, vejo no conceito de literatura afro-brasileira uma formulação mais elástica (e mais produtiva), a abarcar tanto a assunção explícita de um sujeito étnico – que se faz presente numa série que vai de Luiz Gama a Cuti, passando pelo “negro ou mulato, como queiram”, de Lima Barreto –, quanto o dissimulado lugar de enunciação que abriga Caldas Barbosa, Machado, Firmina, Cruz e Sousa, Patrocínio, Paula Brito, Gonçalves Crespo e tantos mais. Por isso mesmo, inscreve-se como um operador capacitado a abarcar melhor, por sua amplitude necessariamente compósita, as várias tendências existentes na demarcação discursiva do campo identitário afrodescendente em sua expressão literária (Duarte, 2021, p. 27-28).

Contudo, Duarte (2021) afirma que é necessário compreender que, para uma obra ser considerada pertencente à literatura afro-brasileira, ela deve possuir temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público que se relacionem com a questão negra. Não sendo suficiente uma narrativa apresentar apenas a temática voltada aos descendentes africanos para ser inserida nessa noção. Portanto, todos os cinco elementos citados anteriormente devem ser conectados para haver assim uma produção afro-brasileira.

Cuti (2021) ressalta que nomear de afro-brasileira ou afrodescendente os produtos de negros brasileiros é uma forma de afastar essas produções do seu viés nacional, assim, aproximando-as da literatura africana, sem considerar que a África é composta de vários países, com costumes diversos. Diante disso, a terminologia adequada para definir as obras desses artistas seria: literatura negro-brasileira, pois esses vocábulos conseguem indicar a atuação desses indivíduos no destino do país.

Portanto, é relevante ponderar que, apesar das influências, a história da população negra brasileira não é similar à dos povos africanos, assim é necessário diferenciar suas problemáticas e vivências, marcadas por outros modos de vida e interferências. Esse viés ressalta, então, a necessidade de não enquadrar a literatura negro-brasileira como literatura africana, uma vez que abrange diferentes enfoques culturais, sociais e políticos. Sobre isso, Nascimento (2018, p. 49) afirma que apenas construindo a própria história, os indivíduos são capazes de enxergar o seu “eu”: “antes de mais nada pretos, brasileiros, sem sermos confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa História é outra como é outra nossa problemática”.

Em consonância com as discussões sobre a noção de literatura negra, diversas vezes, esse campo é visto pela sociedade como não pertencente à literatura brasileira, sendo considerado outra área. Esse aspecto contribui para que essa literatura seja vista isoladamente, considerando apenas o próprio círculo. Entretanto, isso inferioriza essas produções, uma vez que elas não podem, segundo essa perspectiva, ser colocadas ao mesmo nível das obras célebres do país.

Além disso, essa distinção elimina a comunidade negra da formação cultural brasileira, como se essa camada não tivesse um papel de destaque na identidade dessa nação e suas obras não fossem também uma denúncia das condições de uma das maiores partes da população do país. Assim, em concordância com as ideias de Proença e Cuti, a literatura negra não deve ser afastada da literatura brasileira, nesse viés, suas obras devem ser estudadas e avaliadas conforme os critérios de arte literária.

2.2 A escrituragem de Conceição Evaristo

Em torno das discussões sobre a área, um novo e importante nome surge na literatura negra: Conceição Evaristo. A autora iniciou sua trajetória literária por meio da publicação dos contos “Di Lixão” e “Maria” na série *Cadernos Negros*, no ano de 1990, abordando a dura realidade das camadas menos favorecidas, por meio da observação do seu próprio meio social. Assim, a autora representa uma nova forma de perceber esses povos, principalmente por destacá-los por meio de seus costumes, trajetórias e lembranças.

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. A autora cresceu na favela Morro do Pindura Saia, situada na zona sul da capital. Filha de uma lavadeira e de um pedreiro (seu padrasto), cresceu na companhia

de suas três irmãs, Maria Inês, Maria Angélica e Maria de Lourdes, filhas do mesmo pai e mesma mãe, e também de outros cinco irmãos, filhos do novo relacionamento de sua mãe.

Em decorrência das dificuldades financeiras dos pais, ainda na infância, foi morar com os tios, que não tinham filhos. Apesar de possuir uma vida mais estável que seus irmãos, desde cedo exerceu diversas atividades domésticas como uma forma de garantir seu sustento e também em busca de uma vida melhor, já que ainda criança ela gostava de estudar: “troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos” (Evaristo, 2009a, local. 2).

Apesar da paixão pelo estudo, sua trajetória escolar também foi marcada por desafios. Sua mãe a matriculou em uma escola longe de sua residência para que a menina tivesse uma maior qualidade na sua educação, uma vez que as escolas da vizinhança tinham um ensino precário. Porém, devido ao público daquela escola ser composto, majoritariamente, pelas classes mais altas, as demais camadas enfrentavam discriminações, como foi o caso de Conceição e seus irmãos.

Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no Curso Primário experimentei um ‘apartaid’ escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o Curso Primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. Entretanto, ao ser muito bem aprovada da terceira para a quarta série, para minha alegria fui colocada em uma sala do andar superior. Situação que desgostou alguns professores. Eu, menina questionadora, teimosa em me apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros. Além de minhas inquietações, de meus questionamentos e brigas com colegas, havia a constante vigilância e cobrança de minha mãe à escola. Ela ia às reuniões, mesmo odiando o silêncio que era imposto às mães pobres e quando tinha oportunidade de falar soltava o verbo (Evaristo, 2009a, local. 2).

Observa-se que a escola era, então, marcada por práticas segregatórias. Os andares superiores eram destinados às camadas envolvidas no poder, ou seja, eram compostos por brancos, os quais recebiam todos os privilégios. Enquanto isso, cabia aos indivíduos negros os porões, ambientes insalubres e com péssimas condições, como uma maneira de afastar e segregar aqueles que eram considerados “inferiores”. Esse fato demonstra que o passado colonial exerce seus efeitos no presente, uma vez que, saídos dos porões dos navios, esses indivíduos foram aglutinados nos porões de outras instituições.

Na década de setenta, Evaristo mudou-se para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades na área educacional, enquanto sua família enfrentava o processo de desfavelamento. Foi nessa cidade que a autora entrou em contato com movimentos sociais, como o Movimento Negro, o qual busca a valorização da comunidade negra. Esses movimentos foram fundamentais para que Evaristo estudasse a literatura negra, tanto no Mestrado em Literatura Brasileira pela PUC (RJ), cuja dissertação possui como título: *Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*, quanto no Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2011), em que possui como tese: *Poemas malungos - cânticos irmãos*. Além disso, eles também contribuíram com a publicação de seus textos na série *Cadernos Negros*.

Diante disso, Conceição Evaristo, escritora negra contemporânea, rompe com padrões instituídos pelo discurso hegemônico na literatura ao retratar em suas narrativas a vivência dos socialmente excluídos, sobretudo das mulheres negras, comunidade a que pertence. Evaristo (2020) destaca que o ato de escrever sobre a sua comunidade é uma forma de acabar com o controle que as classes mais privilegiadas exerciam sobre as demais ao escrever sobre elas, a chamada “escrevivência”.

Evaristo destaca, em uma entrevista concedida ao jornal Nexo, no ano de 2017, que ao utilizar o termo, ela não teve a pretensão de criar um conceito, mas de fazer a ligação entre as palavras escrever e viver, o que deu origem ao vocábulo escrevivência. Assim, o termo foi utilizado para destacar a escrita como uma ferramenta importante para expressar e evidenciar a história de si.

Para a mineira, a literatura assume a função de abrigar e divulgar as experiências daqueles que durante muitos anos foram silenciados. Desse modo, segundo Fonseca (2023, p. 21), ocorre uma ligação entre literatura e história, na qual as vivências que fazem parte desta última, ao adentrar o campo da primeira, adquirem novos contornos, transformando-se em uma ficção de memórias. Assim, a “escrevivência torna-se uma estratégia escritural que almeja dar corporeidade a vivências inscritas na oralidade ou a experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita literária”.

Ao explicar a essência do termo escrevivência e sua relação com a diáspora, Evaristo (2020, p. 29) afirma que a Mãe Negra é a representação central do conceito: “a imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora”. Essa mulher era obrigada a silenciar-se e realizar os caprichos

dos brancos, mesmo que eles nunca tenham cedido suas posições e se importado com seus antecessores.

E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo (Evaristo, 2020, p. 29).

Nesse viés, a escritora explica que a escrevivência permite destruir ações passadas, como o silenciamento dos corpos e das vozes dessas mulheres, que não tinham controle sobre esses elementos. Assim, através da escrevivência, tem-se o poder das mulheres negras expressarem suas trajetórias e destruírem o controle que os brancos exerciam sobre seus corpos e seu ser. A escrita, então, revela-se como instrumento em que esses indivíduos podem expressar suas tradições, vontades e preservar suas memórias.

E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: ‘a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos’ (Evaristo, 2020, p. 30).

Esse posicionamento de Conceição é essencial para romper com a ideia de inferioridade racial defendida por escritores brancos ao representarem os negros em suas ficções e projeções. Eles utilizavam dessa perspectiva para obter a simpatia do público branco, que constituía a maioria leitora do país, o que, para Cuti (2021, p. 65):

trata-se de uma construção imagética para consumo e apaziguamento do leitor branco, levando-o a justificar para si mesmo a situação social de miserabilidade da população negra, experimentando o reforço das ideias de hierarquia racial, ao mesmo tempo o sentimento de aversão, e, em certos casos, de comiseração, pois quando o leitor tem pena da personagem sente-se superior a ela.

Diante do apresentado, a escrita é a alternativa encontrada pela autora para que as camadas populares possam narrar suas existências e de suas comunidades. Desse modo, esse instrumento auxilia na conservação dos trajetos dessas pessoas, contribuindo na construção da identidade coletiva, uma vez que o público leitor negro ainda encontra limitações quanto ao acesso aos livros, em virtude de toda a estrutura de poder que afasta esses indivíduos de formas

do saber, como salienta Carneiro (2023), e, conseqüentemente, da oportunidade de reconstruir a história ditada como “oficial”.

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (Evaristo, 2005, p. 202).

De acordo com Miranda (2023), a escrevivência envolve um processo duplo: político e epistemológico, uma vez que a escrita é vista como um direito, que foi negado às mulheres negras durante muitos anos e que continua sendo apagado. Esse direito também está profundamente relacionado à garantia de uma vida digna. Assim, para Miranda (2023, p. 56), as experiências e trajetórias contribuem com a construção literária, em que “assume-se que a vivência, embora parta da realidade, é elaborada/tecida/significada no ato da escrita”. Desse modo, há um cruzamento entre escrita e experiência, o qual quebra o silêncio imposto aos seres renegados historicamente.

Nesse sentido, a escrevivência diz respeito a uma estratégia de poder ao afirmar as experiências femininas negras, destacando esse sujeito étnico e sua subjetividade, que foram renegados no âmbito da história nacional. Coser (2023) destaca que Conceição Evaristo sabe utilizar seu lugar de fala e os recursos à sua disposição na atualidade para defender a justiça social, conseguindo alcançar destaque também no cenário internacional, em que se une à diáspora africana nas Américas.

Portanto, Conceição quebra o silêncio imposto aos representados como subalternizados, não somente na reconstrução desses indivíduos, por meio de novas abordagens na composição de personagens e de seus espaços, mas também na possibilidade de escrever pela sua própria classe, em um ambiente em que o discurso é reservado aos grupos sociais com mais prestígio. Dessa maneira, esse aspecto proporciona que uma nova voz entre em cena na literatura, a voz da mulher negra que tem consciência da sua realidade e dos problemas enfrentados por seu povo. Conceição, através da escrita, consegue apoderar-se do discurso, o que significa, como afirma Cuti (2021), um ato de poder, pois o modelo discursivo predominante na literatura é o europeu, assim, a autora ao trazer outra perspectiva questiona o modelo vigente e insere nesse campo a perspectiva de se assumir negra.

Nesse viés, a presença dessa figura na literatura nacional rompe com o processo de apagamento e afastamento das mulheres negras, em um país caracterizado sobretudo pelo machismo e patriarcado, que negam os instrumentos de poder e espaços de prestígio a esse

gênero, principalmente às afro-brasileiras. Em vista disso, as mulheres são vítimas de diversos tipos de preconceito, como aponta Teixeira (2020, p. 298):

[...] Por isso, é preciso dar ênfase, apontar que mulheres negras ficaram desvantajosamente condicionadas às hierarquias de gênero, raça e, na maioria dos casos, também de classe. É, então, que entra em questão a marginalização histórica das mulheres negras e uma das principais implicações causadas por esse processo, que é a negação do direito à palavra a essas mulheres. Laura Padilha (1999) registra que o acesso ao texto verbal lhes era duas vezes barrado: por serem mulheres e africanas. Encher de palavras o silêncio histórico foi para elas uma árdua e difícil conquista.

No caso brasileiro, as mulheres negras sofrem restrições em diversos espaços, em que o passado colonial continua interferindo em seu cotidiano, inclusive na possibilidade dessas cidadãs expressarem suas histórias. Além disso, elas não são afetadas apenas por sua raça e gênero, mas também por um conjunto de outros fatores, que juntos agem e influenciam na condição dessas mulheres, ou seja, observa-se a interseccionalidade, uma vez que “a interseccionalidade fornece estrutura para explicar como categorias de raça, classe, gênero, idade, estatuto de cidadania e outras posicionam as pessoas de maneira diferente no mundo”. (Collins; Bilge, 2021, p. 33).

Apesar do avanço na literatura contemporânea pela entrada das vozes desses sujeitos socialmente marginalizados, observa-se, segundo Dalcastagnè (2012), que na narrativa contemporânea é evidente a falta de exemplos de escritores pertencentes às camadas populares. Esse fator é fruto de um sistema que os exclui em diferentes esferas, como na política, economia e social, e que os faz crer que não possuem condições de realizar literatura.

É assim que determinadas categorias sociais, que são excluídas do universo da política - trabalhadores e mulheres, por exemplo -, tendem a se julgar incapazes de ação política e, portanto, a aceitar a posição de impotência em que foram colocadas. O mesmo se pode dizer da expressão literária. Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. No entanto, eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de literatura exclui suas formas de expressão (Dalcastagnè, 2012, p. 19-20).

Nesse contexto, Evaristo é uma das exceções na literatura brasileira por expressar em suas obras aspectos que se ligam à realidade de muitos cidadãos rejeitados historicamente a partir de uma perspectiva que durante muitos anos permaneceu inacessível: o ponto de vista da comunidade da qual se fala. Esse novo olhar retrata as camadas populares através de suas vivências, em que esses sujeitos são os destaques dos romances, e não mais figuras de fundo como acontece em muitos autores. Conforme Evaristo (2020), suas narrativas não possuem a intenção de representar os brancos, mas, sim, de focalizar os sujeitos subalternizados, seus

sentimentos e pensamentos, em uma visão diversa dos estereótipos construídos em torno desses indivíduos. Esse posicionamento pode ser explicado pela mineira ter consciência da função de suas obras como promotoras e guardiãs das memórias e trajetórias marcadas pelo racismo. Dessa forma, suas produções são, para Fonseca (2023, p. 17), “um espaço que acolhe os relatos de vidas marcadas pela escravidão ou pelas agruras dela decorrentes. Essas experiências são recuperadas por estratégias que instalam, no ato de escrever, as emoções do experimentar e do viver”.

Portanto, as obras da mineira expressam um contraponto ao tradicional modelo circulante no cânone, uma vez que, segundo uma pesquisa realizada por Dalcastagnè (2008), através das obras publicadas pelas principais editoras do Brasil, verificou-se que aproximadamente 80% dos personagens da literatura brasileira são brancos. Esse dado indica a importância de se ter outras posições e pontos de vista nessa área, para que assim o público possa desenvolver também seu pensamento crítico e visualize os empecilhos de outros corpos sociais.

Em relação à representação nos textos da mineira, percebe-se uma grande diversidade de classes populares, como trabalhadoras domésticas, operários, mulheres, escravizados e trabalhadores. Esses não terão como características principais seu físico, mas as suas experiências e memórias, as quais contribuem para a criação de uma identidade, não apenas individual, mas também coletiva. Além disso, a autora, através dessas camadas, expressa diversas temáticas frequentes no cotidiano do país, cabe destacar o racismo, o abuso sexual e a desigualdade social. Dessa forma, Ferreira et al. (2021) apontam que os tipos sociais dos romances dessa escritora serão destacados por diferentes ângulos que emitirão suas próprias existências.

Ademais, a autora retoma elementos africanos nos textos sem que haja um viés negativo associado a eles, como é frequente no cânone literário. Nesse sentido, suas obras defendem a afirmação das identidades negras, a partir da valorização dos costumes e tradições desses povos, rejeitados pelo processo de escravidão que continua deixando suas marcas de exclusão até hoje, em decorrência do mito da democracia racial, o qual torna implícitas as desigualdades, segundo Lélia Gonzalez (2020). Dessa forma, Evaristo (2009b, p. 19), ao comentar sobre esse procedimento, afirma:

sem pretensão de esgotar a temática sobre o que seria a literatura afro-brasileira, as considerações aqui levantadas apenas buscam situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico. Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa

a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral.

A autora, no prefácio da terceira edição de *Ponciá Vicêncio*, destaca que para as escritoras negras, como ela, o ato de escrever adquire um duplo sentido político, visto que elas, além de passarem pelo processo de exclusão por causa de seu gênero, também são vítimas da discriminação por conta da etnia e classe social. Esses elementos contribuem com os entraves nas publicações de suas obras, as quais passam pela discriminação e recusa das editoras por não se enquadrarem nos “padrões” da literatura tradicional. Sobre isso, Gonzalez (1979) enuncia que, devido ao racismo, a oferta de empregos a jovens negros é pequena, além das vagas reservadas a eles serem associadas à folclorização da cultura negra, como se esses indivíduos somente pudessem ocupar esses espaços.

A fim de questionar esses aspectos, Conceição Evaristo quebra estereótipos associados às camadas que foram marginalizadas, principalmente em relação às mulheres negras, que são o foco de suas obras e também o centro das discussões deste trabalho. A mineira crítica, no ensaio “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”, como essas figuras foram apresentadas ao longo da tradição, em que não eram expostas como mães, o que para a autora significa a exclusão das africanas no processo de formação brasileira, uma vez que renegar esse papel a essas cidadãs significa rejeitá-las como matriz das famílias negras.

Levando em consideração essa ideia, Evaristo expõe seus personagens por meio de novas perspectivas, destacando elementos que foram rejeitados e negligenciados pelo cânone. O conto “Maria”, publicado em 1991 no número 14 dos *Cadernos Negros* e depois incluído na obra *Olhos d'água* (2016), destaca não apenas os desafios que a mulher negra enfrenta na sociedade, mas também os seus pensamentos e desejos. Assim, a autora dá um viés humano para esse público, que foi visto ao longo da tradição literária como inerte em meio a seu contexto, conforme expõe Cuti (2021, p. 88) ao destacar que os negros eram descritos nas produções de autores brancos como “verdadeiras caricaturas”, ou seja, sem detalhamento e profundidade, o que para o autor significava a ausência de aproximação da subjetividade negra.

Ademais, em “Maria”, são notórias as consequências da escravidão, que continua a perpassar a ideia de que os negros devem se contentar com as “sobras” dos brancos: “ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas

e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora” (Evaristo, 2016, p. 39). Desse modo, é evidente a denúncia da violência a essa camada, uma violência não apenas física, mas simbólica, causada pela difusão do viés pejorativo associado aos negros, o que faz com que eles sejam tratados como submissos, fruto do racismo estrutural que perdura na sociedade brasileira, como destaca Almeida (2018):

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição (Almeida, 2018, p. 38-39).

“Maria” não é um acontecimento isolado na representação das mulheres negras afetadas pela estrutura racial da sociedade, os textos de Conceição Evaristo priorizam essa abordagem, como sua obra poética intitulada *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008). Nesse conjunto de poemas, através de um eu lírico feminino, a mulher negra manifesta sua identidade e seu contexto sócio-histórico, expondo o processo de exclusão da cultura afro-brasileira na sociedade, que busca apagar a memória e os costumes dessa comunidade. Nesse sentido, Evaristo resgata o cotidiano das crianças negras, mediante jogos e brincadeiras comuns. Além disso, o sincretismo religioso e a valorização da herança africana no país também são frequentes na produção.

Assim, em sua obra poética, a professora restaura os costumes e vivências de um grupo que enfrenta o apagamento de sua cultura, em vista do processo de branqueamento valorizado pela sociedade, a qual opta por rejeitar e considerar menor elementos africanos. Com tudo isso, percebe-se, de acordo com Vasconcelos (2010), que Conceição reconstrói a vivência coletiva desse povo, anunciando uma nova versão para a literatura brasileira, muitas vezes a partir de situações ligadas à maternidade que evocam a ancestralidade e as relações afetivas.

Na narrativa e na poética de Conceição Evaristo, a diversidade das situações que envolvem a maternidade demonstra a reflexão e a observação da complexidade desse papel na sociedade brasileira, revelando, além das preocupações de gênero, a denúncia do agravamento das dificuldades da vivência desta situação quando nela pesam os problemas de classe social e repercutem os preconceitos de raça. No entanto, como um traço de esperança na dicção da autora, uma corrente se forma de tom e cor de mulher; como uma trança de solidariedade ou um ‘rosário de mulheres’; a ligação cúmplice entre mulheres de várias gerações, que se protegem e cuidam, especialmente quando mães ou como mães, como se fizessem parte de uma grande corrente, que envolveria talvez as ancestrais, as santas, as orixás. (Vasconcelos, 2010, local. 4).

Os textos de Conceição são atravessados pela militância social, de raça e de gênero, porque, como exhibe Cuti (2021), o sujeito das narrativas é étnico, reunindo a identidade e

apreciações em relação àquilo que expõe, assim, os posicionamentos da autora e sua inserção nos movimentos sociais interferem nas obras produzidas. Diante disso, Bispo e Lopes (2018, p. 191) destacam que “a escrita de Conceição Evaristo revolve as estruturas de poder escamoteadas sob a cortina de fumaça da democracia racial e implode barreiras, extravasando vozes marginalizadas pelos códigos de vigência”.

Esse aspecto contradiz a ideia veiculada no corpo social de que as obras de autoria afro-brasileira sejam menores e, assim, não possam se encaixar na denominação de literatura nacional. Esse viés pode ser comprovado pela variedade temática, a caracterização dos personagens e a forma como a autora compõe a narrativa, apresentando aspectos novos, como os sentimentos e o processo de consciência do seu papel, que indicam a riqueza dessas produções e a sua importância para o desenvolvimento humano.

A obra *Becos da Memória*, segundo romance de Conceição Evaristo, revela também uma variedade de indivíduos vistos socialmente como excluídos, como as lavadeiras, trabalhadoras domésticas, operários e desempregados, que enfrentam o processo de expulsão do único lugar que conseguiam habitar: a favela, destruída em prol da modernização da cidade. Esse processo indica a negação de um lugar aos negros, que mesmo quando se acomodam em um espaço e criam memórias, construindo a sua identidade, são forçados a partir. O personagem Tio Totó representa essa exclusão de um lugar a esses indivíduos, pois desde criança foi forçado a se mudar para diversos lugares.

Tio Totó não se conformava com o acontecido. Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí, por este mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo? Verdade fosse!...

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra. Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida. Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, algumas galinhas e o chiqueiro vazio (Evaristo, 2017, p. 18).

Essa ausência de permanência em um lugar mostra que o negro não é proprietário de nenhum espaço, por isso, são constantes suas mudanças. Em *Becos da Memória*, a narradora questiona esse aspecto e constrói personagens que não se contentam com sua condição e buscam, apesar da derrota, preservar o lugar em que vivem, que é um dos elementos da sua identidade, como é o caso de Tio Totó. Deste modo, nas narrativas de Conceição, Costa (2014, p. 69) diz que “o negro sai da condição de vítima retratada pela literatura eurocêntrica e passa a agir em defesa de seu espaço na sociedade que é sua de direito”.

Ainda sobre a narrativa, Maria-Nova, protagonista da trama, usará o poder das palavras para contar, anos depois, as vivências, não apenas suas, mas de sua comunidade, durante o processo de desfavelamento. Assim, tem-se uma não aceitação da exclusão, que apesar de não ter podido ser questionada com ações, foi apresentada pela narração da história. Esse fator é uma maneira de lutar por sua cultura, seus costumes e seu lugar, ou seja, indica a resistência ao apagamento da identidade negra. “Por isso e para isso ela se tornou escritora, a porta-voz do morro; aquela que ocupa o lugar da enunciação. Para a narradora, lembrar foi uma forma de resistir, de reescrever aquilo que já fora apagado; de expor suas histórias e as dos seus” (Oliveira; Dias, 2020, p. 121). Dessa forma, Maria-Nova torna-se escritora para reconstruir a história de sua comunidade, obtendo espaço de fala para reivindicar outro futuro para seus descendentes.

Diante do apresentado, percebe-se a importância de Conceição Evaristo e, conseqüentemente, da literatura contemporânea para uma nova visão das pessoas relegadas pela sociedade, sobretudo das mulheres negras, que são o foco do trabalho. A perspectiva utilizada pela autora torna essas cidadãs humanas, com erros, acertos, sentimentos e emoções, e, principalmente, autoras das próprias histórias e memórias, ou seja, sujeitos das próprias ações, e não mais objetos acessórios das narrativas contadas pela branquitude.

Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. Busco a humanidade do sujeito que pode estar com a arma na mão. Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio (Evaristo, 2020, p. 31).

Assim, por meio da escrevivência, a escritora faz ecoar as vozes dos renegados socialmente pela literatura para que esses afirmem sua raça, gênero e o seu contexto. Além disso, essas figuras destacam também sua coletividade, uma vez que Evaristo (2020) afirma que a escrevivência não deve ser pensada como a história de um único sujeito, pois os personagens, ao contar a sua história, expõem também as vivências e experiências daqueles que os rodeiam, ajudando-os a construir a identidade coletiva daquela comunidade.

Ademais, os textos da autora permitem questionar as limitações impostas pelo cânone nacional às autoras negras, visto que esse sistema enquadra as obras dessas mulheres como testemunhos. Essa ação inferioriza os textos produzidos, já que os veem apenas como histórias de vida, sem considerar o viés ficcional das narrativas. Nesse sentido, Evaristo contesta essa ideia ao trazer para sua narrativa tanto marcas do que viveu, como também elementos criados por ela, demonstrando que suas obras não são sua história de vida.

Afirmo que nada que eu escrevo é inocente. É muito bem pensado. Há pouco falei que “não usaria a palavra domínio”. É uma literatura em que a escolha semântica está profundamente relacionada com a minha situação social ou com a experiência social que já vivi. Penso que a Literatura Brasileira está precisando de obras que provoquem a academia para rever até o próprio conceito do que seria literatura. Talvez, a minha obra dê para pensar isso também. Por exemplo, quando se fala de uma obra memorialística, há a tendência em dizer que a obra de autoria negra é sempre memorialística. Acreditam, então, que o livro *Ponciá Vicêncio* é a história da minha vida. Não é. Sempre preciso afirmar que *Becos da Memória* são ficções da memória, apesar de Maria-Nova ser uma personagem muito próxima da autora (Evaristo, 2020, p. 40).

Desse modo, a autora destaca que, apesar das semelhanças com suas personagens, como Maria-Nova, suas obras, enquanto literatura, são ficcionais. Nesse sentido, mesmo que suas narrativas tenham aproximações com experiências vivenciadas no cotidiano, nas quais destaca-se a presença da verossimilhança, são povoadas por elementos ficcionais. Então, a escritora critica o ato equivocado de enquadrarem os textos produzidos por indivíduos negros como autobiografias, o que termina por reduzir os valores dessas produções e estereotipar seus autores.

Portanto, é evidente a importância das obras de Evaristo para uma reconstrução das mulheres negras, que é o foco da autora. As novas visões trazidas por ela são primordiais para o rompimento dos estereótipos que rodeiam essas figuras negras na tradição literária e também para discutir as limitações do cânone brasileiro. Este, além de negar a abertura de espaços a essas mulheres, também enquadra essas novas visões como uma literatura menor. Isso ocorre, de acordo com Carneiro (2023, p. 48), pelo epistemicídio, que “se manifesta também no antagonismo entre discurso militante e discurso acadêmico, através do qual o pensamento do ativismo negro é desqualificado como fonte de autoridade para o saber sobre o negro, enquanto o discurso do branco sobre o negro é legitimado”.

Neste contexto, Conceição Evaristo, através da escrevivência, destaca o valor dos sujeitos representados como marginalizados e a importância de se refletir os desafios dessas classes em uma sociedade marcada amplamente pela perspectiva das classes dominantes. Assim, Evaristo amplifica vozes a camadas que foram incessantemente silenciadas e apagadas da literatura brasileira. Desse modo, em busca de identificar como ocorre a reconstrução das experiências das mulheres negras nas obras de Conceição Evaristo, são analisadas a obra *Becos da Memória* (2006) e o conto “Maria”, com destaque nas protagonistas das tramas, respectivamente, Maria-Nova e Maria.

3 A RECONSTRUÇÃO DAS “MARIAS” EM CONCEIÇÃO EVARISTO

No que se refere à obra *Becos da Memória*, percebe-se que ela oscila entre narração em primeira pessoa e em terceira pessoa, mas a primeira pessoa é preponderante, tendo como narradora principal a personagem Maria-Nova, responsável por apresentar relatos dos demais habitantes de uma favela em fase de tombamento. Apesar de ser ainda criança em algumas histórias contadas no romance, desde cedo Maria demonstrou interesse por histórias contadas pelos mais velhos e também pelas situações que aconteciam no seu cotidiano, o que evidencia a criticidade da menina. Isso contribuiu, posteriormente, com a determinação da menina em representar os sujeitos da região em que morava, que não tinham poder de fala, através da publicação de um livro. Dessa forma, coube a Maria-Nova o papel de narrar as histórias daqueles que foram invisibilizados de contar suas próprias narrativas.

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória. Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Marinha, à Donana do Padin (Evaristo, 2017, p. 17).

Maria-Nova, enquanto criança, constrói sua identidade por meio do contexto em que está inserida, recebendo ensinamentos e percebendo as implicações da sua condição como mulher negra, a partir da observação da própria vida e também das histórias partilhadas por suas semelhantes. Chimamanda Adichie (2019) expõe que a infância é o momento da vida em que os indivíduos são mais vulneráveis às histórias ouvidas. Nesse contexto, o acolhimento das histórias contadas pelos demais habitantes da favela permite que a protagonista reconheça as ligações entre presente, passado e futuro, e, conseqüentemente, busque reconstruir as experiências femininas negras apagadas pela colonialidade, objetivando recontar a história oficial e garantir um novo futuro para a sua comunidade.

No conto “Maria”, por sua vez, presente no livro *Olhos d’água* (2016), tem-se a presença de um narrador onisciente que narra a trama em terceira pessoa. A personagem principal dá título ao conto e trabalha como trabalhadora doméstica. A obra relata o que parecia um dia comum na vida da protagonista: a espera do ônibus para retornar para casa, após um longo dia de trabalho, Maria reflete sobre a vida e sobre os restos da patroa que ela levava para casa. No ônibus, a mulher encontra seu ex-companheiro, pai do primeiro filho, e relembra o passado. O ex-marido de Maria assalta esse transporte, e ela é a única a não ser assaltada, no

entanto, ela é linchada e morta pelos passageiros do ônibus em que estava, após ser “considerada” cúmplice do assalto realizado no veículo.

3.1 As experiências femininas negras em Conceição Evaristo

As duas Marias, embora tenham idades diferentes, já que a primeira ainda era uma pré-adolescente e a segunda uma mãe de família, possuem questões em comum: são afetadas pelas condições de raça, gênero e classe, ou seja, observa-se a interseccionalidade. Tanto a Maria-Nova quanto a Maria, do conto de mesmo nome, são mulheres negras que enfrentam as opressões diárias, em que são vítimas de uma sociedade racista e patriarcal, que além de considerar as mulheres negras como “brutas”, utiliza o preconceito e a violência, seja ela física, psicológica ou moral, para lidar com o que é considerado fora do “padrão” adotado, como no caso das mulheres negras. Nesse contexto, evidencia-se que a morte de Maria no conto não ocorre pela suspeita, mas sim pela cor de sua pele, uma vez que é evidente a discriminação racial no discurso dos passageiros quando a atacam.

A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... (Evaristo, 2016, p. 42).

Esse aspecto, levando em consideração o trecho anterior, não é decorrência somente da sociedade atual, mas do racismo estrutural que perdura na atualidade. Como destaca Davis (2016), mesmo após a escravidão, as mulheres negras ficaram reféns de seus ex-donos para conseguirem obter a subsistência e, mesmo quando independentes, ficaram ligadas às tarefas domésticas e ao campo. Nesse sentido, as opressões, definidas por Collins (2019, p. 33) como “qualquer situação injusta, em que sistematicamente e por um longo período um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade”, sofridas pelas personagens são efeitos do passado colonial que continua exercendo poder sobre seus presentes e, conseqüentemente, sobre seus futuros.

Em *Becos da Memória*, é evidente o processo de construção da consciência da identidade negra, ao se analisar a protagonista da trama. Inicialmente, como aponta Araújo (2019), Maria-Nova demonstra ser inocente e não entender a situação ao seu redor, embora não estivesse conformada com o contexto vivido. Posteriormente, observa-se um amadurecimento na personagem que passa a relacionar as histórias contadas por Vó Rita, negro Alírio, tio Totó

e Maria-Velha com sua realidade, percebendo que faz parte de uma determinada etnia, diferente da que seus colegas de escola estão incluídos. Assim, através desse viés, ela se percebe como negra.

Nesta época, ela iniciava seus estudos de ginásio. Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava. Ia abrir a boca, olhou a turma e a professora. Procurou mais alguém que pudesse sustentar a ideia, viu a única colega negra que tinha na classe. Olhou a menina, porém ela escutava a lição tão alheia como se o tema escravidão nada tivesse a ver com ela. Sentiu certo mal-estar. Numa turma de quarenta e cinco alunos, duas alunas negras, e, mesmo assim, tão distantes uma da outra. Fechou a boca novamente, mas o pensamento continuava.
Senzala-favela, senzala-favela! (Evaristo, 2017, p. 73).

Nesse contexto, a aproximação entre senzala e favela contribui para a afirmação da identidade negra. Embora o centro da narrativa se passe na favela, esta é vizinha de um bairro nobre, o que proporciona o contraste das diferenças sociais entre os habitantes. Inclusive, muitas mulheres prestam serviços a moradores desta área vizinha, como no caso da personagem Ditinha. Sobre isso, Oliveira e Santos (2020) discorrem que a favela mostra uma atmosfera de subordinação às áreas mais ricas. Além disso, eles também apontam que o bairro nobre representa a casa-grande, enquanto a favela representa a senzala. Dessa forma, os personagens inseridos na favela percebem que sua vida atual não é diferente da de seus antepassados ou da escravidão enfrentada por outros. Assim, notam que os sistemas de opressão continuam, porém com outros mecanismos.

De acordo com Schmidt (2017), no prefácio de *Becos da Memória*, as mulheres negras na narrativa retificam em suas experiências de vida a relação entre senzala e favela. A autora expõe que essa ligação ocorre tanto pela memória dos escravizados, que relembram suas vidas nas senzalas, quanto na construção dos becos, em que se verifica a condição marginal dos habitantes. Portanto, essas mulheres, ao contar suas histórias, aproximam o período colonial e o período vigente, povoado de heranças do passado, o que contribui para a afirmação da identidade negra.

Ao analisar-se o conto “Maria”, observa-se que a personagem principal tem consciência da desigualdade social e dos percalços enfrentados pela sua condição. Essa questão pode ser visualizada na maneira como a protagonista exterioriza que ficou com as sobras da festa da patroa que iam ser jogadas fora. Apesar de não fazer diferença para a patroa, esses alimentos, para Maria e sua família, representavam o essencial, visto que seus filhos não tinham oportunidade de comer esses alimentos.

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? (Evaristo, 2016, p. 40).

Desse modo, percebe-se que a representação de Maria na narrativa rompe com grande parte da tradição literária, que insiste em apresentar a mulher negra como apática e indiferente à situação vivenciada, em que, segundo Collins (2019), determinados atributos das mulheres negras são utilizados para fundamentar as opressões. Dessa forma, as escritoras negras têm a intenção de apresentar outras visões para essas personagens, que eram objetificadas e subrepresentadas. Assim, elas são concebidas a partir de uma subjetividade própria das autoras, como afirma Evaristo (2005, p. 54):

[...] assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra, que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira.

Desse modo, por meio dessa subjetividade, as mulheres negras destacadas nas produções da escritora ganham contornos que retomam suas humanidades, em que expressam seus sentimentos e desejos. Esse aspecto permite que essas figuras adquiram novas representações, como o de mãe. Sobre isso, em decorrência de viverem em uma sociedade patriarcal, dominada sobretudo pela perspectiva dos homens, ficou atribuído às mulheres o papel de serem matriarcas, reservando-as às tarefas do lar e do cuidado com os filhos. Mesmo com todos os avanços e discussões quanto aos direitos das mulheres, como o surgimento de métodos contraceptivos, ainda hoje persistem cobranças a esse público em relação à maternidade. No entanto, Evaristo (2005) aponta que na literatura nacional há uma falta de representação de mulheres negras como mães, diferente do que acontece com personagens brancas, o que para a autora indica uma forma de afastar a matriz africana do corpo social brasileiro, ao renegar o papel da mulher negra na formação do país.

Collins (2019), ao comentar sobre a relação das mulheres negras com a maternidade, afirma que esta auxilia nas “transmissões de valores às crianças quanto ao seu devido lugar”. Nesse sentido, por meio desses laços, os filhos podem adquirir consciência da condição à qual estão inseridos e receber ensinamentos quanto à origem do grupo ao qual pertencem, ou seja, entrar em contato com sua ancestralidade. Dessa forma, a maternidade, enquanto mecanismo de transferência de ideias, molda os indivíduos, instruindo as mulheres

negras a afirmarem suas identidades. Para evitar que esse processo acontecesse, a autora destaca que eram elaborados sistemas de controle quanto ao corpo feminino negro.

Em *Becos da Memória*, a maternidade está profundamente ligada à ancestralidade. A personagem Maria-Nova recebe dos mais velhos os conhecimentos decorrentes de suas experiências de vida. A respeito disso, apesar de Nova ter mãe viva, Mãe Joana, esta é retratada pela menina através de um distanciamento, destacando-a como uma mulher triste e que não falava muito. A distância pode ser explicada pela menina não conhecer as histórias da mãe, embora Maria-Nova reconheça que sua mãe nunca conseguiria abandonar os filhos. De acordo com Silva (2020, local. 1), nas produções de Evaristo há um enaltecimento da matriz africana a partir de “um viés matrifocal: a sabedoria das mulheres negras que é passada de mãe para filha, contribuindo, assim, para a produção de uma memória discursivo-cultural nacional”.

Nesse viés, na obra, a maternidade está conectada a outros personagens, como Vó Rita, que cuidava e acolhia a todos da comunidade, e Maria-Velha, que contava histórias para Maria-Nova. Dessa maneira, percebe-se que as experiências repassadas pela memória constituem um elo entre os mais novos e os mais velhos, em que contribuem para que a história daquele povo permaneça viva. Segundo Silva (2020), essa é uma maneira de conservar a cultura e os costumes da comunidade negra.

No conto analisado, a maternidade também é evidente, uma vez que se tem como destaque principal uma mãe. Maria, apesar da correria diária, tem grande apreço pelos três filhos, todos homens, e afirma, de forma implícita, na narrativa, que ela tem o objetivo de educá-los a ter uma vida diferente daqueles homens que não assumem a responsabilidade por seus atos. Dessa forma, a personagem reconhece as dificuldades de ser mãe solo.

Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também. Ficava, apenas, de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha! E dessas deitadas repentinas, loucas, surgiram os dois filhos menores. E veja só, homens também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito (Evaristo, 2016, p. 40).

Desse modo, Conceição evidencia em seus textos que a maternidade não é restrita às mulheres brancas, ao trazer a temática da maternidade incumbida em suas produções. Assim, a literatura produzida pela autora defende o papel da mulher negra como fundamental para a formação cultural, retirando-a da função de figurante que antes ocupava na literatura

representada como nacional. Evaristo defende que essas mulheres, apesar da falta de holofotes, foram responsáveis não apenas pela sobrevivência de sua comunidade, mas também pela preservação da memória coletiva de seu grupo.

A temática da maternidade não fica restrita a apenas essas obras de Conceição Evaristo. No conto “Quantos filhos Natalina teve?”, presente no livro *Olhos d’água*, a protagonista Natalina conta sobre suas quatro gestações, das quais afirma que as três primeiras foram indesejadas, em que ela não teve interesse em ficar com os bebês. Mas que a criança da sua quarta gravidez ela queria cuidar, mesmo tendo sido fruto de um estupro, ao qual ela terminou matando o criminoso que era pai do seu filho. Assim, a autora expõe, através de uma personagem determinada e consciente de seu corpo e desejos, a subjetividade da mulher negra, que apesar das condições adversas, acolhe o desejo de ser mãe, porque o filho ia ser unicamente seu, sem controle de homem algum.

Estava feliz. O filho estava para arrebentar no mundo a qualquer hora. Estava ansiosa para olhar aquele filho e não ver a marca de ninguém, talvez nem dela. Estava feliz e só consigo mesma. Lembrava de Sá Praxedes e sorria. Aquela criança Sá Praxedes não ia conseguir comer nunca. Um dia, quando era quase menina ainda, saíra da cidade onde nascera fugindo da velha parteira. Agora, bem recentemente, saíra de outra cidade fugindo do comparsa de um homem que ela havia matado. Sabia que o perigo existia, mas estava feliz. Brevemente iria parir um filho. Um filho que fora concebido nos frágeis limites da vida e da morte (Evaristo, 2016, p. 50).

Segundo Davis (2016), as leis que dizem respeito à violência sexual de mulheres, em países capitalistas, são normas realizadas para amparar as elites, sobretudo homens brancos que tinham receio de suas mulheres e filhas serem violentadas. Assim, o acolhimento a mulheres negras que passam pelo estupro é baixo na sociedade, principalmente ao considerar o panorama brasileiro, em que houve um estupro a cada seis minutos em 2023, segundo o 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. Ademais, segundo essa mesma pesquisa, a maioria dessas violências é causada por homens, tendo como vítimas mulheres negras.

Diante disso, a denúncia torna-se mais complexa em um país em que esse tipo de violência é alto e que discrimina mulheres negras, atrelado ao racismo estrutural que considera que os corpos das mulheres negras são posses de seus senhores. Assim, o ato de Natalina de seguir sua vida, mesmo após ser violentada, e não procurar a justiça, demonstra a falta de confiança dessas mulheres nas esferas de poder, composta sobretudo por homens brancos.

Além disso, o corpo dessas mulheres foi vítima de diversos tipos de violências ao longo da história, seja sexual, no abuso de padrões ao forçarem as escravizadas a dormirem com eles; violência patrimonial ao controlar seus bens e recursos; e violência física ao cometer maus tratos contra elas. Dessa forma, Davis (2016, p. 16) salienta que: “o estupro, na verdade, era

uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras”.

Em sua obra poética *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, publicada em 2008, o tema da maternidade está presente em muitos poemas, como em “A menina e a pipa-borboleta”. Nesse poema, o eu-lírico se utiliza de elementos da infância, como jogos e brinquedos, para destacar a inocência da menina, que mesmo com pouca idade é violentada e vítima do desprezo da sociedade, que termina por desampará-la, conforme é verificado no texto:

A menina e a pipa-borboleta
A menina da pipa
Ganha a bola da vez
E quando a sua íntima
Pele, macia seda, brincava
No céu descoberto da rua,
Um barbante áspero,
Másculo cerol, cruel
Rompeu a tênue linha
Da pipa-borboleta da menina.
E quando o papel, seda esgarçada,
Da menina estilhaçou-se
Entre as pedras da calçada,
A menina rolou
Entre a dor e o abandono.
E depois, sempre dilacerada,
A menina expulsou de si
Uma boneca ensanguentada
Que afundou num banheiro
Público qualquer
 (Evaristo, 2021, p. 50).

Portanto, o eu-poético destaca não apenas o estupro à mulher negra na narrativa, mas também a falta de ação da sociedade para combater esse crime e suas consequências. Por isso, a autora realiza uma crítica ao abandono dessas mulheres, que são julgadas e deixadas em segundo plano por causa de sua gravidez. Além disso, é notório que tanto o crime quanto o desamparo estão atrelados à questão de raça, gênero e classe agindo mutuamente, visto que, conforme afirma Djamila Ribeiro (2018, p. 86), “mulheres de classe privilegiada pagam por procedimentos seguros, enquanto as pobres, em sua maioria negras, ou ficam com danos graves à saúde e morrem ou são vítimas de desespero”.

Assim, embora tanto mulheres negras quanto mulheres brancas sejam vítimas de violência, é notório que há um aspecto que separa suas problemáticas: a raça. Sobre isso, como salienta hooks (2025), o Feminismo é um movimento que teve como líderes, em seu início, mulheres brancas que escolheram privilegiar a igualdade das mulheres, sem considerar as especificidades que cada uma enfrenta e que interferem nas suas problemáticas.

Mesmo que mulheres negras individuais fossem ativas no movimento feminista contemporâneo desde seu início, elas não foram os indivíduos que se tornaram “estrelas” do movimento, que atraíam a atenção da mídia de massa. Muitas vezes, essas mulheres negras ativistas do movimento feminista eram feministas revolucionárias (como várias lésbicas brancas). Elas já discordavam de feministas reformistas que estavam decididas a projetar a noção do movimento como se ele fosse, exclusivamente, pela igualdade entre mulheres e homens no sistema existente. Mesmo antes de raça se tornar uma questão debatida nos círculos feministas, estava claro para as mulheres negras (e para as revolucionárias aliadas da luta) que jamais alcançariam igualdade dentro do patriarcado capitalista de supremacia branca existente (hooks, 2025, p. 20).

Esse aspecto é fruto de haver a disseminação no movimento feminista de que todas as mulheres enfrentavam as mesmas condições. Essa visão proporcionou que, com o avanço e conquistas do feminismo, houvesse uma quebra dentro do próprio movimento, visto que as mulheres brancas de classe alta, ao conquistarem seus direitos, abandonaram a causa. Enquanto as demais mulheres continuaram a ser inferiorizadas e forçadas a se subordinar às companheiras brancas, o que gerou desconforto e divisão dentro do feminismo, conforme aponta hooks (2025).

Diante do apresentado, Evaristo manifesta, através de suas personagens, novas possibilidades para as mulheres negras ao romper com a negação de espaços e temáticas a esses indivíduos. Em suas narrativas, a maternidade está relacionada à liberdade de escolha da mulher, em que a mãe negra é atrelada a características humanas, como o desejo ou não de ter filhos, as emoções sentidas ao se descobrir grávida, a recusa pela criança e/ou pelo pai do seu filho. Assim, a autora exhibe que as mulheres negras também podem ser mães e critica o estereótipo da falta de poder dessas pessoas sobre o próprio corpo. Nesse sentido, o corpo foi visto, durante muitos anos, como posse das classes privilegiadas, seja para servir como ama de leite ou para conceber os filhos das mulheres que não podiam ter.

3.2 Maria ou Marias? A reconstrução da mulher negra

Ao considerar a denominação das protagonistas do romance *Becos da Memória* e do conto “Maria”, observa-se que as duas partilham do mesmo nome: Maria. Este nome no cristianismo está atrelado à mãe de Jesus, desse modo, há uma relação entre o nome, maternidade e ancestralidade, visto que a classificação se relaciona também ao acolhimento de todos e à conexão com os antepassados. Esse significado é preservado nas duas produções, primeiro porque, em *Becos*, Maria-Nova recebe ensinamentos das trajetórias de seus antecessores, além disso, é responsável por representar todos os oprimidos, assim, os acolhe ao

representá-los; segundo, pois, em “Maria”, tem-se uma mãe preocupada com o futuro de seus filhos, a qual é vítima do racismo estrutural que afeta sua comunidade.

Ademais, o nome Maria é um dos mais utilizados no país. Segundo uma pesquisa de 2016, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essa denominação foi o nome próprio mais utilizado no período, em que foi escolhido por 11,7 milhões de pessoas. Dessa forma, ao nomear suas protagonistas, Evaristo pretende representar um conjunto de mulheres que partilham de experiências em comum, em que a autora visa destacar, principalmente, os desafios enfrentados pelas mulheres no cotidiano. Essa representação permite que as discriminações não sejam vistas como um fator isolado, uma vez que, segundo Collins (2019), essas são marcadas por interrelações de raça, gênero, classe e atingem um grande contingente populacional. Essa ligação proporciona que as tramas se aproximem das condições de muitas outras Marias.

Dessa forma, as construções das mulheres negras nas duas obras analisadas não têm a pretensão de conceber sujeitos individuais, mas sim de criar sujeitos que amplifiquem as vozes excluídas das mulheres negras. Isso é realizado para tirá-las do esquecimento e permitir-lhes expressar suas histórias de vida, como uma maneira de apagar os estereótipos construídos por aqueles que as representavam sem ter a intenção de compreender a perspectiva desse povo.

Outro fator relevante da reconstrução das mulheres negras nas narrativas de Evaristo é que as personagens não são criadas para serem plano de fundo de mulheres brancas, como ocorre em muitas narrativas que fazem parte do cânone literário, mas são concebidas para expressarem seus ideais e perspectivas. Ainda que elas convivam na sociedade com classes sociais privilegiadas, elas expressam suas identidades, sem desconsiderar suas origens. Essa ação pretende dar lugar à voz do negro para que ele coloque em relevo sua própria história, sem que ela seja alvo de folclorização. Assim, as mulheres negras expõem características humanas, com erros e acertos, sonhos e desejos. Nesse viés, verifica-se que Evaristo proporciona espaço de fala àquelas que foram silenciadas.

Algumas vezes, já comentei que, se eu fosse escrever uma cena de um romance em que uma mulher escravizada queimasse, ao passar o vestido de baile da senhora, às vésperas de uma grande festa na casa-grande, o meu foco na construção das duas personagens se concentraria na personagem da mulher escravizada. Da senhora, em poucas linhas, seriam construídos os sentimentos de frustração, de raiva, e o plano de castigo que seria imposto à outra mulher. O exercício de criação estaria concentrado na mulher escravizada. Quais os seus sustos e temores... Seria por um acaso a queima do o vestido... Como essa mulher enfrentaria o castigo... Buscaria uma possibilidade de fuga? (Evaristo, 2020, p. 27-28).

Evaristo relata, então, que os focos de seus romances se centram, sobretudo, nas mulheres negras e, conseqüentemente, na forma como estas veem as condições às quais são submetidas. Esse processo demonstra um olhar para as reações, dilemas e sentimentos experienciados por esses indivíduos frente à maneira como são tratados, um viés bastante ausente no cânone literário nacional, que não explora as perspectivas dessas personagens em relação às discriminações que são envolvidas.

Davis (2016), por meio da interseccionalidade, afirma que a raça, o gênero e a classe interferem no cotidiano das mulheres negras, os quais agem juntos, moldando a vida desses indivíduos. No romance *Becos da Memória*, Maria-Nova cresce ouvindo histórias tristes de sua comunidade e, à medida que se desenvolvia, ficava angustiada por querer presenciar uma mudança de vida de sua comunidade, embora soubesse dos percalços que seu povo enfrentava desde os antepassados. Apesar das dificuldades, as mulheres no romance não deixam de desejar o que querem, embora os seus sonhos sejam necessidades mínimas que deveriam ser asseguradas a qualquer cidadão: “[...] a menina sonha. Infantis desejos, guardar na palma das mãos estrelas e lua. Armazenar chocolates e maçãs. Ter patins para dar passos largos... A mãe da menina sonha leite, pão, dinheiro. [...] Sonha um futuro menos pobre para a menina” (Evaristo, 2017, p. 37). Diante disso, verifica-se que a realidade enfrentada por elas destoa do cotidiano de muitas mulheres brancas, que têm seus direitos respeitados e, por conseguinte, seus sonhos são voltados ao luxo, e não ao mínimo. O contraste pode ser observado no próprio lugar habitado por esses grupos sociais, na favela, enquanto as crianças brincam em um campo sujo e as casas não contam com infraestrutura básica, há em seu entorno um bairro nobre, em que os habitantes desconhecem essas condições.

Ademais, essa diferenciação é evidente através da personagem Ditinha, trabalhadora doméstica, moradora da favela que presta serviços no bairro próximo. Embora entre em contato com a boa vida de D. Laura, Ditinha tem consciência de que sua realidade não é aquela: “[...] será que eu gostaria de ter uma jóias dessas? Também, se tivesse, não teria vestidos e sapatos que combinassem. E se eu tivesse vestidos e sapatos que combinassem, não saberia como arrumar meu cabelo” (Evaristo, 2017, p. 99). Apesar de conhecer sua condição, Ditinha, atraída pelas joias da patroa, pegou uma pedra, a qual acarretou sua prisão. Observa-se que o ato cometido pela trabalhadora doméstica foi uma forma encontrada por ela para vivenciar outra condição de vida, ainda que por um momento, como ela já fazia ao adiar a volta para casa.

Não era grande a distância entre a mansão da patroa e o barraco de Ditinha. O bairro nobre e a favela eram vizinhos. Ditinha, em poucos minutos, estaria em casa e isto a

contrariou um pouco. Resolveu dar uma volta pelo quarteirão antes de tomar o rumo da favela. E assim fez. Adiou um pouco o seu encontro com a miséria. No barraco de Ditinha, moravam ela, seus três filhos, sua irmã e o pai paralítico. Dois cômodos, a cozinha e o quarto-sala onde dormiam todos. Lá fora, ficava a privada, a fossa. Seus meninos tinham treze, dez e oito anos.

Estavam na escola havia séculos e não saíam do primeiro ano. E o que mais assustava era que Beto estava virando homem. Ele ficava o dia todo zanzando pela favela, tinha abandonado a escola. Ela temia que o Zé e o Nico fizessem a mesma coisa.

Nico era o menor e ainda obedecia ao avô paralítico, que, mesmo em cima da cadeira de rodas, tinha a obrigação de olhar pelos três. Sua irmã, Toninha, era uma desmiolada. Enquanto ela era menor, teve um pouco de autoridade sobre ela. Conseguiu que ela ficasse dentro de casa, olhando as crianças e cuidando do pai, enquanto ela, Ditinha, saía para trabalhar. Mas assim ela fez dezoito não quis saber nem de pai, nem de irmã nem de sobrinhos. O medo de Ditinha era que, daí a pouco, a irmã estivesse na mesma situação dela. Três filhos, a miséria, e totalmente sozinha (Evaristo, 2017, p. 101-102).

Infere-se que Conceição Evaristo, ao apresentar esse acontecimento na trama, quis romper com a ideia de conformação atribuída às mulheres negras, que eram descritas apenas por suas características físicas, sem considerar seus pensamentos e sentimentos. Portanto, em sua reconstrução da mulher negra, a autora não pretende classificar esse grupo social como ladra, mas denunciar a condição subalternizada da mulher negra e a desigualdade social que separa ricos e pobres. Além disso, a autora destaca os papéis sociais atribuídos a essas mulheres, que enfrentam a dupla jornada de trabalho mesmo após a abolição, que deveria garantir uma vida melhor a essas cidadãs.

No período que imediatamente se sucedeu à abolição, nos primeiros tempos de “cidadãos iguais perante a lei”, coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isto significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares. Antes de ir para o trabalho, havia que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas das filhas mais velhas no cuidado dos mais novos (Gonzalez, 1979, p. 13).

No conto, o contraste das desigualdades sociais e raciais também é exercido entre trabalhadora e patroa. Maria fica contente por poder levar as sobras da mulher para casa, enquanto a sua chefe desperdiça os alimentos, pois, para ela, não iria fazer falta, uma vez que esta tem condições de comprar novos alimentos todos os dias, diferente da situação de Maria. Observa-se também que o trabalho braçal é exercido pela trabalhadora, que fica responsável por cortar um pernil, ato que termina ferindo-a. Esse trabalho não é valorizado e representa a subordinação da mulher negra às demais classes que escolhem seu destino, seja por controlar os meios responsáveis por sua subsistência (Evaristo, 2016, p. 39): “[...] ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados”, seja por decidir sua vida, ao exercer

a violência sobre elas (Evaristo, 2016, p. 42): “não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher”.

Grada Kilomba (2019), na obra *Memórias da Plantação — episódios de racismo cotidiano*, expõe a presença do racismo estrutural em vários episódios do cotidiano, em que define esse instrumento como “todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares que colocam o sujeito negro e as Pessoas de Cor não só como ‘Outra/o’ [...], mas também como Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca”. Ao abordar essa faceta, a autora comenta que as mulheres negras, além de serem afetadas pelo racismo, também são afetadas pelo sexismo, em que essas discriminações se ligam e agem mutuamente nas vivências dessas cidadãs, fazendo com que elas sejam duplamente oprimidas.

Além disso, Kilomba (2019) salienta que, na sociedade patriarcal, as mulheres são constantemente dependentes de suas ligações com os homens. Ao comentar sobre vocábulos presentes no livro *Memórias da Plantação* e sua abordagem na língua portuguesa, a autora critica a ausência de variações de gênero em palavras, como sujeito, na língua portuguesa, em que o feminino não existe. Esse processo, segundo a autora, leva à subordinação das mulheres aos homens. Além disso, levando em consideração a situação das mulheres negras, isso afasta ainda mais a possibilidade desta ser apresentada como sujeito, visto que ela não constitui o outro do homem branco, mas sim o “outro do outro”, como salienta Rutiele Saraiva (2022, p. 85): “a mulher negra seria, desse modo, ‘O outro do Outro’ pois é colocada de fora dessa primeira Outridade que pressupõe o gênero masculino e não leva em consideração as singularidades e intersecções entre raça e gênero, no caso de mulheres racializadas”.

Esse processo proporciona que muitas mulheres negras cedam à perspectiva do branqueamento como tentativa de incorporar-se e ser aceitas na sociedade, visando constituir-se como sujeito. Entretanto, essa ação termina por contribuir com o apagamento das identidades negras e perpetua a discriminação a essas cidadãs, que continuam sendo renegadas pelos brancos. Assim, Kilomba (2019) afirma que desconstruir a história que foi composta por uma única visão é essencial para descolonizar a sociedade e afirmar o papel de sujeito das mulheres negras.

Nesse contexto, Ditinha, ao pegar o broche da sua patroa, em *Becos da Memória*, não tinha intenção de se tornar branca, mas de viver experiências diferentes daquelas comuns em seu cotidiano. Evaristo, através de suas personagens negras, critica o viés do branqueamento que prevalece na sociedade, assim, expõe que o problema não está na raça desses indivíduos, mas na forma como a sua cor foi enxergada e tratada ao longo da história, que renegou espaços

e causou discriminação a essas pessoas. Nesse sentido, Darcy Ribeiro (2015, p. 225) salienta que:

a característica distintiva do racismo brasileiro é que ele não incide sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele. Nessa escala, negro é o negro retinto, o mulato já é o pardo e como tal meio branco, e se a pele é um pouco mais clara, já passa a incorporar a comunidade branca. Acresce que aqui se registra, também, uma branquização puramente social ou cultural. É o caso dos negros que, ascendendo socialmente, com êxito notório, passam a integrar grupos de convivência dos brancos, a casar-se entre eles e, afinal, a serem tidos como brancos.

A definição brasileira de negro não pode corresponder a um artista ou a um profissional exitoso. Exemplifica essa situação o diálogo de um artista negro, o pintor Santa Rosa, com um jovem, também negro, que lutava para ascender na carreira diplomática, queixando-se das imensas barreiras que dificultavam a ascensão das pessoas de cor. O pintor disse, muito comovido: ‘Compreendo perfeitamente o seu caso, meu caro. Eu também já fui negro’.

Nesse contexto, as obras de Evaristo contemplam a singularidade do corpo da mulher negra, sem se ater aos estereótipos construídos em torno desse elemento, que era visto como posse e fruto dos desejos dos brancos. O corpo nas produções da autora representa a força dessas mulheres, as quais resistem às dificuldades a elas atribuídas. Assim, esse corpo faz parte da identidade negra: “[...] Homenagem póstuma às lavadeiras que madrugaram, varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, aloiradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela” (Evaristo, 2017, p. 17).

Sobre isso, ao descrever o termo “escrivência”, Conceição alia o conceito à escrita de um corpo. Nesse contexto, infere-se que o corpo das personagens negras manifesta a subjetividade das mulheres negras e suas condições. De acordo com Oliveira (2009, p. 622), o corpo alude “à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere”.

Esse fator não anula a expressão de desejos da mulher negra, mas manifesta suas escolhas e as suas impressões quanto à presença do outro gênero. Em *Becos da Memória*, a chegada de Negro Alírio desperta em Maria-Nova a atração por aquela figura, considerada diferente e misteriosa, o que gerou os primeiros sentimentos sexuais na adolescente.

Maria-Nova sentiu que Negro Alírio tinha um segredo. Percebeu que ele tinha nos olhos o ar de fugitivo. Tempos depois, Bondade lhe contaria uma história que logo ela adivinharia como sendo a de Negro Alírio.

Ela jamais esqueceria aquele homem molhado até os ossos, aquele ar misterioso, aqueles lábios carnudos. E aquela imagem, por longos anos, se tornou um vício. Maria-Nova sempre procurou aquela sensação primeira, aquela impressão deixada por

Negro Alírio, no corpo, no jeito dos homens que ela veio a ter um dia (Evaristo, 2017, p. 41).

Nesse contexto, à medida que Maria-Nova crescia, seu corpo representava a sua condição e a de tantas outras mulheres que convivem com a desigualdade, mas que não deixam de possuir suas vontades e especificidades. Segundo Fonseca (2017), o narrador do romance, no caso Maria-Nova, tem consciência das lesões presentes no corpo que são difíceis de sarar. Assim, como uma forma de se libertar das feridas, a menina narra a história daqueles que povoam seu corpo e interferem na construção da sua identidade.

A menina crescia. Crescia violentamente por dentro. Era magra e esguia. Seus ossinhos do ombro ameaçavam furar o vestidinho tão gasto. Maria-Nova estava sendo forjada a ferro e a fogo. A vida não brincava com ela nem ela brincava com a vida. Ela tão nova e já vivia mesmo. Muita coisa, nada ainda, talvez ela já tivesse definido. Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua (Evaristo, 2017, p. 76).

No conto “Maria”, também destaca-se que a personagem principal não reprime seus sentimentos, assim, a autora manifesta que, assim como é comum em outras cidadãs, a mulher negra também possui prazer e aspirações: “ficava, apenas, de vez em quando, com um ou outro homem. Era tão difícil ficar sozinha!” (Evaristo, 2016, p. 40). No entanto, diferente do que era manifestado pela perspectiva de outros autores sobre essa população, a mineira expressa os anseios do corpo como uma característica da humanização das personagens, ou seja, um elemento que faz parte da constituição do ser humano. Essa ação de Evaristo revela uma crítica sobre o prazer feminino, considerado inexistente, durante muito tempo, pelos homens, os quais primavam apenas por seus desejos.

De acordo com hooks (2025), as mulheres são educadas desde cedo a controlar seus corpos, pois havia na sociedade a difusão da ideia de que a atividade sexual não deveria ser uma necessidade das mulheres, mas apenas dos homens. Assim, o desenvolvimento do feminismo negro iniciou o questionamento dessa ideia, colaborando para que novas perspectivas fossem adotadas pelas autoras em suas narrativas, entre elas: Conceição Evaristo, que propõe uma nova abordagem sobre esses corpos negros, marcados pela subjetividade feminina.

Portanto, de acordo com Teixeira e Queiroz (2017, p. 5), constata-se que o corpo e a sexualidade da mulher negra como objeto estão vinculados a ideias racistas “que se estruturam como algo natural que são reproduzidos”. Evaristo prima por quebrar esses preconceitos, inscrevendo em suas personagens características de mulheres reais; assim, insere nessas

mulheres aspectos presentes em sua trajetória ou que se assemelham a eventos frequentes no cotidiano dessas cidadãs. Diante disso, a autora se utiliza da autorrepresentação.

Se há uma literatura que nos invisibiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (Evaristo, 2005, p. 54).

Dessa forma, a autorrepresentação é uma alternativa encontrada pelas autoras afro-brasileiras para suprimir descrições negativas atribuídas às mulheres negras por autores pertencentes a classes privilegiadas, que incluíam nas personagens negras elementos pejorativos. Embora haja atualmente uma maior presença de autoras mulheres que podem representar seu povo, Dalcastagnè (2012) afirma que o cenário literário do país ainda é composto por uma homogeneidade, que pode ser visualizada na análise do padrão de autores divulgados, que pertencem à mesma classe social. Isso colabora para que a representação das classes populares, como mulheres negras, continue atrelada à visão do outro, já que as camadas dominantes são responsáveis pela maior parte das publicações do país.

Silviano Santiago (2004) destaca que a dominação de uma camada sobre outra ocorre principalmente pelo apagamento da história das camadas populares. Essa ação é feita a fim de que esses indivíduos não recorram à base de sua identidade e também não repassem para seus descendentes suas tradições. Esse aspecto contribui para que haja uma supremacia do discurso dominante, uma vez que aquelas classes populares, ao terem sua identidade silenciada, incorporam a cultura do colonizador.

Dessa forma, Conceição Evaristo, ao ser uma exceção ao discurso dominante e ocupar um lugar de poder, inacessível à maioria de outras companheiras, resgata as trajetórias da comunidade e insere personagens heterogêneos. Esses novos personagens se relacionam com sua história de vida e com a de tantas mulheres que sofrem desigualdades, violências e são

vítimas do racismo, e que rompem com o discurso dominante, como se manifesta no seguinte trecho:

Ao subverter a língua de Próspero - o homem branco—, Caliban — a mulher negra — abre caminho para a liberdade. Radicaliza o jogo. Expõe as regras do jogo que joga: conta o segredo. Descortina o mistério.

Aqui, instala-se a cultura de arkhé atualizada, como expressou Muniz Sodré. Atesta-se a presença e o poder de uma tradição viva.

Neste livro encontrei outra vez Caliban ocupado em muitas subversões. Era Iyalodê, a que fala pelas mulheres que não podem falar, contando, dizendo, amaldiçoando. Era Oxum, às portas da casa de Oxalá, amaldiçoando a pobreza e a injustiça que recaía sobre as mulheres. E crescendo em força e poder, transformando-se na dona de toda a riqueza....

É assim que as mulheres, nós mulheres negras, buscamos formas de ser no mundo. De contar o mundo como forma de apropriarmo-nos dele. De nomeá-lo. De nommo, o axé, a palavra que movimenta a existência (Evaristo, 2016, p. 14).

De acordo com Oliveira (2023), o literato, ao escrever, utiliza suas experiências para conceber e dar características a seus personagens. Nesse contexto, quando uma mulher negra, advinda das classes populares, que tem uma história de luta e de afirmação da identidade negra, cria cidadãs negras em suas narrativas, transfere para essas personalidades aspectos de sua vivência, que são partilhados pelo grupo ao qual pertence. Essa ação colabora na formação das identidades negras nos romances, povoadas por elementos comuns da vida cotidiana desses povos.

Nesse sentido, Maringolo (2014) expressa que Maria-Nova pode ser uma autorrepresentação de Conceição Evaristo, já que a autora sempre destacou como as narrativas de sua família eram repassadas para ela e como a educação foi emancipatória para a sua vida. “Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras”. Dessa forma, há uma aproximação entre a escritora e a personagem, visto que Maria-Nova vê na educação e, conseqüentemente, na escrita uma maneira de expressar a identidade de seu povo: “um dia, agora ela já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. Maria-Nova um dia escreveria a fala de seu povo” (Evaristo, 2017, p. 177).

Portanto, Maria-Nova, assim como Conceição Evaristo, tinha a escrita como uma forma de libertar do cativo o silenciamento imposto à sua comunidade. Ela, enquanto jovem crítica, acumuladora de todas as histórias de sua comunidade, era a única capaz de transmitir os legados das identidades negras às demais gerações. Enquanto Evaristo representa também uma das exceções de sua comunidade ao ocupar a posição de fala; assim, foi responsável por

representar a sua camada social. Por isso, há uma aproximação entre a menina e a escritora. Desse modo, a narradora de *Becos da Memória* conta histórias que atravessam o cotidiano da autora, como também de um grande conjunto de mulheres negras, as quais procuram maneiras de transpor sua condição.

O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita? Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção de vida. ... Em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura dominante, escrever adquire um sentido de insubordinação (Evaristo, 2007, p. 20-21).

De acordo com Davis (2016, p. 109), os brancos utilizavam o mito racial para renegar a educação aos negros, em que expressavam que esses povos seriam inaptos a atividades intelectuais. No entanto, quando esses indivíduos compreenderam que o fim da escravidão não indica emancipação, passaram a buscar meios para encontrar a verdadeira liberdade, que valorizasse as identidades de seus povos e reconhecesse suas origens: “essas pessoas sabiam exatamente o que queriam: mulheres e homens almejavam possuir terras, ansiavam votar e estavam dominados pelo desejo por escolas”.

Diante disso, a educação mudou a vida de Conceição Evaristo e de Maria-Nova. Elas utilizaram dessa ferramenta para serem vozes de seus grupos, representando aqueles que não tiveram oportunidades de expressar suas condições. Nesse contexto, tanto a autora quanto a personagem reconstróem uma coletividade que anseia pela liberdade, as quais afirmam as identidades negras e recuperam a história apagada desses povos.

De acordo com Machado (2021), a escritora insere em Maria-Nova suas convicções, em que a garota se converte em um símbolo de expressão estética e política. O aspecto político é evidente, pois a menina tem consciência da desigualdade, que não apenas ela, mas todas as mulheres negras vivenciam no seu cotidiano. Ao se enxergar como mulher, negra, pobre, pertencente a uma favela, a protagonista compreende a sua condição e como o sistema de poder interfere em seu cotidiano. Quanto a isso, Evaristo admite que sua condição se envolve em seus textos:

[...] Meu texto literário não é inocente, a crítica e os ensaios são menos inocentes ainda. Creio que se há uma produção, pelo menos a meu ver, que fica muito difícil você traçar entre a cidadã/cidadão e a escritora/escritor é a de nossa autoria. Particularmente, não faço questão de separar: aqui está a escritora Conceição Evaristo e aqui está a cidadã Conceição Evaristo. Não separo. Quando me debruço para construir uma ficção, uma narrativa ou um poema, um texto ensaístico, não me desvencilho da minha condição de cidadã, negra, brasileira, viúva, mãe de Ainá... Toda a minha subjetividade é a subjetividade da escritora. E essa subjetividade, creio,

contamina tanto o assunto que escolho para escrever, as personagens criadas, o enredo, como o próprio uso da linguagem (Evaristo, 2020, p. 41-42).

De acordo com Santos (2023), a mineira traz para a literatura contemporânea mulheres negras como sujeitos, diferente da perspectiva dominante em que essa figura é vista como objeto, assim, tem-se, segundo a autora, uma reprodução não estereotipada. É importante salientar que no conto “Maria”, embora a trama seja narrada em terceira pessoa, são descritas na narrativa falas e pensamentos da personagem, que mesmo em um momento de fraqueza escolhe mostrar sua voz (Evaristo, 2016, p. 42, destaque da autora): “alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. *Mentira, eu não fui e não sei porquê*”.

Maria, no conto, então, questiona a imposição de vozes que buscam se sobrepor e falar em nome dos sujeitos socialmente renegados. Ao não aceitar ter sua vida rotulada pela opinião de outras pessoas, a protagonista afirma seu compromisso de demonstrar que o lugar de enunciação da mulher negra não deve ser exercido por aqueles que não vivenciam a luta diária dessa camada. Conforme Dalcastagnè (2012, p. 17): “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes”. Isso ocorre com as narrativas criadas por Evaristo que, através de suas protagonistas, solta a cortina para que elas saiam do fundo do cenário e assumam o lugar de enunciação.

3.3 Quem são as Marias? Identidade e ancestralidade

Ter voz nas tramas é o elemento principal para que as demais necessidades sejam expressas e reivindicadas. Assim, em *Becos da Memória*, Maria-Nova primeiro se configura como narradora para obter o lugar de sujeito da enunciação, para que, secundamente, possa expor sua condição. Além disso, a protagonista também se coloca como ouvinte, a fim de que os demais habitantes da favela também obtenham lugar de fala e possam contar suas histórias de vida. Por meio disso, Nova se permite entrar em contato com os sentimentos e vivências desses indivíduos, que auxiliam na construção de sua identidade, pois a menina entenderá que a trajetória desses indivíduos possui relação com sua realidade, como expresso no seguinte fragmento:

Maria-Nova ficara impressionada com a morte. Cidinha-Cidoca havia avisado, com palavras, que ia "morrer de não viver". A menina ficou pensando na mulher que seria enterrada como indigente. Afinal todos, ali na mesma miséria, o que eram se não indigentes? Reconstituiu a sua vida e a dos outros. Lembrou da fome que passara

desde o momento em que nascera. A mãe sempre contava que a mamadeira dela era água e fubá, muitas vezes sem açúcar. Vingou, cresceu apesar de tudo. Muitas vezes saía para a escola sem comer nada. Muitas vezes se alimentava das sobras que vinham da casa das patroas da mãe e da tia. Dias havia que ficavam sem comer quase nada. O bom era que Tio Totó, Maria-Velha e Mãe Joana eram previdentes. No pedacinho de terra que havia em volta do barraco, plantavam mandioca, milho e verduras. Havia pé de manga, banana e mamão. E na época das frutas a fome era menor. A mãe trabalhava tanto, assim como havia outros que trabalhavam demais. Existiam, sim, os preguiçosos, os malandros, os ladrões, mas entre todos pouca diferença havia. A condição de vida era única, a indigência em grau maior ou menor existia para todos (Evaristo, 2017, p. 159-160).

Ademais, nas reconstruções de suas Marias, Conceição associa elementos africanos, resgatando a história oficial desses povos, que foi ocultada pela dominação da raça branca. Sobre isso, de acordo com Gonzalez (2020), após a independência e até a contemporaneidade, toda concepção e projeto, tanto político quanto social, interessados com a questão nacional, omitem os negros de seus esboços da construção nacional. Isso proporcionou que houvesse não apenas a incorporação da cultura branca pela população negra, mas, principalmente, o apagamento de suas origens e de qualquer elemento que remetesse a elas.

Em *Becos da Memória*, Maria-Nova narra eventos que ocorriam nos becos da favela, entre eles, destaca-se a festa junina e as festas de santos, em que se tirava terço nas residências e comemorava-se o dia de cada santo. Apesar de inserida na tradição brasileira, a festa junina teve origem nas festas pagãs europeias, que tinham o propósito de obter boas colheitas. No que se refere às festas de santos, estas são vinculadas ao Catolicismo, religião introduzida no país, a fim de que os portugueses exercessem a sua dominação sobre os povos que aqui habitavam e que para cá vieram, em que justificaram o ato com a ideia de que aqueles que tinham tradições diversas precisavam ser catequizados. Desse modo, observa-se que as duas celebrações são costumes europeus incorporados à sociedade brasileira.

A respeito da influência da religião no processo de colonialidade, Aimé Césaire (2010) expõe que o cristianismo foi um dos principais responsáveis pela inferiorização racial dos hábitos dos povos negros. Essa religião disseminou a ideia de que as crenças praticadas por esses povos eram associadas à maldição, por isso, deveriam ser extintas da sociedade para que as suas populações pudessem viver em harmonia. Esses mitos contribuíram para o apagamento da identidade negra e também para que muitos descendentes renegassem as tradições e hábitos ancestrais.

Nesse sentido, a partir da inclusão dessas celebrações no romance, a autora destaca o processo de subordinação de uma cultura sobre outra, pois, apesar de possuírem sua própria cultura, o processo de branqueamento desses povos fez com que eles incorporassem em seu dia a dia elementos dos grupos dominantes, principalmente aspectos religiosos. Assim, há uma

adaptação dos costumes europeus trazidos ao país, ao incorporarem também elementos da cultura africana, como as garrafadas.

Depois, muitos anos depois, uma ferida apareceu na perna de Sinhô moço, na mesma perna, no mesmo lugar. De nada valeu todo tratamento, todo cuidado. Nem médicos, nem garrafadas, nem rezas de pretos-velhos. A ferida sangrava, fedia e comia a perna do Sinhô moço. Os negros diziam que era castigo de Deus. E ficavam felizes, porque tinham um Deus que se vingava por eles e que um dia lhes daria o reino do céu (Evaristo, 2017, p. 59).

Nesse viés, segundo Xavier (2018), existe um hibridismo na construção identitária negra em *Becos da Memória* pela mescla de elementos de culturas variadas. O autor defende que isso acontece pela formação identitária não ser padrão, mas sim em constante movimento, o que leva à incorporação de aspectos de outros povos. Maria-Nova, em virtude de sua pouca idade, depende das pessoas mais velhas para vislumbrar tradições africanas, que eram repassadas principalmente pelas histórias transmitidas à menina.

Mãe Joana sabia fazer simpatia para o sol aparecer. Quando dava alguma aragem, ela ia lá para trás da casa e desenhava no chão um grande sol cheio de grandes pernas compridas. Aquilo era bom para chamar o sol. Às vezes, ele escutava o pedido; outras vezes, com medo de se molhar, continuava seu esconderijo (Evaristo, 2017, p. 139).

Dessa forma, percebe-se que Maria vivencia tanto o contato com a assimilação de costumes europeus quanto o resgate de tradições africanas. No entanto, diferente do viés pejorativo que outros autores atribuem a elementos afros, Evaristo os utiliza para retomar a origem dos povos negros, a fim de afirmar as identidades das mulheres negras. Além disso, em *Becos da Memória*, a autora critica a discriminação aos povos negros e sua ascendência. Esses indivíduos, além de terem suas práticas apagadas pelas classes dominantes, também sofrem a exclusão de outras religiões, mesmo aquela que foi imposta a eles.

Um ano, no aniversário da fundação da capela, um grupo de homens do congo de São Noronha foi convidar o padre da paróquia vizinha para celebrar uma missa na capela. O padre respondeu que a missa não podia ser realizada em lugares profanos. Os homens do congo não entenderam o que era profano. Maria-Nova, no dia da festa, rezou com mais fé ainda. Pensou consigo mesma: "o que sagrava a capela não era a água benta nem a bênção do padre que não viera, mas as lágrimas, as dores, o desespero, a esperança, a fé do povo que estava ali reunido (Evaristo, 2017, p. 175).

Maria-Nova, ao presenciar episódios de discriminação e entrar em contato com as histórias dos mais velhos, entende que a sua origem não é aquela pregada pelos brancos, mas a que foi silenciada pelas camadas dominantes (Evaristo, 2017, p. 175): “escutou longínquos sons da caixa de congada de Tio Totó. Ele ficará lá, era um dos últimos, vinha tocando a caixa pelo caminho”. Então, ao compreender sua origem, a menina afirma sua identidade negra: “O

batuque vinha de fora e de dentro dela”, e entende que, como descendente, ela precisa transmitir seu legado às demais gerações.

Essa narrativa não é a única da mineira que apresenta essa perspectiva. No seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio* (2003), também é evidente a busca da identidade negra, em que há uma importante relação entre a personagem principal e o seu avô, a qual interfere na construção do seu “eu” e no entendimento de sua ascendência. No poema “Vozes-mulheres”, presente em *Poemas da recordação e outros movimentos*, o eu-lírico feminino também relembra a história de seus antepassados e defende que as novas gerações têm o poder de mudar a realidade daqueles que não puderam ser ouvidos.

[...]
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes recolhe em si
as vozes mudas caladas engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se tará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(Evaristo, 2021, p.25)

Desse modo, evidencia-se que as personagens de Evaristo buscam conhecer as trajetórias dos povos aos quais pertencem e não são apáticas ao apagamento da história da comunidade negra. Isso ocorre porque as Marias de Conceição Evaristo possuem ciência de que há muitas lacunas em relação à sua ancestralidade, visto que “habitamos uma espécie de apagamento e contradição” (Kilomba, 2019, p. 97-98). Essas lacunas buscam afastar as narrativas desses povos para garantir que a história disseminada continue vinculada a uma única perspectiva e, conseqüentemente, mantenha o poder na mão dos brancos. Assim, essas personagens manifestam o processo de afirmação de suas identidades ao retomar as origens e associar com o contexto vigente, reconstruindo experiências negras desprezadas pelos brancos.

Nesse sentido, de acordo com Proença (2004), o negro não deve ser tratado como o outro em decorrência de sua autoafirmação, mas deve ser visto como crucial para a construção nacional, assim como também foram outros povos, como, por exemplo, os indígenas. Ademais, ele salienta também que a literatura do negro, ao ser inserida na literatura nacional, contribui para a quebra de estereótipos e inserção de novos pensamentos sobre esses indivíduos.

O resgate dos mitos, a proximidade cultural com a África, mas sem distorções nostálgicas, e com outros países em que a discriminação existe, o tempo escravo repensado, as revoltas, a situação do negro e de seus descendentes na construção

socioeconômica do país e sua marcada participação nos tempos heróicos da formação da nacionalidade, as contribuições lingüísticas colocadas em evidência na nossa língua portuguesa do Brasil, podem, entre outros traços, contribuir, através da transfiguração na literatura, para o melhor conhecimento e o redimensionamento da presença do negro na sociedade brasileira. São verdades e valores capazes de se opor vigorosamente aos estereótipos e preconceitos ainda vigentes no comportamento de muitos brasileiros (Proença Filho, 2004, p. 187).

Dessa forma, salienta-se a importância da literatura negra para uma resignificação da história oficial, que apagou os negros e suas identidades no processo de formação nacional, uma vez que Antônio Alexandre (2023) afirma que a história foi, durante muito tempo, controlada, assim como a memória, para atingir propósitos distintos. Assim, a presença de mulheres negras nas tramas de Evaristo e sua conexão com elementos africanos não pretendem isolar e criar uma literatura, afastada da literatura brasileira, mas, pelo contrário: busca-se solicitar que essa literatura oportunize as vozes daqueles que foram impedidos de contar suas próprias histórias.

Segundo Gonzalez (2020), a eliminação dos povos negros da história do país teve por objetivo fazer com que a nação brasileira fosse vista como uma sociedade branca. Esse fator, conseqüentemente, afetou todas as esferas do país, as quais renegaram a esses indivíduos direitos básicos, como alimentação, saúde, educação e segurança. No conto “Maria”, apesar dos filhos estarem doentes, a protagonista precisa encontrar formas de conseguir os remédios, mesmo não tendo condição financeira. Esse evento transcende a ficção e faz parte do cotidiano de muitas mulheres, principalmente periféricas, que não têm acesso aos direitos previstos na Constituição Federal.

Situação semelhante ocorre em *Becos da Memória*, os personagens, quando adoecem, não são assistidos por algum agente de saúde ou por tratamentos básicos. A personagem denominada Outra sofre de lepra, doença infecciosa crônica que causa lesões na pele. Embora a doença tenha cura, Outra vive isolada na casa de Vó Rita, a única que foi capaz de acolher a doente, já que, além de sofrer discriminação de sua comunidade, seu marido e filho também a abandonaram.

Maria-Nova escutou de longe a gargalhada forte de Vó Rita. Quis correr para abraçá-la, mas se lembrou da Outra. Não! Vó Rita dormia embolada com ela. Parou, então, com o coração aos pulos. A voz, o som, a música de Vó Rita, foram se aproximando. Maria-Nova sentiu uma dor e uma alegria intensa. Não sabia bem por quê, mas todas as histórias lhe vieram à mente: as que Maria-Velha contava, as do Tio Totó, as de guerra de Tião Tatão, as do Bondade, as silenciosas que ela aprendera a ler nos olhos tristes de Mãe Joana, as que ela testemunhava no dia a dia da favela. Teve a impressão de que tudo e todos caberiam no coração de Vó Rita e não no coração dela. E não era por ela ser uma menina! Não era por isso não! Era porque no coração de Vó Rita tinha espaço para tudo e para todos.

Vó Rita vinha cantarolando, mas escondia uma preocupação no peito. A Outra andava muito caladaultimamente e trazia sempre a ideia de morte nos olhos. Era difícil ver os

olhos da Outra, e só Vó Rita conseguia ver. Desde o dia em que a Outra percebeu o temor, o asco nos olhos de seu próprio filho, a ideia de morte começou a rondar-lhe a cabeça. Por que e para que continuar a viver? Até seu filho! Ela já tinha se isolado de tudo e de todos.

Nos últimos sete anos, o seu mundo se limitava dentro de um lento caminhar entre o barraco no fundo do terreno e a bitaquinha na frente. Ia e vinha no beco escuro, entre o barraco e o barranco, lentamente. Parava, escondia-se, olhando lá para fora. Ninguém se lembrava dela e se, por descuido, alguém olhasse para o lado do portão, temeroso, desviava o olhar como se tivesse visto a própria morte. Só a menina insistia em olhar, só a menina a buscava tanto (Evaristo, 2017, p. 69-70).

Ainda sobre essa narrativa, Filô Gazogênia, ao pegar tuberculose, termina transmitindo a doença para sua filha e neta. As duas conseguem internação por auxílio do patrão da filha de Filô, mas a velha falece antes de conseguir uma internação. Esse aspecto indica que os negros, mesmo em momentos de vulnerabilidade, precisam da intercessão das camadas dominantes para que seus direitos sejam garantidos. Maria-Nova, ao observar essa situação, reflete sobre a situação de seus vizinhos e familiares, e entende que as adversidades e exclusões não são restritas a uma pessoa, mas atingem todos os povos negros. Portanto, ela compreende que, enquanto mulher negra, pertencente àqueles povos, ela precisa mudar a realidade de sua comunidade.

Maria-Nova olhava a magreza da velha, a magreza do quarto, a magreza da vida. Sentiu um nó na garganta e as lágrimas caíram como gotas de desesperança, sentiu um dó dos velhos! Lembrou de Tio Totó e de Maria-Velha. Pensou que seria velha um dia.

O que seria quando crescesse? Mãe Joana, Maria-Velha, Tio Tatão, todos diziam que a vida para ela seria diferente. Seria?! Afinal ela estava estudando.

Maria-Nova apertou os livros e os cadernos contra o peito, ali estava a sua salvação (Evaristo, 2017, p. 110).

É necessário salientar que as Marias de Conceição Evaristo reconstróem mulheres diversas, com diferentes perfis, mas donas de suas vontades. Tem-se, por exemplo, Dora, mulher independente que desde cedo rompeu com a passividade imposta às mulheres. Apesar de receber muitas propostas, ela nunca quis casar, até compartilhar suas vivências com Negro Alírio, que compreendeu a sua situação e fez com que ela entendesse que a realidade vivenciada por sua comunidade é causada por um sistema opressivo e desigual, que marginaliza aqueles que não pertencem às classes dominantes.

Ela, por exemplo, nunca havia pensado que os restos, que muitas vezes ganhava das patroas, eram o excesso dos que tinham muito e que esta sobra era construída justo em cima da falta ou do pouco dos que nada tinham. Nunca havia pensado a fundo sobre o desfavelamento. Era sozinha, em qualquer lugar que chegasse, ficaria bem. Estava triste de deixar a favela. Tantos amigos que tinha por ali, viera de outra favela com a mãe alguns anos atrás. Sair dali, entretanto, pouca diferença fazia. Pior seria para Vó Rita, para Tio Totó, Maria-Velha, Mãe Joana e os filhos. Filô Gazogênia ainda bem que morrera antes. Havia os Crispins, os Arnôs, os Banguelas, os Jorges, os Zeferinos, os Bigodes, os Arcanjos, os dos Santos, os Nascimento e tantas outras

famílias que haviam inaugurado a favela. Para onde eles iriam? E ela para onde iria? Se antes isto não tinha significado algum, pois poderia ir para qualquer lugar, agora, com qualquer passo que desse, sua caminhada ganhava outro sentido. Estava gostando da companhia de Negro Alírio e queria caminhar doravante ao lado dele (Evaristo, 2017, p. 147-148).

Por meio da trajetória de Dora, observa-se que a consciência de raça, gênero e classe não nasce embutida no cidadão, mas é construída e formada no cotidiano. Assim, a educação centrada na perspectiva das camadas dominantes tem contribuído para que a consciência política e social sobre os diversos setores da sociedade não ocorra.

Ademais, de acordo com bell hooks (2019), os estereótipos atribuídos à mulher negra proporcionaram que essas mulheres não pudessem desenvolver a subjetividade radical pelo receio de serem ridicularizadas pelo corpo social. Em *Becos da Memória*, embora Maria-Nova queira apresentar sua perspectiva em sala de aula sobre a escravidão e a relação com a realidade de seu povo, decide se calar ao observar que sua classe, composta por professora e colegas brancos, não seria capaz de compreender sua história.

Na semana anterior, a matéria estudada em História fora a "Libertação dos Escravos". Maria-Nova escutou as palavras da professora e leu o texto do livro. A professora já estava acostumada com as perguntas e com as constatações da menina. Esperou. Ela permaneceu quieta e arredia. A mestra perguntou-lhe qual era o motivo de tamanho alheamento naquele dia. Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação, ela teria para contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. A professora pediu que ela explicasse melhor, que contasse em mais detalhes. Maria-Nova fitou a professora, como fitou seus colegas: havia tantos, aliás, alguns eram até amigos. Fitou a única colega negra da sala e lá estava a Maria Esmeralda entregue à apatia. Tentou falar. Eram muitas as histórias, nascidas de uma outra História que trazia vários fatos encadeados, consequentes, apesar de muitas vezes distantes no tempo e no espaço (Evaristo, 2017, p. 149-150).

No conto “Maria”, em meio ao desespero de ser morta, a trabalhadora explicou que não conhecia assaltante nenhum (Evaristo, 2016, p. 42): “Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém”. Isso foi suficiente para que ela fosse considerada atrevida e recebesse um tapa na cara. Nesse contexto, ao se relacionar com a realidade, hooks (2019) declara que o pavor de ser tratada como louca é um dos elementos que dificulta que a mulher negra haja de maneira radical.

Aliado a isso, cabe destacar o desconhecimento ou a negação de sua condição, que levam ao não reconhecimento de sua identidade. De acordo com Frantz Fanon (2025), muitos negros acreditam que a única maneira de serem iguais é pelo viés do branqueamento, assim, em seu interior, criam uma máscara branca que encobre sua negritude. Nas duas obras analisadas de Conceição Evaristo, há também a presença de personagens que são apáticos à sua situação.

Em *Becos da Memória*, a protagonista possui uma única colega de classe negra, mas esta é indiferente à sua condição; de maneira semelhante. Em “Maria”, no ônibus em que a trabalhadora estava, havia um rapaz negro que, ao invés de ajudar a sua semelhante, escolheu cooperar com os demais.

Alguém argumentou que ela não tinha descido só para disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. Mentira, eu não fui e não sei porquê. Maria olhou na direção de onde vinha a voz e viu um rapazinho negro e magro, com feições de menino e que lembrava vagamente o seu filho (Evaristo, 2016, p. 42).

Em relação à identidade de Maria-Nova, nota-se no romance que ela não manifesta apenas sua própria identidade, mas, por ser porta-voz de sua comunidade, expressa também a identidade coletiva de todas as mulheres negras. Portanto, segundo Almeida (2025, p. 120): “Maria-Nova não apenas (re)afirma sua existência, mas também a existência das pessoas que compõem sua própria história e seu pertencimento ao mundo”.

A protagonista, por estar inserida no mundo letrado e, principalmente, por ter desenvolvido a consciência da exclusão dos povos negros, entende que ela deve ser a responsável por lutar por melhores condições de vida para esses indivíduos. Essa ação é gerada na menina por ela conhecer, através das histórias, e presenciar a trajetória de seus familiares, principalmente tio Totó, que auxilia para que ela entre em contato com sua ascendência. Assim, ao verificar o apagamento de suas origens, compreende que é preciso intervir para que sua comunidade alcance a verdadeira liberdade.

Maria-Nova ficou com o gosto insosso na vida. Tio Totó era para ela o grande elo com todos e com tudo o que ficara para trás. Os cabelos brancos do velho, o olhar perdido, a desesperança dele, tudo isto empurrava Maria-Nova para o passo seguinte. A dor de Tio Totó significava para ela um compromisso de busca de uma melhor forma de vida para si própria e para os outros. A vida parecia uma brincadeira de mau gosto. Um esconde-esconde de um tesouro invisível, mas era preciso tocar para a frente. Ela sabia que a parada significava recuo, era como trair a vida. A menina ia à procura, à cata de algo e não queria voltar de mãos vazias. Olhou a tia, Maria-Velha, a mãe e os irmãos, e sentiu que era preciso caminhar junto com eles, arrumando, consertando, melhorando, modificando a vida (Evaristo, 2017, p. 176-177).

Diante disso, evidencia-se que a identidade de Maria-Nova é construída tanto no convívio diário, que a permite enxergar a forma como é tratada, como através das histórias transmitidas a ela pelos demais habitantes da favela. Esse fator proporciona que a menina acolha em si todos aqueles que são silenciados, para que ela possa representá-los, por meio da narração de suas histórias.

Escrevo como uma homenagem póstuma à Vó Rita, que dormia embolada com ela, a ela que nunca consegui ver plenamente, aos bêbados, às putas, aos malandros, às crianças vadias que habitam os becos de minha memória, Homenagem póstuma às

lavadeiras que madrugavam os varais com roupas ao sol. Às pernas cansadas, suadas, negras, alouradas de poeira do campo aberto onde aconteciam os festivais de bola da favela. Homenagem póstuma ao Bondade, ao Tião Puxa-Faca, à velha Isolina, à D. Anália, ao Tio Totó, ao Pedro Cândido, ao Sô Noronha, à D. Maria, mãe do Aníbal, ao Catarino, à Velha Lia, à Terezinha da Oscarlinda, à Marinha, à Donana do Padin (Evaristo, 2017, p. 17).

Embora “Maria” seja um conto curto, a personagem principal também manifesta sua identidade, composta de diversas facetas: mãe, trabalhadora doméstica, mulher e negra. Assim, ela representa um conjunto variado de mulheres que, assim como ela, são vítimas da violência, que se manifesta de diversas formas, desde o isolamento até a morte. Na narrativa, a mulher percebe-se diferente de sua patroa e entende então que sua condição de vida não era aquela. Desse modo, quando Maria observa um rapaz negro no ônibus, o compara com seu filho e busca um acolhimento da parte do menino, pois compreende que ele partilha de realidade parecida.

Em “Maria”, a exposição da protagonista é realizada, segundo Savegnago e Paes (2019), de três formas: por meio do narrador, através da própria Maria e também pela perspectiva dos demais personagens. O narrador a apresenta como trabalhadora doméstica e empobrecida. Maria se descreve como mãe e dona de casa, ao lembrar de seus filhos e pensar sobre sua luta pela sobrevivência, enquanto ela é vista pelos demais como mulher e negra. Assim, vê-se como essas visões se cruzam e constroem sua identidade: “raça, sexo, classe social e econômica, todas reforçando sua condição de marginalidade e vulnerabilidade” (Savegnago; Paes, 2019, p. 103). Esse processo evidencia a interseccionalidade de raça, gênero e classe que afetam a vida das mulheres negras, agindo em conjunto e interferindo na forma como essas mulheres são vistas e tratadas pelos indivíduos não-negros, ao qual se tornam triplamente oprimidas e inferiorizadas.

Ainda sobre o conto, a personagem Maria manifesta a identidade coletiva das mulheres negras e empobrecidas, que, de maneira similar à protagonista, são vítimas de uma sociedade opressora, desigual e violenta, que não respeita as suas individualidades e menos ainda o grupo em que se inserem, mas que, apesar disso, são contornadas por sentimentos e ligações. Em relação a isso, Djamila Ribeiro (2018) defende que a busca de um lugar de fala para a mulher negra não deve se restringir à fala, mas sobretudo à defesa da existência desse grupo. Nesse contexto, Evaristo, ao expor outras mulheres, por meio de Maria, manifesta a luta pela vida, que é renegada a esses indivíduos.

Nesse viés, constata-se que tanto Maria-Nova quanto Maria possuem as vivências marcadas pela defesa da afirmação das identidades negras. As duas protagonistas, apesar da distância quanto a idade, são marcadas pela luta por condições melhores, uma vez que as duas

vivenciam as opressões de uma sociedade que renega o grupo ao qual pertencem. Ademais, as protagonistas se assemelham, principalmente, pela consciência de raça, em que não se deixam levar pelo mito da democracia racial.

É por meio desses aspectos que Evaristo cria suas personagens, com a intenção de fornecer um novo olhar sobre as mulheres negras, dissociadas dos estereótipos que foram construídos na tradição literária sobre essas mulheres. Assim, de acordo com Duarte (2023), nas produções de Evaristo, a autora se utiliza da memória e da ancestralidade para conceber a identidade dessas mulheres, subvertendo o olhar racista disseminado no corpo social sobre essas cidadãs.

Com isso, percebe-se que as Marias, de Conceição Evaristo, reconstroem mulheres comuns e diversas que estão presentes no dia a dia da sociedade brasileira. Essas, além de conviverem com a discriminação por gênero, são reféns de um sistema escravista, que não terminou com a abolição da escravidão. Assim, elas precisam lutar diariamente contra as amarras impostas a sua condição de mulher negra, a fim de afirmarem as suas identidades.

Nesse contexto, cabe citar que nas obras analisadas, os personagens são representados por meio de suas identidades e do processo de construção da sua consciência de raça. Desse modo, as classes populares são descritas por suas ligações, heranças e espaços que ocupam. Além disso, não há nenhuma intenção em esconder qualquer característica desses povos, diferente do habitual na literatura brasileira.

Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral (Evaristo, 2009b, p. 19-20).

Diante do apresentado, salienta-se que, através da escrevivência, Conceição Evaristo amplifica as vozes de mulheres negras em suas narrativas. Essas cidadãs são carregadas de subjetividade, rasurando a objetificação de que foram reféns durante muitos anos. Nesse viés, ao contar suas experiências, essas Marias expõem suas identidades e representam todas aquelas que não puderam ser ouvidas. Portanto, as representações das mulheres negras não se restringem a um arcabouço comum de mulher, mas acolhem todas as especialidades dessa comunidade. Desse modo, a identidade da mulher negra nas narrativas de Evaristo não apenas contém o “eu”, mas também o “nós”, pois as vivências, violências e desafios acometem

todas as Marias e, conseqüentemente, interferem na representação e identidades dessas personalidades.

4 MEMÓRIAS E IDENTIDADES: A RELAÇÃO ENTRE AS MARIAS E OUTROS GRUPOS SOCIAIS

A identidade de indivíduos é influenciada pelas experiências e trocas partilhadas com os grupos sociais que os rodeiam. Tanto a comunidade da qual faz parte quanto os demais corpos sociais exercem seu poder sobre a formação dos sujeitos. A primeira porque os cidadãos, ao pertencerem a uma coletividade, entram em contato com as tradições, hábitos e ensinamentos que a povoam, desse modo, esses aspectos influenciam na construção de suas identidades. Em relação ao segundo fator, as pessoas se percebem diferentes e entendem suas individualidades ao observarem os demais conjuntos da sociedade, que possuem outras características e elementos. Desse modo, as identidades são permeadas por compartilhamentos, seja entre os iguais, seja entre os diferentes.

Quanto às identidades dos povos negros, essas são formadas, como afirma Leda Martins (2021), por cruzamentos. Esse processo é influenciado pela colonização e suas consequências, o que forçou o apagamento e a discriminação das origens e tradições negras. Nesse sentido, as identidades dessas comunidades, na atualidade, são constituídas pela imposição de hábitos do colonizador, assim como pela retomada dos costumes negros partilhados pelos ancestrais, os quais possibilitam a preservação das origens desses povos. Nesse sentido, observa-se o hibridismo nas identidades desses indivíduos.

Ainda que a escravidão e todo o complexo sistema de exclusões das comunidades negras tenham disseminado a “inferioridade” racial desse grupo e gerado a eliminação de diversos costumes negros, como uma maneira de levar à incorporação da cultura do colonizador e, conseqüentemente, manter o poder eurocêntrico na sociedade, não conseguiram apagar as memórias dos povos negros. Estas permitiram que, apesar das imposições, esses sujeitos transmitissem suas origens para as demais gerações, tornando-as vivas e auxiliando na construção das identidades desses cidadãos. Desse modo, Martins (2021, p. 31) destaca que:

no entanto, a colonização da África, a transmigração de povos escravizados para as Américas, o sistema escravocrata e a divisão do continente africano em guetos europeus não conseguiram apagar no corpo/corpus africano e de origem africana os signos culturais, textuais e toda a complexa constituição simbólica fundadores de sua alteridade, de suas culturas, de sua diversidade étnica, linguística, de suas civilizações e história.

Esse fator demonstra que as culturas desses povos são compostas por uma variedade de características. Nesse sentido, torna-se importante considerar que os negros não pertencem a uma mesma tradição, assim como também não partilham hábitos iguais, uma vez que fazem

parte de uma infinidade de povos diferentes. No entanto, a maneira como esses indivíduos foram tratados, desde o transporte para o Brasil até os dias de hoje, desconsidera suas diversidades, em que são vistos como uma única cultura. Apesar disso, as identidades negras seguem resistindo, impulsionadas pelas memórias arquivadas no corpo desses povos e de seus descendentes. No que diz respeito a isso, Schmidt (2017) destaca que no corpo das mulheres negras ocorre uma ligação entre passado e presente, uma vez que esse elemento é composto por experiências vividas por seus ancestrais e que repercutem no seu hoje.

4.1 Memórias e experiências femininas negras: a relação entre o passado e o presente

O livro *Becos da memória* tem em seu próprio título a palavra memória, indicando que esta temática é o elemento norteador da narrativa. A história explora um conjunto de lembranças e memórias dos moradores da favela que habita Maria-Nova. Ainda que a narradora principal seja esta menina, a narrativa destaca as trajetórias de outros personagens e tipos sociais, que se associam por serem sujeitos tratados como marginalizados pela sociedade. Além disso, a protagonista abre espaço para que os demais personagens falem por si, possibilitando que esses indivíduos tenham vozes na narração.

Evaristo (2017), no prefácio do romance analisado, indica que essa criação se trata de uma ficção de memórias, a qual indica que, apesar da aproximação com a realidade, existem aspectos ficcionais. Desse modo, “nada do que está no livro é verdade, assim como nada é mentira” (Araújo, 2019, p. 14). Observa-se que a relação com a realidade é estabelecida por meio da memória, a qual possibilita a contagem de costumes e tradições que se associam a histórias de seres reais. Portanto, esse aspecto contribui com a verossimilhança na obra. A respeito disso, Araújo (2019, p. 14) salienta sobre o processo de criação da autora que:

A noção de Evaristo de que narrar é sempre, em alguma instância, (re)inventar uma realidade, delineia de que forma o/a leitor/a deve se aproximar de seu modo de escrita, onde ficção e experiência de vida se misturam, oferecendo relatos cheios de detalhes, diferentes perspectivas e tensões externas e internas: ou seja, cheios daquilo de que são formadas as memórias.

Verifica-se, então, que as escrituras da autora em seus textos são habitadas pela conexão entre lembranças e criações. Nesse sentido, o conto “Maria”, da mesma escritora, também é atravessado pelas memórias. Na narrativa, tem-se a presença de recordações do passado da personagem principal, inclusive dos desafios enfrentados, assim como também dos momentos felizes, como a vida ao lado do pai do seu primeiro filho. “Ela se lembrou do passado.

Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam ser de gêmeos, e da alegria dele” (Evaristo, 2016, p. 40).

O trecho anterior é composto por pausas marcadas por ponto final, e não por cortes menores, como vírgulas. Esse ato indica que os flashes do passado surgem não em uma sequência direta, de continuidade, mas marcados por pausas maiores, as quais indicam períodos de intervalos e silenciamentos. Isso também se relaciona à ideia da fragmentação das narrativas apontadas por Walter Benjamin.

Ao analisar-se a obra *Becos da memória*, observa-se que a narrativa não é construída por um relato total, mas sim por fragmentos. De acordo com Artiéres (1998, p. 11), “não arquivamos nossas vidas [...] fazemos um acordo com a realidade, manipulamos a existência: omitimos, rasuramos, riscamos, sublinhamos, damos destaque a certas passagens”, o que indica que nem tudo é lembrado e narrado, uma vez que a memória preserva aquilo que os seres julgam mais relevante.

Sobre a memória, é importante salientar que ela não ocorre apenas nas duas histórias analisadas, mas também em um conjunto de outras narrativas da autora. Um exemplo é a obra *Ponciá Vicêncio*, em que a trama gira em torno das lembranças da protagonista em relação ao contato com suas origens e com seus ancestrais, como seu avô, e também sua busca constante pela própria identidade, visto que ela sente um completo vazio dentro do peito. Esse vazio relaciona-se à perda das histórias negras, o que faz a personagem recorrer às memórias para reconstruir sua identidade e compreender a si mesma, assim como sua ancestralidade.

Desse modo, a memória é um elemento primordial nas narrativas de Conceição Evaristo, visto que este elemento possibilita a oportunidade de destacar as histórias das mulheres negras que foram silenciadas e forçadas a serem esquecidas pelas camadas que foram consagradas como dominantes. Nesse contexto, ela colabora para o resgate de experiências renegadas pela visão eurocêntrica e auxilia na disseminação de novas perspectivas no corpo social.

Sobre isso, Rita Terezinha Schmidt (2006) aponta que a desvalorização das mulheres está associada a um plano de nação que contou com o apagamento das violências e opressões contra essas cidadãs, sobretudo das mulheres negras. Diante disso, percebe-se a importância da memória ao possibilitar que esses indivíduos desconstruam os estereótipos e recontem as suas próprias trajetórias, por um olhar que é interno, e não mais externo.

Nesse sentido, nota-se a necessidade da presença de escritoras negras para que essa memória seja preservada e repassada para as demais gerações, uma vez que elas surgem como representantes de comunidades que ainda hoje são invisibilizadas em diversos campos.

Adelaide Miranda (2013, p. 28) afirma, então, que as narrativas dessas autoras se apropriam dessas carências da história “para subverter as noções de história e de sujeito encontradas nas narrativas oficiais. Assim, o esquecimento sintomático dessas protagonistas ultrapassa as dimensões individuais e possibilita uma reconfiguração das relações de poder e de suas representações”.

Nesse sentido, Maria-Nova, como se torna narradora e, posteriormente, escritora da história de sua comunidade, torna-se responsável pelas memórias do seu grupo social, em que deve escutá-las e guardá-las para transmitir esses ensinamentos para futuras gerações. Assim, por meio dos ensinamentos do passado, ela compreende as conexões com os desafios do seu presente e auxilia na construção de um novo futuro.

Halbwachs (2004) destaca que a recordação responde às necessidades dos presentes. Assim, cada memória é solicitada na medida em que responde a uma precisão. Nesse sentido, as autoras negras se utilizam das memórias de suas comunidades para recontar a História, uma vez que a que está nos livros e habita o senso comum não revela as narrativas oficiais dos povos que foram renegados, o que terminaram por ter suas identidades estereotipadas, como foi o caso das mulheres negras. Portanto, o uso da memória se faz essencial para romper discursos hegemônicos racistas e sexistas.

Em *Becos da Memória*, a memória surge como uma aliada para escrever e manter a história dos habitantes da favela em fase de tombamento que estavam prestes a perder seu local e, com ele, um conjunto de trajetórias. Para esses indivíduos, mais que um lugar para morar, aquele espaço representava também parte da sua história e de sua comunidade. Desse modo, a perda desse ambiente significa também a continuidade do processo de exclusão desses indivíduos que não são donos de lugar nenhum, conforme é destacado na trajetória de Tio Totó.

Tio Totó não se conformava com o acontecido.

Deus do céu, seria aquilo vida? Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar? Se a gente sai por aí, por este mundo de déu em déu e não volta, o que vale o respeito, a fé toda quando se está distante, no que para trás ficou? Para que a crença na volta ao lugar onde se enterra o umbigo? Verdade fosse!...

Tio Totó andava inconsolável: já velho, mudar de novo, num momento em que seu corpo pedia terra.

Ele não sairia da favela. Ali seria sua última morada. Ele olhava o mundo com o olhar de despedida.

Olhava sua terceira mulher, seus netos órfãos, sua casinha caiada de branco, algumas galinhas e o chiqueiro vazio.

- Perdi as forças, Maria-Velha. Trabalhei demais. Eu quero agarrar nas coisas, pegar o machado, rachar essa lenha... Assento e penso: pra quê? Fiz isso a vida inteira... Labutei, casei três vezes, viuvei duas, a terceira mulher é você. Tive filhos das duas primeiras. Os filhos também se foram. Partidas tristes, antes do tempo cumprido, antes da hora. Eu, vivido, já velho, estou aqui. Meu corpo pede terra.

Cova, lugar de minha derradeira mudança. (Evaristo, 2017, p.18).

Tio Totó, um dos anciãos daquela favela, representava a ligação com o passado, porque era por meio de suas memórias que os mais novos, como Maria-Nova, entravam em contato com suas origens. Nesse viés, a insatisfação com os acontecimentos relatados na trama, por exemplo, o desfavelamento, revela o cansaço não apenas desse senhor, mas também dos demais companheiros com o processo de apagamento de suas culturas e tradições.

Gagnebin (2002, p. 110), ao falar sobre traumas e memórias, expõe que “a ferida não cicatriza e o viajante, quando, por sorte, consegue voltar para algo como uma ‘pátria’, não tem nem as palavras para contar, nem os ouvintes afetuosos para escutá-lo”. Esse processo ocorre com Tio Totó, porque desde o seu nascimento ele nunca teve um lugar fixo, mas foi permeado por mudanças, assim, as histórias nos lugares que ele passou foram em grande parte silenciadas ao transitar para outros espaços. Além disso, muitas pessoas que cruzaram seu caminho ficaram perdidas, como sua família.

Totó juntou a mulher, a filha e alguns trapos. Nem ele, nem ela tinham mais pais vivos. Um surto de tuberculose, que começara na casa-grande, assolara também os escravos. Iriam partir, queriam esquecer as histórias de escravidão, suas e de seus pais. Foram dias e dias sobrevivendo pelo mato. Lembravam histórias mais amenas de campo, de vastidão, de homens livres, em terras longínquas. Lembravam-se de deuses negros, reais, constantes e tão diferentes daquele Deus-Jesus de que tanto falavam os senhores e os padres. Nesta hora vinha a dor fina como um espinho rasgando o peito. Havia o rio para atravessar, uma canoa improvisada de tronco de árvore. Não dava para esperar mais do lado de cá. Já havia uma semana de chuva. O rio subindo, mais e mais. O desespero também. Totó alcançou só a outra banda do rio. Uma banda de sua vida havia ficado do lado de lá (Evaristo, 2017, p. 20-21).

Maria-Nova favorece que tio Totó compartilhe suas histórias, mesmo aquelas construídas em outros lugares. Assim, esse personagem carrega a responsabilidade de ensinar os seus e auxiliá-los a construir suas identidades, proporcionando que eles conheçam as manifestações das culturas negras que são silenciadas e impedidas de serem expressas pelas imposições das culturas dominadoras. Fanon (2025, p. 127) afirma que o conhecimento das identidades e tradições negras foi tomado como responsabilidade unicamente dos seus próprios membros: “eu era a um só tempo responsável pelo meu corpo, pela minha raça e pelos meus ancestrais”. Desse modo, a memória emerge como ferramenta para auxiliar esses indivíduos a conhecerem a si mesmos e também aos seus companheiros, em meio a um discurso que insiste em os inferiorizar em diversos campos.

A protagonista, de *Becos da memória*, utiliza-se de uma ferramenta para impedir que essas memórias fujam: a escrita. De acordo com Gagnebin (2002, p. 128-129), “a escrita foi, durante muito tempo, considerada como sendo o rastro mais duradouro que possa deixar

um homem, uma marca capaz de sobreviver à morte de seu autor e de transmitir sua mensagem”. Nesse contexto, a menina encontra na escrita uma maneira de fazer com que as lembranças e trajetórias de sua comunidade continuem vivas, mesmo com a passagem do tempo, uma vez que a “escrita torna presente aquilo que está ausente” (Gagnebin, 2014, p. 21).

Isso é ainda mais importante quando são consideradas as memórias das mulheres negras afetadas pela complexa relação entre raça, gênero e classe. Essas, além de terem seus traços fenotípicos inferiorizados, tiveram suas culturas e hábitos considerados selvagens. Esses fatores atrelados também à hipersexualização desses seres fizeram com que muitas delas buscassem embranquecer para se tornarem “musas” e serem tratadas como as mulheres brancas. Fanon (2025, p. 66) destaca que para os negros “só existe uma porta de saída e ela se abre para o mundo branco”. Dessa maneira, essas cidadãs acreditavam que adquirir hábitos eurocêntricos e rejeitar suas culturas era uma maneira de progredir, mas mesmo quando casavam com um homem branco eram acusadas de vilãs.

Nesse viés, ao se analisar a trajetória da protagonista do conto “Maria”, percebe-se que a sua representação reconstrói as memórias das mulheres negras. Essas reminiscências são marcadas por sentimentos de saudade, afeto e melancolia. “Ela reconheceu o homem. Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele” (Evaristo, 2016, p. 40), o que contribui para afirmar a humanidade das mulheres negras e destruir os estereótipos que insistem em descrevê-las como tábulas rasas.

Gagnebin (2002) destaca que a escrita, enquanto rastro, não precisa ter uma intenção específica, mas que ela é capaz de denunciar aquilo que, mesmo evidente, não é considerado. Considerando as narrativas de Evaristo, percebe-se, então, que a escrita surge para a autora como um instrumento de manifestação das violências que assolam a realidade, das memórias de tantas outras mulheres que foram silenciadas e do processo de imposição de outras culturas a esses indivíduos. Assim, a escrita transmite as marcas negligenciadas pelo corpo social.

A memória, segundo Michel de Certeau (1998, p. 49), “faz das palavras as soluções de histórias mudas”. Nesse contexto, as memórias, quando ganham vida por meio de palavras, sejam elas escritas ou orais, permitem que as narrativas se tornem explícitas, mesmo aquelas que foram silenciadas. Considerando as narrativas de mulheres negras, elas se utilizaram, sobretudo, da oralidade para disseminar suas trajetórias, uma vez que a escrita era uma ferramenta inacessível à grande parte das comunidades negras. Assim, suas memórias eram disseminadas sobretudo por narrativas orais, desse modo, é comum que autores negros representem ainda na escrita aspectos da oralidade.

Mesmo quando as memórias são escritas e transformadas por meio dos elementos ficcionais que são acoplados nas histórias, o leitor aproxima os fatos narrados de sua realidade. “Esta mutação torna o texto habitável, à maneira de um apartamento alugado. Ela transforma a propriedade do outro em lugar tomado de empréstimo, por alguns instantes, por um passante” (Certeau, 1998, p. 49). Assim, as narrativas de mulheres negras, ao serem lidas, aproximam-se de outros relatos de indivíduos que foram marginalizados ao longo do tempo, principalmente de outras mulheres afetadas por condições semelhantes, o que leva à reflexão crítica das conjunturas de diversos estratos sociais do país, como ocorre no conto “Maria”, em que a protagonista representa uma diversidade de Marias que são vítimas de violências pelas discriminações que assolam o país.

Grada Kilomba (2019) destaca que sociedades que apreciam e enaltecem o período colonial terminam por negar outras perspectivas, gerando novos arranjos de poder. No caso das duas obras analisadas, *Becos da memória* e “Maria”, elas, enquanto escritas por uma autora brasileira, pertencem a um país que valoriza os costumes dos colonizadores. No entanto, Conceição Evaristo, tendo consciência crítica e letramento racial, critica a organização desse sistema e abre espaço para que novas visões sejam expressas, principalmente tratando-se das narrativas elencadas em que são valorizadas as memórias que compõem as experiências femininas negras.

Em *Becos da memória*, Maria-Nova é responsável por ser a guardiã das memórias de sua comunidade. Ela, desde cedo, demonstrou curiosidade pelas trajetórias dos mais velhos, o que fez com que ela ouvisse um conjunto de relatos de habitantes mais antigos, como Tio Totó, Maria-Velha e Vó Rita. Além disso, Maria-Nova é também uma cidadã letrada, que adquiriu letramento racial, relacionando o seu contexto atual com o passado colonial, identificando as consequências da escravidão e a persistência do racismo na sociedade atual. Assim, para os demais moradores, a menina era uma chance de representação ao observar que ela, enquanto cidadã crítica e consciente dos desafios que assolam sua comunidade, poderia ter lugar de enunciação para expressar e preservar suas memórias, garantindo assim um novo futuro para as gerações seguintes.

— Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, se libertam na vida de cada um de nós, que consegue viver, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se libertar, vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração abertos (Evaristo, 2017, p. 111).

Na passagem anterior dita por Tio Totó, fica evidente a confiança que os anciões da favela depositavam não apenas na garota, mas também nas novas gerações. Na fala é retratado que, para os povos negros, a vida não é um aspecto individual, mas ela é povoada pelos ancestrais que auxiliam na construção das identidades desses indivíduos, possibilitando a reconstrução das experiências negras.

No entanto, para que ocorra a reconstrução, é necessário que os seres preservem as memórias, e não apenas aquelas com as quais estão diretamente envolvidos, mas também as repassadas pelas gerações anteriores. Considerando o trecho anterior, percebe-se que considerar as trajetórias dos ancestrais e lutar por melhores condições são maneiras de reparar historicamente àqueles que não tiveram oportunidades de reivindicar suas posições. Ademais, esses atos auxiliam para que as novas gerações encontrem nas memórias anteriores suas origens e tradições que foram apagadas pela imposição da cultura eurocêntrica, e conheçam em seu eu a presença do nós. Assim:

o sujeito que assume a ação de narrar o que expressam essas vozes excluídas sabe que o registro dos sofrimentos dos miseráveis expõe os cortes constantes no próprio corpo e as feridas difíceis de serem cicatrizadas. Para salvar do esquecimento as histórias de vida mergulhadas na pobreza extrema e no abandono, o escritor, fazendo-se sujeito participante, assume narrar as histórias dos lugares degradados como uma forma de luta contra a miséria, deslocando "o prazer meramente contemplativo", como diz Walter Benjamin, (BENJAMIN, 1987) para uma atitude política que se concretiza na maneira como a escrita procura vasculhar as vidas dos que lutam por sobreviver em condições intensamente desfavoráveis (Fonseca, 2017, p. 192).

Desse modo, ao considerar a afirmação de Fonseca (2017), subentende-se que Maria-Nova, enquanto narradora e também escritora, responsável por guardar as memórias de sua comunidade, expõe, através dos relatos das trajetórias passadas dos demais personagens, experiências que não são apenas individuais. Esse fator pode ser explicado porque as vivências narradas atravessam um conjunto de outras narrativas que possuem bases comuns, como as consequências do sistema colonial e a difusão do racismo.

Sobre isso, Kilomba (2019, p. 29) destaca que o racismo atual não é somente a reprodução do passado colonial, mas surge também como “uma realidade traumática, que tem sido negligenciada”. No caso brasileiro, mesmo com os diversos relatos de casos de racismo, além dos diversos sistemas de exclusões no tratamento com a população negra, não é raridade o aparecimento de frases que perpetuam essa discriminação, como o “racismo não existe”, “foi só uma brincadeira” ou “eu também passo por isso e sou branco”. Esse fator ocorre, pois, de acordo com Kilomba (2019, p. 34), “no racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial”. Em relação às mulheres negras, a realidade se torna

ainda pior ao observar o número de mulheres negras vítimas de feminicídio, as quais são afetadas também pelo sexismo e por sua classe social.

Como uma estratégia de denúncia das condições de raça, gênero e classe que atinge as mulheres negras, Conceição Evaristo encontra na escrita uma maneira de revelar as condições que atravessam o dia a dia desses indivíduos e, sobretudo, um suporte para que essas cidadãs possam reconstruir suas trajetórias, uma vez que tiveram suas origens silenciadas e estereotipadas. hooks (2019, p. 152) afirma que a narrativa pode ser “interrompida, apropriada e transformada através da prática artística e literária”. Isso é o que Evaristo faz ao permitir que mulheres, como Maria-Nova e Maria, exponham suas experiências nas suas obras, abrindo espaço para que novas perspectivas relatem experiências deixadas em segundo plano.

Nesse sentido, quando Maria-Nova torna-se escritora, ela também proporciona que relatos sejam transformados ao possibilitar que novos entrem em cena e rompam com discursos homogêneos. Ademais, ela auxilia para que o que é narrado seja apropriado. Essas adequações são frutos da capacidade de narrar a própria história e (re)construir, por meio da memória, elementos renegados pelo discurso do colonizador. Dessa maneira, Maria-Nova, ao ser narradora, transforma-se em sujeito, não tolerando mais que sua identidade, assim como a de sua comunidade, seja estabelecida por outros.

Ainda que os demais personagens não tenham o pleno domínio da escrita e muitos não tenham formação escolar para eternizarem suas histórias, o que ocorre, segundo Carneiro (2023), pelo epistemicídio que impede o acesso à educação e busca inferiorizar o intelectual negro, encontram em outra ferramenta um auxílio: a oralidade. Assim, é por meio desse instrumento que as memórias são compartilhadas e transmitidas para as demais gerações. Além disso, a oralidade demonstra também a força da palavra e a importância desses grupos falarem por si, em uma sociedade marcada pela prevalência do discurso homogêneo.

Grada Kilomba (2019, p. 41) afirma que as memórias “enquanto enterradas no inconsciente como segredos, permanecem latentes e capazes de ser reveladas a qualquer momento”. Desse modo, todo o silenciamento imposto aos povos negros não foi suficiente para apagar as marcas das lembranças que estão no próprio corpo. No conto “Maria”, mesmo após anos sem ver o pai do seu primeiro filho, ela consegue lembrá-lo e recordar as sensações que sentia ao estar com ele: “ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjooos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele” (Evaristo, 2014, p. 40).

Como uma maneira de sobrepor uma cultura sobre outra e apagar os traços identitários desses povos, os cabelos das mulheres negras são constantemente associados a

características negativas. Esse fator disseminou a ideia de que apenas os cabelos lisos representam os padrões sociais “adequados”, funcionando como símbolos de beleza. Isso fez com que muitas cidadãs fossem levadas a alisar os cabelos, por vergonha dos apelidos recebidos, além de acreditarem que esse ato seria suficiente para serem plenamente aceitas pela sociedade. A respeito disso, Kilomba diz que:

uma vez escravizadas/ os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de ‘primitividade’, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como ‘cabelo ruim’. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas/os a alisar o ‘cabelo ruim’ com produtos químicos apropriados, desenvolvidos por indústrias europeias. Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados ‘sinais repulsivos’ da negritude (Kilomba, 2019, p. 127).

Dessa maneira, a valorização dos cabelos afros e cacheados, e a transição capilar representam o processo de consciência política de mulheres negras, que passaram a reconhecer suas origens e lutar contra as imposições do racismo. Nesse sentido, o alisamento não foi suficiente para apagar nessas populações as memórias culturais e identitárias que constituem as mulheres negras. Portanto, observa-se a importância do reconhecimento da memória como instrumento para a recomposição das experiências negras femininas.

De acordo com Alessandra Devulsky (2021), os primeiros escravizados construíram diversos procedimentos para preservar suas tradições, como músicas e danças de origem afro. No entanto, mesmo em comunidades negras, o mito da cultura eurocêntrica fez com que muitos povos fossem levados a adotar novas características em busca de serem aceitos pela sociedade, principalmente renegar sua ascendência. No conto “Maria”, apesar da presença de outros negros no ônibus, nenhum é capaz de defendê-la das acusações, assim, escolhem o lado do opressor ao serem passivos diante das violências cometidas.

Sobre isso, é necessário salientar que o discurso hegemônico dissimulado no Brasil caracteriza o continente africano como um lugar de miséria, fome e escassez. Nas reportagens, são comumente retratados casos de extrema carência e quase nunca das diversidades culturais dos países que compõem esse múltiplo território. Esse aspecto é uma maneira de perpetuar a superioridade racial eurocêntrica e renegar a importância de reconhecer a história africana. Segundo Devulsky (2021, p. 12), “desaprender o racismo passa pela compreensão do que de fato é a história africana e a história da diáspora, das causas do tráfico negreiro e dos seus elos com aqueles que ontem e hoje se beneficiam da divagem racial”. Por isso, a história oficial dos povos negros é apagada na sociedade, a fim de manter a ideia de supremacia racial.

Com a abolição da escravatura, todas as lutas e memórias dos escravizados para conquistarem a tão sonhada liberdade foram deixadas em segundo plano, em decorrência da

valorização do branco como o herói desse processo. Esse aspecto fez com que, mesmo após o fim da escravatura, a vida dos negros continuasse na mão dos brancos. Tratando-se das mulheres negras, as suas experiências foram, prioritariamente, desconsideradas, pelas questões da interseccionalidade e interferência do colonizador sobre os seus corpos.

Em *Becos da memória*, observa-se que a identidade de Maria-Nova é construída por uma mescla de ensinamentos, muitos advindos das memórias partilhadas por seus antecedentes e outros adquiridos através do presente. Essa mistura fez com que a menina, como representante de sua comunidade, não transmitisse uma memória homogênea, mas sim memórias reelaboradas, uma vez que há uma aproximação entre passado e presente, o que contribui para o entendimento do processo de valorização das identidades negras.

Esse processo surge do letramento racial adquirido pela menina que, ao ter consciência dos fenômenos de exclusão que afetam a sua comunidade, sobretudo às mulheres negras, orienta novas formas de perceber o racismo na sociedade e maneiras de lutar contra esse sistema que os aprisiona. Nesse sentido, a memória se evidencia como uma forma de resistir e valorizar as histórias desses povos, marcadas por silenciamentos.

Essa consciência do lugar a que foi destinado pela sociedade e a conseqüente determinação em mudar de lugar ou mudar este lugar nos são informadas pela memória reelaborada, reinventada num patamar de liberdade e luta política e social por seus territórios, isto é, em uma vivência de liberdade que norteia a seletividade das lembranças e que orienta a conformação de novas identidades (Silva, 2011, p. 2).

Portanto, aborda-se a importância do questionamento do contexto ao qual estes seres foram inseridos e da presença de novas identidades surgidas por meio das imposições coloniais. Entretanto, julga-se que não se trata de um processo de “conformação” com essa constituição identitária, mas sim indagar o processo de troca entre as variadas culturas que compõem o país e, principalmente, entender que as transformações não são frutos de um sistema pacífico.

É importante mencionar, como salienta Candau (2016, p. 98), que “o ponto de origem não é suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias”. Nesse viés, ser uma mulher negra não é suficiente para reconhecer as origens e tradições ou mesmo reconhecer as experiências e identidades negras. Maria-Nova, no romance analisado, passa a valorizar suas tradições observando seus semelhantes e também pelos ensinamentos recebidos. Contudo, outras personagens pertencentes ao mesmo contexto não conseguiram perseverar nas tradições recebidas.

Nesse contexto, Halbwachs (2004) destaca que a memória é uma manifestação coletiva, assim, segundo a sua visão, precisa do contato com outro para ser estimulada. Nesse

sentido, esse aspecto ocorre porque as memórias são estimuladas apenas quando o indivíduo pertence a uma comunidade que partilha e valoriza lembranças antigas. Isso é explicado porque os indivíduos enxergam a importância das trocas coletivas somente quando estão inseridos em grupos que valorizam esses elementos e entendem a importância da preservação dos traços originais de seus povos, como aspectos impulsionadores das identidades negras.

Desse modo, Maria-Nova carrega não apenas uma memória individual, mas guarda memórias coletivas, uma vez que os ensinamentos adquiridos e preservados são resultados de trocas compartilhadas. Nesse sentido, suas lembranças não são associadas a histórias de sujeitos únicos, mas sim de um conjunto de seres que auxiliam na construção da sua identidade, em que contribuem para que ela compreenda as relações entre as trajetórias passadas e a vida no presente.

Nesse viés, Maria-Nova surge como representação das mulheres negras, escolhida como guia de reconstrução das experiências dessas cidadãs. Assim, sua identidade não será apenas individual, mas coletiva, uma vez que cabe à personagem o papel de narrar as vivências dos demais, ou seja, ela é a voz de sua comunidade. Como destaca Maringolo (2014), através da memória, essa personagem expõe as experiências e as identidades daqueles que não conseguiram contar suas próprias vivências.

Quanto à personagem principal do conto “Maria”, sua representação agrupa as experiências de outras mulheres negras que cotidianamente estão imersas em um conjunto de violências. Por exemplo, nessa narrativa evidenciam-se os desejos de Maria em relação a uma vida adequada para seus filhos. “Era um menino! E haveria de se tornar um homem” (Evaristo, 2016, p. 40), no entanto, verifica-se que não apenas o futuro, mas também o presente é tomado como incerto para a protagonista: “O medo da vida em Maria ia aumentando. Meu Deus, como seria a vida dos seus filhos?” (Evaristo, 2016, p. 41), uma vez que ela sabe que sua vida não está em suas mãos.

Ademais, a personagem destaca a sua inconformidade com o fato de ter tido que cuidar dos filhos sozinha e ter sido abandonada. Esse aspecto denuncia as discriminações na sociedade, ao qual liberta os homens de sua responsabilidade paterna e aprisiona as mulheres no que se refere às obrigações do lar. Essas imposições fazem com que as mulheres, mesmo após a separação, continuem se sentindo posse dos ex-maridos, como acontece com Maria ao pedir desculpa ao pai do seu primeiro filho: “[...] Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente” (Evaristo, 2016, p. 40). Desse modo, os acontecimentos retratados no conto

relacionam-se às memórias de outras mulheres negras que enfrentam desafios diários por conta de sua cor, gênero e classe.

Desse modo, em “Maria”, é evidenciada a importância da memória enquanto instrumento que constrói a relação com os seus companheiros. Na narrativa, embora para os demais passageiros o homem seja visto apenas como um criminoso, para Maria, ele é seu ex-marido e pai do seu filho, uma pessoa a qual ela sente saudades por ter compartilhado diversas experiências. “Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto” (Evaristo, 2016, p. 41). Desse modo, apesar da situação pela qual passava e da incerteza do futuro, Maria escolheu privilegiar suas lembranças sobre o homem do que a imposição de adjetivos negativos a respeito do assaltante.

Ademais, outro aspecto evidenciado no conto é a importância de compartilhar as experiências como auxílio na preservação das memórias. No final do relato, são apresentados os últimos pensamentos de Maria, em que é expresso o seu desejo de contar ao filho o carinho de seu pai, o que, contudo, não foi possível.

O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (Evaristo, 2016, p. 42).

A impossibilidade de Maria destacar sua experiência para o filho demonstra o silenciamento das mulheres negras que são impedidas de contar suas histórias e, conseqüentemente, disseminar suas experiências para a sua geração. Entretanto, as mulheres negras, mesmo com as limitações a elas atribuídas, conseguiram, por meio da memória coletiva, auxiliar na construção das identidades femininas negras, em que a palavra surge como instrumento de preservação dessas memórias, uma vez que Ianni (1999) aponta que as palavras não são simplesmente largadas, mas possuem relações com as experiências dos indivíduos e suas relações com os demais, auxiliando, portanto, na reconstrução dos sentidos das experiências apagadas.

Desse modo, as memórias coletivas surgem como resistência ao apagamento das origens e identidades negras femininas. Essas memórias proporcionam desconstruir de ideologias racistas e sexistas que insistem em subjugar esses indivíduos, uma vez que, ao entrarem em contato com as histórias de pessoas mais velhas, as mulheres negras compreendem a presença das marcas de sua comunidade no próprio corpo. Esse processo ocorre com Maria-Nova, que passa a questionar a história contada nos livros didáticos, os quais relatavam a

escravidão como um processo acabado, ao ouvir as experiências de seus antecedentes e relacionar com o seu presente.

Maria-Nova, ao passear pelos becos da favela em que morava e entrar em contato com diversas narrativas dos moradores, como Cidinha-Cidoca, Negro Alírio, Tio Totó, Maria-Velha e Vó Rita, percebe as necessidades de seu povo e o quanto a exclusão em diversos campos afetou suas vidas. Na narrativa, mesmo em meio às reivindicações da população em relação à não destruição daquele espaço, eles não são ouvidos. Além disso, a construção de novos empreendimentos inicia ainda com a presença de moradores no local, e mesmo com a morte de indivíduos, a demolição continua. Portanto, “a personagem-narradora recorre aos fatos narrados, aos moradores, aos becos da favela, tecendo e mantendo a memória coletiva da comunidade” (Santos, 2023, p. 70).

Diante disso, a escrita é a alternativa encontrada para depositar suas experiências e proteger as memórias daquele grupo social. A protagonista de *Becos da Memória*, então, através da escritura negra, converte, não apenas a si, mas também aos seus semelhantes, sujeitos das próprias histórias, permitindo que eles registrem suas visões do mundo. Em relação à escrita de mulheres negras, esta se torna ainda mais necessária pelas triplas discriminações mútuas que essas cidadãs enfrentam: raça, gênero e classe, o que faz com que elas sejam afastadas dos papéis de autoria, uma vez que muitas vezes são renegadas pelas editoras, como foi o caso de Conceição Evaristo, ou têm suas obras consideradas “literaturas menores”. Sobre a escrita de mulheres negras, Evaristo comenta:

[...] Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que se pode evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere ‘as normas cultas’ da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também stro do mascu pela escolha da matéria narrada (Evaristo, 2020, p. 35).

Nesse sentido, para Maria-Nova, a escrita se evidencia como uma oportunidade de quebrar o discurso hegemônico e de ressignificar a história de sua comunidade, principalmente das mulheres negras. Assim, por meio das experiências vividas e da observação de outras pessoas de sua comunidade, a menina transmite as experiências negras femininas e ressalta a inscrição das memórias no corpo negro, desconstruindo os estereótipos que apresentam a mulher negra apenas vinculada a características físicas, sem considerar as tradições desses

povos. Portanto, Maria-Nova exemplifica no plano da ficção o universo marginal que a sociedade tenta ocultar, destacando suas memórias da infância e de seus antecedentes.

Adelaide Calhman de Miranda (2015, p. 85) destaca que o esquecimento e a memória auxiliam na “reformulação da história das mulheres e seus espaços, assim como da historiografia literária”. Nesse sentido, o esquecimento aparece profundamente relacionado ao segundo conceito, visto que o primeiro se relaciona a um apagamento de situações que não são mais consideradas relevantes ou que foram deixadas em segundo plano, enquanto a memória surge da necessidade de reafirmar ou de reavaliar esses esquecimentos. Desse modo, ambas se enlaçam.

De acordo com Aleida Assmann (2011, p. 53): “a memória se orienta para o passado e avança passado adentro por entre o véu do esquecimento. Ela segue rastros soterrados e esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade”. Observa-se, assim, a necessidade do conhecimento do passado para entender o presente, percebendo, portanto, que a história deve ser contada por todos os sujeitos envolvidos, para que ninguém ocupe o lugar do outro, disseminando preconceitos baseados apenas nas próprias perspectivas.

Em *Becos da Memória*, a relação entre passado, presente e futuro é evidenciada também pela representação de personagens. Vó Rita e tio Totó representam o primeiro, enquanto Maria-Nova abrange o segundo e o terceiro. Os primeiros indivíduos, por serem mais velhos, carregam em suas mentes as dificuldades enfrentadas na vida pós-abolição e os percalços de seus pais e avós que vivenciaram a escravidão. Maria-Nova, inserida em uma sociedade marcada pelo racismo, sexismo e recheada de desigualdades, ao ter conhecimento das vivências passadas e visualizar sua condição no presente, compreende as implicações do passado na atualidade e a importância de lutar por um futuro diferente para si e também para aqueles que virão. Nesse sentido, a relação entre esses indivíduos e, conseqüentemente, as trocas de experiência possibilitam construir memórias coletivas, que serão reunidas em um livro pela protagonista para preservar essas experiências e servir para evidenciar para as gerações futuras as identidades diaspóricas.

Desse modo, é importante destacar que as identidades negras são diversas, uma vez que não abrangem apenas um único tipo de povo, mas são complexas pela diversidade de tradições e experiências que apresentam. No entanto, essas identidades aproximam-se pela necessidade de serem reconstruídas em virtude dos apagamentos sistemáticos que sofreram ao longo da história. Nesse contexto, essas identidades são reformuladas pelos indivíduos, a fim de ressignificarem as narrativas disseminadas pelos corpos sociais, uma vez que, como salienta

Assmann (2011, p. 59), as memórias coletivas nascem da “busca do passado perdido”, que foram necessárias para reconstruírem as histórias desses povos.

Diante disso, Assmann (2011) destaca que a escrita é uma das ferramentas mais relevantes para lutar contra o esquecimento. No entanto, ao se analisar as narrativas de mulheres negras, verifica-se que não apenas o escrito tem sua função, mas diversos códigos existentes na língua, como a oralidade, que auxiliam na transmissão das comunicações e tradições nas comunidades afrodescendentes, contribuindo para que as memórias não morram. Apesar disso, verifica-se o poder da escritura, enquanto elemento capaz de preservar e manter vivas histórias e lembranças, tornando as mulheres negras capazes de comprovar suas narrativas. Nesse sentido, percebe-se a relevância da palavra, seja ela escrita ou oral, para tornar presente as histórias do passado, visto que esse instrumento auxilia na preservação da sabedoria ancestral e nas reconstruções de experiências femininas negras.

Munanga (2019) menciona que a negritude é uma construção histórica, nascida dos reflexos dos negros às violências praticadas pelos brancos. Desse modo, o autor afirma que esse conceito não pode ser dissociado do racismo, uma vez que ele nasce para se opor ao que era considerado branco. Assim, é necessário também considerar como a relação com o outro influenciou a construção das memórias das mulheres negras e a constituição de suas identidades.

4.2 Memória e identidades: o eu e o *outro*

No presente, é visível que ainda há uma presença dominante do discurso eurocêntrico sobre os demais povos. Esse aspecto colabora para que as características, culturas, hábitos, línguas e demais elementos dos indivíduos brancos sejam colocados como modelos do “ideal”, do “correto”. Desse modo, aqueles que não partilham desses costumes são vistos como símbolos do diferente, mas esse diferente, para as camadas no poder, representa o “grosseiro” e o “esquisito”. Assim, enquanto o eu-sujeito-branco se identifica como o detentor das regras, o *outro* é visto como transgressor do modelo a ser seguido.

Sueli Carneiro (2023) salienta, apoiando-se nas noções de Foucault sobre dispositivos, que a noção de superioridade apenas consegue se construir quando há a criação de um contraponto para essa ideia. Nesse viés, o superior afirma-se por meio do inferior, em que, para garantir o poder, institui características, como cor da pele, para determinar o “eu”, utilizando a branquidão como símbolo do normal, enquanto os negros são vistos como inferiores em decorrência da implantação desse dispositivo de diferença.

Nesse sentido, mesmo após a escravidão, para manter o controle social, o eu-branco dissemina mitos e outras estratégias de poder para conservar sua dominação. Cunha Paz (2019, p. 23) cita que “o esquecimento produzido sobre a escravidão, sobre a história, a memória e as heranças negro-africanas está longe de ser fruto de um acaso, é antes um projeto”. Esses esquemas têm o objetivo de inferiorizar as violências sofridas pelo *outro* e apagar a história e ascendência desses povos como uma maneira de fazê-los incorporar as culturas dos colonizadores.

Sobre isso, Fanon (2025) salienta que os povos escravizados precisavam esquecer seus passados, a fim de que apenas sobrasse para esses indivíduos as perspectivas do “eu-branco”. Esse processo levou as populações negras a incorporarem traços das culturas brancas, como religião, comidas e danças, e a renegarem rituais de seus ancestrais, para que se sentissem aceitos e fossem tratados como o “eu”, e não como o outro.

Entretanto, mesmo após o embranquecimento, esses povos continuaram sendo enxergados como o “exótico”, em que possuem suas vidas controladas por aqueles que estão no poder. Nesse contexto, esses cidadãos, ao tomarem como referência os brancos, passaram a se enxergar e enxergar as suas comunidades de origem como inferiores, uma vez que não atendiam aos “padrões ideais”. Grada Kilomba (2019) afirma que esse esquecimento das identidades negras constrói as despersonalizações dos sujeitos negros, que os impelem a se verem por meio do ponto de vista do outro, ou seja, por meio de uma perspectiva de fora do próprio ser. Desse modo, esses povos passam a ter uma visão estereotipada de si mesmos.

Na literatura brasileira contemporânea, apesar das mudanças obtidas, continua prevalecendo o “eu-sujeito-branco” e o “outro-objeto-negro”. No entanto, nas obras de Conceição Evaristo, a perspectiva a ser relatada e priorizada em seus romances é dos indivíduos negros, então, tem-se como ponto de vista o “eu-sujeito-negro”, em oposição ao “outro-sujeito-branco”. Carneiro (2023) destaca que essas perspectivas geram novas questões que a tradição intelectual não se ateuve.

Sem pretensão de esgotar a temática sobre o que seria a literatura afro-brasileira, as considerações aqui levantadas apenas buscam situar a existência de um discurso literário que, ao erigir as suas personagens e histórias, o faz diferentemente do previsível pela literatura canônica, veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico. Pode-se dizer que um sentimento positivo de etnicidade atravessa a textualidade afro-brasileira. Personagens são descritos sem a intenção de esconder uma identidade negra e, muitas vezes, são apresentados a partir de uma valorização da pele, dos traços físicos, das heranças culturais oriundas de povos africanos e da inserção/exclusão que os afrodescendentes sofrem na sociedade brasileira. Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral (Evaristo, 2009, p. 19).

Nesse sentido, no romance *Becos da memória*, Conceição Evaristo centra-se em destacar as vivências de mulheres negras, a partir da perspectiva do seu eu-mulher-negra. Além disso, verifica-se que a identificação de Maria-Nova na trama com o eu-mulher-negra ocorre, sobretudo, pela ligação com outras personagens que partilham da configuração nós-mulheres-negras. Assim, observa-se a importância do grupo ao qual está inserido enquanto influenciador da identidade do sujeito e, conseqüentemente, da afirmação de suas características.

Maria-Nova salienta que gosta de compreender a história de sua comunidade, mesmo que para isso precise revisitar momentos de dor e sofrimento. “Mas a menina é do tipo que gosta de pôr o dedo na ferida, não na ferida alheia, mas naquela que traz no peito. Na ferida que herdou de Mãe Joana, de Maria-Velha, de Tio Totó, do louco Luisão da Serra, da avó mança [...]” (Evaristo, 2017, p. 63). No trecho, evidencia-se a consciência de Maria em relação à influência de sua comunidade no processo de formação de sua história e identidade, os quais partilham enquanto corpos-negros memórias que estão arquivadas em suas peles e são cruciais para resgatar as histórias apagadas desses povos, visto que Carneiro (2023, p. 337) cita que “o corpo negro é, em si, uma transgressão”.

Nesse contexto, diferente da construção de outras personagens negras representadas no cânone literário que cedem a posição dos brancos, Maria-Nova se assume como eu-mulher-negra. A menina, mesmo inserida em uma sociedade racista, machista e repleta de desigualdade, não nega sua identidade e tampouco deseja embranquecer. Na favela em que habitava, muitas mulheres prestavam serviços a outras mulheres que moravam em bairros ricos, inclusive Mãe Joana. Assim, Maria tinha contato com essas cidadãs, algumas vezes de maneira direta, outras de maneira indireta.

A torneira, a água, as lavadeiras, os barracões de zinco, papelões, madeiras e lixo. Roupas das patroas que quaravam ao sol. Molambos nossos lavados com o sabão restante. Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia nem sabia que sangue era aquele. Pensei, por longo tempo, que as patroas, as mulheres ricas, mijassem sangue de vez em quando (Evaristo, 2017, p. 16).

Observa-se no trecho que a garota percebia as desigualdades existentes na sociedade pela diferença de tratamento entre o eu e o outro. Embora as roupas lavadas fossem de mulheres, Maria-Nova identifica que elas não lidavam com as mesmas condições das mulheres negras, assim, para ela, aquelas representam o outro, não partilhando, portanto, das mesmas características. Ademais, essas desigualdades retratam também as péssimas condições de higiene às quais as mulheres negras, ainda na infância, eram expostas. “Eu tinha nojo de lavar o sangue alheio. E nem entendia nem sabia que sangue era aquele” (Evaristo, 2017, p.

16), em que, antes de entender do próprio corpo, eram obrigadas a prestar serviços às camadas no poder. Segundo Carneiro (2023), essas ações estão ligadas à desmoralização do *Outro* como estratégia para valorizar o eu e excluir o *Outro*.

Essas situações também são percebidas no conto “Maria”. A personagem principal é inserida diariamente em contato com o outro, uma vez que trabalha de doméstica. Maria, por meio do contraste entre suas experiências e modos de vida da sua empregadora, observa que sua patroa não enfrenta seus desafios. “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa” (Evaristo, 2016, p. 39). Enquanto a mulher esbanjava comidas e bebidas, Maria ficava contente por pelo menos conseguir obter as sobras da festa, as quais a patroa ia jogar fora. A felicidade de Maria, contudo, não indica conformidade com essas desigualdades, mas, sobretudo, a oportunidade de garantir alimentos, alguns dos quais os filhos nunca haviam tido acesso, e remédios. “Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz”.

Berger e Luckmann (1985) destacam que o contato frente a frente com o outro é o tipo mais relevante de experiência, assim, todas as demais experiências resultam dessa ação. Levando isso em consideração, nota-se a importância do convívio com o outro como meio de conhecer a si próprio, visto que o diferente possibilita que o outro reflita sobre si, suas trajetórias e particularidades e, principalmente, seja capaz de conhecer sua subjetividade e a condição a qual está exposto no mundo.

As Marias, de Conceição Evaristo, ao terem contato com mulheres brancas, não sentem repulsa de suas identidades e não desejam ser iguais a essas cidadãs. Tanto Maria-Nova quanto Maria, ao presenciarem as diferenças, adquirem consciência de que nem todos partilham da mesma realidade, assim, entendem a necessidade de reconstruir as experiências de suas comunidades como uma forma de lutar por um futuro em que seus direitos sejam garantidos e respeitados. Desse modo, a memória é a arma encontrada por essas mulheres negras para rever a história disseminada no corpo social e não tornar natural o passado e presente desses indivíduos, a fim de garantir um futuro diverso a seus descendentes, como deseja Maria a seus filhos.

Em relação às diferenças entre mulheres negras e mulheres brancas, o sistema colonial, conforme salienta Beatriz Nascimento (2018), atribuiu um conjunto de tarefas às mulheres negras. Essas eram consideradas forças produtivas, as quais exerciam os mesmos trabalhos que os homens, além de precisarem tomar conta muitas vezes dos filhos dos patrões,

ademais de cuidarem do próprio lar. Assim, elas estavam imersas em uma variedade de atribuições, enquanto as mulheres brancas eram tratadas como símbolos de pureza, assim, não compartilhavam as mesmas dificuldades. Além disso, Larissa Costa (2025, p. 128) salienta que essas atribuições das mulheres negras não eram consideradas trabalhos, mas atribuições tidas como naturais. Assim, “como escravizada, a mulher negra era forçada a trabalhar incansavelmente, sendo vista como uma mera ferramenta de produção e reprodução, desprovida de direitos e humanidade”.

Essa situação é constantemente retratada em muitas obras da literatura brasileira, em que cabe à mulher negra diversos trabalhos, que são tidos como naturais. Exemplo dessa representação ocorre com Bertoleza, no romance *O cortiço*, em que a personagem trabalhou incansavelmente durante a vida, no entanto, terminou por ser enganada por seu companheiro João Romão, ao se tornar rico graças ao esforço da mulher. Bertoleza, mesmo sendo esposa do homem, é tratada por ele como uma criada e objeto de poder, a qual é descartada quando não serve mais.

Na contemporaneidade, conforme salienta Larissa Costa (2025, p. 128), “na condição de trabalhadora doméstica, digamos que a situação não seja muito diferente”. Ainda que existam leis específicas que garantem direitos básicos a trabalhadoras domésticas, é visível o não cumprimento dessas garantias, inclusive a permanência de mulheres negras que são mantidas em condições análogas à escravidão por seus chefes, o que revela as consequências do período colonial mesmo nos dias atuais.

Em *Becos da memória*, são apresentadas como personagens diversas mulheres que são domésticas, algumas que trabalham na casa das patroas, outras que prestam serviços. Ditinha, por exemplo, trabalha como trabalhadora doméstica para Dona Laura. Ditinha, ao ter contato com a realidade de Dona Laura, deseja ter esses pertences, no entanto, afirma que não adiantaria possuí-los se continuasse com a mesma fisionomia: “e se tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os cabelos? (Ditinha detestava o cabelo dela). Mesmo assim eu não assentaria com essas joias” (Evaristo, 2017, p. 99). Diante disso, percebe-se que a relação com o mundo da mulher branca faz com que Ditinha tenha vergonha de sua identidade enquanto mulher negra, uma vez que ela se sente inferior não apenas por não ter condições financeiras, mas também por conta da sua cor. Observa-se, então, a confluência de raça, gênero e classe como influenciadores da percepção sobre o eu e sobre o outro.

Dona Laura vê Ditinha como *outro*, por isso, baseada nos discursos estereotipados da sociedade, trata, ainda inicialmente, a mulher negra em sua casa como uma ameaça. “Antes, a patroa, junto com ela, havia vistoriado toda a casa. Estava tudo um brinco. Ela elogiou o

trabalho da moça. Ela era esperta, fazia tudo como se mandava. Não havia uma gota de poeira no ar” (Evaristo, 2017, p. 100). Percebe-se que, mesmo antes de pegar a pedra da patroa, Ditinha já era vítima de desconfiança baseada em sua cor de pele. Além disso, esse outro-mulher-negra é visto por D. Laura como objeto, e não sujeito, assim, a mulher é tratada de acordo com o trabalho realizado, uma vez que é considerada posse da empregadora.

De acordo com Carneiro (2003), essa objetificação é a estratégia utilizada para que esse outro seja determinado como não-humano, sendo resultado do processo colonial. No conto “Maria”, a protagonista é também trabalhadora doméstica e identificada pela patroa como o outro. Evidencia-se não haver uma preocupação por parte da empregadora em relação à situação de Maria, uma vez que para a chefe o que é relevante é o trabalho prestado pela mulher, assim como acontece no romance *Becos da Memória*. Nesse sentido, essa desumanização da personagem faz com que esse *outro* continue subordinado a um eu-branco, que determina sua subsistência. “O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso a patroa ia jogar fora” (Evaristo, 2016, p. 39).

De acordo com Gomes (2003, p. 80), “o negro é o ponto de referência para a construção da alteridade em nossa sociedade”. No entanto, observa-se que o discurso dissimulado na sociedade se centra unicamente no próprio ponto de vista na representação do outro. Esse aspecto, conseqüentemente, interfere na maneira como esse *outro* é tratado e apresentado na literatura, o que faz com que os considerados subalternos sejam estereotipados e tenham suas histórias oficiais apagadas ou alteradas.

No que se refere às mulheres negras, Padilha (2002) destaca que essas cidadãs tiveram o acesso à escrita negado tanto em virtude de sua raça, quanto em decorrência do seu gênero. Cabe acrescentar também a questão da classe como outro elemento impulsionador das diferenças de tratamento, que se liga às demais exclusões e interfere na forma como as mulheres negras são vistas na sociedade. Assim, é necessário que as mulheres reconstruam suas próprias narrativas, a fim de afirmarem suas identidades e desconstruam o discurso do outro a respeito de suas experiências, uma vez que “as vivências, objetivos, e aspirações da mulher negra diferenciam das outras mulheres e também dos homens negros; e por isso é necessário que tenham suas próprias vozes” (Alves; Durhman, 1995, p. 1).

O pós-colonial, conforme Stuart Hall (2002), compõe um esforço de superar o colonial, como uma tentativa de recontar a história que subjuga e silencia aquele que é considerado o outro. Nesse sentido, Conceição Evaristo, inserida em uma literatura pós-colonial e possuindo letramento racial, por meio de personagens negras, utiliza a escrevivência para reconstruir esse *outro*, valendo-se da memória coletiva para disseminar as experiências

femininas negras. Em suas narrativas, aquilo que era considerado o *outro* torna-se o eu, uma vez que esses indivíduos que eram subjugados adquirem lugar de fala para contar suas histórias. Além disso, essas personagens abrangem também o nós, pois esses cidadãos guardam em si o contato com sua comunidade, como ocorre com Maria-Nova.

Maria-Nova, como representante de sua comunidade, principalmente das mulheres negras, carrega em sua identidade não apenas o seu eu, mas também o nós. O processo de construção de sua identidade é permeado pelas trocas de experiências entre os membros de sua família e de sua comunidade, além da relação com indivíduos que constituem o outro, os quais auxiliam para que a personagem compreenda a sua individualidade e suas semelhanças com seu grupo social.

De acordo com Berger e Luckmann (1985), as identidades são permeadas não somente pelas relações com os outros, mas também pelos antecessores e aqueles que virão depois. Nesse viés, as mulheres negras utilizam as memórias coletivas para entrarem em contato com as experiências dos seus predecessores e, dessa forma, entenderem suas origens e implicações. Ademais, essas memórias possibilitam que elas compreendam os arquivos presentes no corpo negro, que também estarão presentes nos seus descendentes.

É necessário informar que a identidade é um processo contínuo que se constrói por meio das relações sociais e históricas. Desse modo, as mulheres negras, enquanto indivíduos, não nascem com suas identidades prontas, mas as constroem por meio das trocas com a sociedade. Nesse sentido, muitas dessas mulheres inseridas em contextos que protegem o discurso hegemônico são influenciadas a incorporar os elementos do colonizador, uma vez que “a reflexão sobre mim mesmo é tipicamente ocasionada pela atitude com relação a mim que o outro manifesta” (Berger e Luckmann, 1985, p. 48).

Além disso, ainda que as mulheres negras estejam inseridas em grupos que valorizam a sua origem e ascendência, mesmo contra a sua vontade, incorporam hábitos dos grupos dominantes. Esse aspecto é consequência dessas cidadãs povoarem sociedades que valorizam a cultura europeia, assim, suas identidades são híbridas, formadas pela união entre o que constitui o eu e o *outro*, principalmente pela forma como este é percebido.

Sobre isso, Hall (2006) destaca que as identidades também são concebidas por meio da maneira como se percebe as diferenças em relação ao *outro*. Para afirmar esse aspecto, o autor trabalha com a segunda noção de identidade cultural, a qual destaca que a identidade é um aspecto mutável, formado não pelo ser, mas pelo tornar-se. Desse modo, a identidade de Maria-Nova é reflexo das suas trocas na sociedade, as quais proporcionam que a menina componha o seu eu. Entretanto, Maria, crítica da condição do seu povo, deseja que no futuro

haja melhores condições de vida não apenas para si, mas para todos aqueles que são rejeitados. Para isso, luta por reconstruir as identidades desses povos que foram inferiorizados pela perspectiva das classes que estão no poder. Nesse sentido, há uma ligação das identidades tanto em relação ao passado, proporcionado pelas memórias e experiências de seus ancestrais, quanto com o futuro, ao qual anseia por novas perspectivas. Assim, Hall salienta que a identidade cultural:

[...] Pertence tanto ao futuro como ao passado. Não é algo que já exista e transcenda lugar, tempo, história e cultura. As identidades culturais vêm de algures, têm histórias. Porém, tal como acontece com tudo o que é histórico, também elas sofrem transformações constantes. Longe de se fixarem eternamente num qualquer passado essencializado, estão sujeitas ao contínuo "jogo" da história, da cultura e do poder. Longe de se fundarem numa mera "recuperação" do passado, que está à espera de ser descoberto e que, uma vez encontrado, assegurará para todo o sempre a estabilidade do nosso sentido de nós próprios, as identidades são os nomes que damos às diferentes formas como somos posicionados pelas narrativas do passado e como nos posicionamos dentro delas (Hall, 2006, p. 24).

Por isso, assim como as pessoas, as identidades são plurais, visto que os indivíduos compõem o seu eu pela forma como se veem frente ao seu passado, presente e, principalmente, como se relacionam e são influenciados pelos contextos aos quais estão inseridos. Nesse contexto, as identidades, longe de serem fixas, sofrem constantemente transformações, em decorrência das mudanças sociais, culturais e políticas. Desse modo, a representação das mulheres negras não deve unicamente depender das características de suas antecessoras, mas sim, de como essas se percebem frente às memórias do passado e quem querem ser no futuro.

Nesse sentido, ainda que Maria-Nova carregue a memória coletiva de sua comunidade, em virtude dos ensinamentos recebidos e do poder a ela atribuído, essa personagem apresenta elementos únicos que contribuem para a construção da sua individualidade. Nesse sentido, é importante identificar as diferenças e confluências de memória individual e memória coletiva.

A memória coletiva ao mesmo tempo em que contém as memórias individuais não se confunde com elas, apresenta uma evolução própria e independente, seguindo as suas próprias leis. Se, às vezes, é invadida por memórias individuais, “estas mudam de aparência a partir do momento em que são substituídas em conjunto que não é mais uma consciência pessoal” (HALBWACHS, 2006, p.72). A memória individual, como afirmado anteriormente, jamais está encerrada em si mesma, sendo necessário para evocar o seu passado, recorrer às lembranças de outros, transportando-se a pontos de referência que existem fora de si (Maringolo, 2014, p. 72).

No romance, evidencia-se que Maria-Nova, ainda que tivesse contato com outras crianças e gostasse de brincar com elas, possuía particularidades que a diferenciavam desse público, visto que ainda na infância estimava ouvir as trajetórias dos mais velhos, além de

apreciar observar as vivências dos demais membros da favela. Quanto às outras crianças, estas, quando aparecem na trama, estão envolvidas em jogos ou desempenhando atividades consideradas inadequadas para a idade, no entanto, não são apresentadas suas perspectivas sobre suas condições.

Em relação a outras mulheres negras, observa-se que a trama é composta por uma variedade desse público. Ao longo da história, passeia-se pelas trajetórias de Vó Rita, Outra, Cidinha Cidoca, Maria-Velha, Mãe Joana, Ditinha, Custódia, Filó Gazogênica, Nega Tuína, entre outras. Apesar de todas enfrentarem situações parecidas, são marcadas por diferenças. Maria-Nova aborda no livro o quanto Vó-Rita era uma pessoa acolhedora e receptiva. No entanto, apesar de receber seus ensinamentos, a menina tinha dificuldades de aceitar o desconhecido, desse modo, não conseguia abraçar Vó Rita, pois ela convivia com a personagem denominada Outra.

Quanto à Cidinha-Cidoca, ela é apresentada como uma mulher sensual, a qual atraía vários homens, independentemente de idade, sendo conhecida na favela como “rabo de ouro”. Observa-se, assim, que essa personagem possui sua caracterização, apontada pelas demais personagens, baseada em seu físico: “bonita a mulher, mesmo com aqueles olhos parados e com aquela carapinha de doida” (Evaristo, 2017, p. 21). Diferentemente de Cidinha, Mãe Joana possui sua identidade destacada, sobretudo, pelos seus sentimentos, embora ela também seja reconhecida como uma mulher bonita.

Na quadrilha de Cabo Armindo, duas mulheres sobressaíam sempre: Mãe Joana e Cidinha-Cidoca.

Mãe Joana, todo ano, estava linda e séria. Cidinha-Cidoca, em seu vestido de caipira sempre branco e cheio de renda. Mãe Joana, linda e séria; Cidinha-Cidoca, bonita e risonha, bonita e faceira, bonita e insinuante (Evaristo, 2017, p. 47).

Dessa forma, Conceição Evaristo constrói em suas narrativas mulheres negras plurais, demonstrando a heterogeneidade desse público e expressando a variedade identitária desses povos. Esse aspecto rompe com o padrão dissimulado sobre esse público, muitas vezes, na literatura canônica, a qual atribui características únicas a essas cidadãs, fazendo com que elas sejam vinculadas ao passado de acordo com a perspectiva do outro. Esse aspecto, segundo Fanon (2025), faz com que essas mulheres sejam impedidas de evoluir, ficando presas a uma noção atrasada que não representa seus anseios e desejos atuais, menos ainda suas individualidades.

Martins (2021, p. 32) salienta que as identidades afro-brasileiras são tecidas por meio dos cruzamentos entre o eu e o outro. Quando os diferentes possuem contato, trocam experiências e reconstroem “novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão,

coreografando as singularidades e alteridades negras”. Desse modo, a relação com o outro mostra-se necessária para o entendimento sobre o eu e o nós, visto que, por meio do que é diverso, o eu entende suas preferências e quem deseja ser.

Sobre isso, Chimamanda Adichie (2019) comenta que apenas se viu como africana ao ir para os Estados Unidos e ser apontada como uma. Nesse viés, a mulher negra apenas é capaz de se reconhecer, conscientemente, como mulher e negra frente a alguém que atribui esses substantivos a ela. Desse modo, observa-se a influência da observação do outro sobre o eu, para o processo de compreensão da maneira como este ser é visto e tratado na sociedade.

Nesse contexto, é necessário compreender que os estereótipos construídos em torno das mulheres negras por indivíduos não negros são estratégias que visam inferiorizar essas cidadãs, limitando as suas experiências e renegando as suas pluralidades. Chimamanda Adichie (2019) expõe que essa disseminação de características negativas a esse público contribui para uma única história ser contada e, conseqüentemente, internalizada por seus ouvintes. Desse modo, faz-se fundamental refletir sobre as perspectivas do outro a respeito de si, a fim de desconstruir uma narrativa que visa menosprezar o seu eu.

Maria-Nova, ao ir para a escola, nota a carência de alunos negros nessa instituição, além da predominância de discursos racistas e hegemônicos que insistem em apresentar uma história “oficial do *outro*”, baseada na perspectiva do eu-homem-branco. Foi por meio desses contatos que a protagonista compreende a relevância de reconstruir as experiências negras para que elas possam ser expostas e difundidas, pois, além de os alunos negros terem dificuldades de acessar esses locais, também não se sentiam acolhidos. “Algumas crianças levantavam e tomavam o rumo da escola. Poucos, muito poucos, iam todos os dias. A escola os inibia” (Evaristo, 2017, p. 168).

Sobre isso, Carneiro (2023, p. 110) aponta que “o silêncio se manifesta também na relação aluno-professor, nas instâncias geradoras do aparelho escolar, nas atitudes dos pais dos alunos brancos e dos alunos negros, no discurso ufanista sobre as relações raciais no Brasil, presentes nos instrumentos didáticos”. Dessa forma, a escola, enquanto dispositivo que se centra em utilizar materiais didáticos, metodologias e conteúdos baseados, sobretudo, na perspectiva daqueles que estão no poder, termina por silenciar o *outro*, como ocorre com Maria-Nova, que, mesmo entendendo o conteúdo, não se sente confortável de compartilhar sua opinião, porque acredita que sua professora e seus colegas não são capazes de compreender sua perspectiva.

Gonzalez (2018) afirma que, quando ocorre uma alienação ou apagamento em relação à história do *outro*, em decorrência de estruturas de poder, ocorre o fenômeno

denominado consciência, que nega aquilo que a memória inclui. Nesse sentido, as exclusões, desigualdades e discriminações contra as mulheres negras são exemplos desses fatores, porque são produzidas para legitimar a supremacia dos homens brancos que instituem os padrões da sociedade, mesmo tendo ciência de que sua perspectiva não é a única. Desse modo, a memória surge como um mecanismo que reconstrói aquilo que a consciência renegou.

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência (Gonzalez, 2018, p. 226).

Desse modo, as memórias coletivas às quais Maria-Nova teve acesso fizeram com que ela desconstruísse visões estereotipadas sobre sua comunidade e criasse, através de um livro, narrativas que ainda não haviam sido fixadas na história. A comunidade da qual a garota fazia parte entendia que apenas uma representante desse grupo seria capaz de romper com a consciência disseminada na sociedade, que excluía as visões do *outro*. Desse modo, a escrita da menina carrega não apenas o eu, mas também o nós, visto que ela reconstrói as vozes daqueles que não puderam expressar suas trajetórias.

Zygmunt Bauman (2005) aponta que os indivíduos imersos em sua própria comunidade não se questionam sobre suas identidades; somente na relação com o diferente percebem suas individualidades. Assim, uma pessoa apenas é identificada como uma mulher negra frente a indivíduos que não são como ela. Nesse contexto, no conto “Maria”, a personagem, em nenhum momento, descreve-se como negra. No entanto, os demais passageiros do ônibus a identificam como negra, em uma tentativa de inferiorizá-la e justificar as acusações a respeito da mulher.

A respeito disso, Fanon (2025, p. 125) salienta que “enquanto o negro estiver em seu lar, não precisará, exceto por ocasião de lutas internas de menor gravidade, pôr seu ser a prova de outrem”. Observa-se então que as mulheres negras apenas percebem a necessidade de afirmar ou negar identidades e características no contato com aqueles que são diferentes. Nesse contexto, em *Becos da Memória*, nenhuma cidadã, quando está na favela, é obrigada a afirmar a sua identidade ou provar sua participação dentro de um grupo social, entretanto, quando saem

desses ambientes, são ligadas ao *outro* e forçadas a simbolizar o diferente. Diante disso, a forma como o eu-branco enxerga o *outro* interfere no seu processo de identificação.

Chego lentamente ao mundo, já acostumado a não me arrogar aparições repentinas. Eu me movo rastejando. E já me dissecam os olhares brancos, os únicos verdadeiros. Sou fixado. Uma vez ajustado seu micrótomo, eles objetivamente realizam cortes na minha realidade/Sou traído. Sinto, vejo nesses olhares brancos que não é um homem novo que está entrando, mas um novo tipo de homem, um novo gênero. Um negro, ora essa! (Fanon, 2025, p. 131).

Conforme é apresentado na situação destacada acima, os negros, no contato com os brancos, são constantemente julgados, não apenas por palavras, mas também por gestos, como olhares, ou seja, por diversos tipos de linguagem. Na realidade, continua sendo comum a disseminação de “elogios”, como: “ela é uma negra bonita”, “o cabelo dela é crespo, mas é lindo” e “ela é negra, tem força”. Esses comentários carregam falas racistas disfarçadas de elogios, pois disseminam a ideia de que aspectos positivos não devem ser associados a mulheres negras, assim, é como se as que apresentassem bons elementos fossem uma exceção da sua classe. Sobre isso, Collins (2019) destaca que determinadas qualidades supostamente ligadas às mulheres negras são utilizadas para justificar a opressão.

A respeito da utilização da linguagem, Ianni (1999) afirma que “a visão de mundo delineada na língua não é isenta de tensões, hiatos ou contradições, já que leva consigo algo ou muito do jogo das forças sociais, compreendendo disparidades e desigualdades”. Nesse contexto, a linguagem disseminada em sociedades marcadas pelo culto da superioridade dos colonizadores agrupa em si estereótipos e discriminações ao outro, como meio de enaltecer as características do eu-branco. Dessa maneira, os povos considerados dominados precisam conhecer essas implicações para conseguirem manifestar, por meio das palavras, suas trajetórias e histórias que são renegadas por esses sistemas, pois o entendimento da linguagem é necessário para a compreensão da vida cotidiana e para a interação com o outro.

Nesse sentido, as mulheres negras na presença de indivíduos brancos precisam lutar contra as amarras produzidas em torno do seu eu e de sua vida, garantindo que os requisitos exigidos pelo padrão do homem branco sejam seguidos. As mulheres negras, diferentes dos negros, possuem também o seu gênero, assim como raça e classe, como elementos influenciadores de sua análise realizada pelo outro, visto que essas são determinadas “por muitos eixos que atuam juntos e influenciam um ao outro” (Collins, Bilge 2016, p. 11, tradução nossa).

Diante dos aspectos apresentados, as mulheres negras lutam diariamente contra os posicionamentos atribuídos sobre o seu eu e a busca de suas identidades. Nesse sentido, o

contato com o outro faz com que elas recorram às memórias partilhadas por sua comunidade para encontrarem suas origens e ligações com as trajetórias de seus antecessores, identificando semelhanças e diferenças, e reconstruindo, assim, seu eu, por meio da maneira como entende o seu passado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a disseminação de discursos hegemônicos que buscam enquadrar a literatura produzida por mulheres negras como “não literatura” ou “literatura menor”, faz-se necessário questionar essa ideia e oportunizar o estudo das obras de autoras socialmente marginalizadas. Esse aspecto permite quebrar estereótipos e desafiar o cânone tradicional que tenta limitar o que é literatura a partir das posições apenas daqueles que estão no poder, isto é, homens brancos.

Nesse contexto, estudar literatura negro-brasileira em um programa de pós-graduação em literatura comparada permite incluir novas vozes no centro das discussões acadêmicas, questionando hierarquias de conhecimentos e tornando o campo mais diversificado. Além disso, esse fator contribui para a reconstrução de elementos renegados historicamente e auxilia a combater o silenciamento das camadas populares, sobretudo das mulheres negras que são o foco deste trabalho. Outro aspecto a ser considerado é a relevância das temáticas debatidas neste trabalho, como a ancestralidade, maternidade negra, memória e apagamento, que proporcionam novas análises a respeito do assunto. Portanto, esses elementos propiciam novas perspectivas e fortalecem os estudos decoloniais.

Diante dos aspectos apresentados, percebe-se que Conceição Evaristo, por meio de suas personagens, engloba mulheres negras plurais, compostas não somente por uma multiplicidade de características, mas também por diversidades de experiências. Essa variedade apresentada nas personagens de Evaristo possibilita a desconstrução do discurso colonial, que, muitas vezes, limita esses indivíduos a uma homogeneidade, o que gera estereótipos e afasta essas cidadãs de suas verdadeiras histórias. Assim, ao proporcionar que as mulheres negras possam enunciar suas vivências e trajetórias, a autora abre espaço para que novas histórias entrem em cena e rompam com a história “padrão” disseminada no corpo social.

Nesse sentido, a escrevivência adotada pela escritora constitui-se um ato político, visto que por meio da escrita há aproximações com as vivências de um conjunto de Marias que são refletidas e analisadas. Nesse contexto, mesmo que as obras constituam ficção, em que, como salienta Evaristo (2017), nada é plenamente real, a escrevivência possibilita as reconstruções de experiências femininas negras, a qual funciona como um mecanismo de resistência ao apagamento das identidades dessas cidadãs.

Ao analisar-se as protagonistas de Conceição Evaristo nas obras analisadas, a saber, o romance *Becos da Memória* e o conto “Maria”. As duas personagens, denominadas Marias, são afetadas pela interferência conjunta de raça, gênero e classe que incidem em suas vidas e

contribuem para que diversas opressões se combinem e afetem as experiências dessas mulheres negras. Nesse viés, observa-se a interseccionalidade como dispositivo para compreender que essas cidadãs não são atingidas unicamente por um tipo de discriminação, como racismo, sexismo ou discriminação de classe, mas são acometidas pela união mútua desses fatores que resultam no silenciamento e apagamento das identidades dessas cidadãs.

Ademais, essa interferência mútua de opressões diferencia as vivências de mulheres negras de outros tipos sociais, como mulheres brancas. As mulheres brancas, apesar de serem afetadas pelo sexismo, não são vistas e tratadas de acordo com a sua cor, e tampouco sofrem limitações baseadas no seu ser. No entanto, essas diferenciações raramente são consideradas, o que leva à exclusão das condições das mulheres negras, como aconteceu no processo de desenvolvimento do feminismo, em que, por ser liderado por brancas, não abrangeu, antes da chegada do feminismo negro, as demais opressões que afetam as cidadãs negras, proporcionando que elas ficassem imersas na mesma realidade.

De maneira análoga à realidade, a literatura brasileira, composta sobretudo por homens brancos, silenciou essas mulheres tanto em relação à autoria quanto na apresentação de personagens. Essas cidadãs são constantemente renegadas no campo editorial, além de terem suas produções enquadradas como testemunhos, o que representa a tentativa de inferiorizar as obras produzidas por autoras pertencentes à literatura negro-brasileira. Quanto à exposição de personagens, as mulheres negras continuam na atualidade reféns de representações únicas que desconsideram as heterogeneidades de mulheres negras.

Nesse contexto, Conceição Evaristo proporciona que novas perspectivas sejam consideradas na literatura nacional, ao priorizar em seus personagens mulheres negras que falam por si próprias. Dessa forma, o papel de protagonismo de suas personagens e a exposição de suas particularidades, como sentimentos, hábitos e trajetórias, indicam as singularidades das mulheres negras, além de contribuírem para a reconstrução das histórias de suas comunidades, que foram apagadas pelas consequências do passado colonial que continua a interferir no presente desses indivíduos.

A autora aborda novas temáticas, como a maternidade da mulher negra, em suas obras, em que reflete a exclusão do papel da mulher negra como mãe na maioria das obras do cânone literário. Nas narrativas analisadas, a maternidade está profundamente relacionada à memória e à ancestralidade, na qual auxilia na transmissão de conhecimentos e hábitos, contribuindo para a reconstrução de experiências. Desse modo, a escritora viabiliza novos lugares e funções a essas personagens.

Além disso, as personagens dos textos analisados, mesmo relacionadas por temáticas como memória e identidade, não são iguais. Cada “Maria”, de Conceição Evaristo, apresenta sua subjetividade, algumas sonham em ser mãe e construir uma família, outras desejam conquistar bens materiais, muitas questionam as limitações impostas pela sociedade e procuram conquistar um novo futuro para sua comunidade. Essas perspectivas destroem os estereótipos atribuídos às mulheres negras, visto que elas, muitas vezes, são exibidas nos textos disseminados no cânone com características únicas, como se todas tivessem o mesmo perfil.

Observa-se que Maria-Nova, protagonista do romance *Becos da Memória*, constrói a sua identidade por meio dos ensinamentos transmitidos por outros habitantes de sua comunidade, sobretudo Vó-Rita, Tio Totó, Mãe Joana e Maria-Velha. Esses personagens contam histórias de suas vivências para a menina, que passa a aproximá-las do seu cotidiano e entender que o seu presente continua sendo povoado pelo passado de sua comunidade. Assim, ela percebe os apagamentos de suas identidades e sente a necessidade de reconhecer as suas origens e compreender os elementos que interferem no seu eu, como uma maneira de reconstruir as experiências femininas negras.

Desse modo, a memória coletiva e a escrita tornam-se elementos essenciais para recompor essas experiências das mulheres negras. Maria-Nova, obtendo letramento racial e consciência de sua realidade, é escolhida por sua comunidade como guardiã de memórias, assim, ela entra em contato com um conjunto de vivências partilhadas por seus antecessores, amigos, familiares e vizinhos. Essas memórias contribuem para que a protagonista reconheça a ancestralidade, suas origens e as implicações das opressões em suas trajetórias. Nesse sentido, para manter vivas as histórias partilhadas, a personagem utiliza a escrita como uma forma de destruir a história única, que apaga as narrativas das mulheres negras, e transmitir para as futuras gerações os marcos de suas vivências, a fim de construir um novo futuro para si e seus sucessores.

Em relação ao conto “Maria”, a protagonista também tem consciência racial e compreende as relações de dominação existentes no cotidiano que fazem com que ela seja vista pela cor de sua pele, em detrimento de suas demais características. Essa personagem é vítima do olhar do eu-homem-branco sobre seu “outro-mulher-negra”, em que este primeiro a oprime e resulta em sua morte, em decorrência dos estereótipos atribuídos a essas cidadãs, os quais negam as suas heterogeneidades e suas histórias. Nesse sentido, a memória é um mecanismo que possibilita repensar as narrativas disseminadas em sociedades machistas e sexistas, surgindo como uma oportunidade para analisar e destruir opressões e, conseqüentemente, afirmar novas perspectivas sobre a história dita como “oficial”.

Em relação ao processo de reconstrução das identidades das mulheres negras, evidencia-se que os seus “eus” são formados tanto pela interação com o grupo ao qual pertencem, que permite trocas de experiências e ideias, quanto pelo contato com os indivíduos brancos. Nesse sentido, Kilomba (2019) afirma que essas cidadãs apenas são capazes de se reconhecer como mulheres negras frente ao diferente, que as veem como outras, como tentativa de inferiorizar aquilo que é diverso e disseminar a superioridade daqueles que estão no poder, ou seja, os brancos. Esse processo indica que o racismo não é só individual, mas estrutural, uma vez que a identidade racial é desenvolvida por meio do olhar do outro. As mulheres negras se veem como tal, pois percebem o estranhamento e a exclusão dos grupos que estão no poder.

Nesse sentido, as personagens de Evaristo precisam lutar contra as amarras produzidas pelo eu-branco em torno das suas identidades para conseguirem afirmar o seu ser e, conseqüentemente, reconstruir as experiências femininas negras. Essas mulheres negras utilizam das memórias e das palavras, sejam elas escritas ou orais, para destruir o lugar de objeto a elas atribuídos e declarar-se como sujeitos múltiplos, que possuem vontades, sentimentos e desejam ser donas das próprias jornadas, sem precisarem que suas histórias sejam relatadas por meio da perspectiva do outro.

Com isso, nota-se a relevância das obras *Becos da Memória* e “Maria”, uma vez que ultrapassam as barreiras do discurso hegemônico, abrangendo novas visões que proporcionam uma reinterpretação do passado nacional e destacam suas implicações no presente. Nesse contexto, as protagonistas de Evaristo rompem com as ideias atreladas ao ser na literatura brasileira, expressando suas particularidades e vivências, e reconstruindo suas identidades por meio dos conhecimentos transmitidos e também pelo desenvolvimento da consciência racial, obtido tanto pelo contato com seus semelhantes quanto na relação com os outros. Dessa forma, as mulheres negras de Conceição Evaristo contemplam uma heterogeneidade de Marias do cotidiano que são afetadas pelas implicações de raça, gênero e classe, mas não apáticas aos silenciamentos em torno dos seus eus, assim, buscam por meio das palavras reinscrever as experiências femininas negras.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALEXANDRE, Marcos Antônio. Vozes diaspóricas e suas reverberações na literatura afro-brasileira. *In*: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (org.). **Escrevivências, identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023, p. 87-103.
- ALMEIDA, Alessandra Gouvêa. **(Re) construindo identidades**: a representação da mulher negra em Becos da memória, de Conceição Evaristo. 2025. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras), Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/6468>. Acesso em: 4 mai 2025.
- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.
- ALVES, Castro. **O navio negreiro**. São Paulo: Panda Books, 2014.
- ALVES, Miriam Aparecida; DURHAM, Carolyn Richardson. **Enfim...Nós = Finally...Us**. Colorado Springs: Three Continents Press, 1995.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ARAÚJO, Eliza de Souza Silva. Becos da Memória, de Conceição Evaristo: Uma escrevivência da memória da mulher negra no Brasil. **Letras & Ideias**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 13-29, 2019.
- ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás cubas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. *In*: ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1997.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 3. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2019.
- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: UNESP, 1993.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista concedida a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BERGER,, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BISPO, Ella Ferreira; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. Escrivivência: perspectiva feminina e afrodescendente na poética de Conceição Evaristo. **Revista Língua & Literatura**, São Paulo, v. 35, n. 20, p. 186-201, 2018.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 2024.

BRAND, Dionne. **Um mapa para a porta do não retorno**: notas sobre pertencimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2022.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. São Paulo: Todavia, 2023a.

CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. São Paulo: Todavia, 2023b.

CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 167-247, 2000.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Duas cidades, 1993.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Editora Humanitas, 2004.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: Santa Catarina: Letras contemporâneas, 2010.

CEVASCO, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo editorial, 2019.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

COSER, S. Circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos. *In*: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (org.). **Escrevivências: Identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023, p. 31-49.

COSTA, Elisângela de Lana. Becos da memória e do esquecimento. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 18, n. 35, p. 67-86, 2014.

COSTA, Larissa Neves da. O outro e não eu: mulher Negra, memória e a alteridade do ser. **Pós-Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais**, v. 20, n. 1, p. 126-131, 2025.

COSTA, Sérgio. **Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

CUTI, [Luís Silva]. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina. Quando o preconceito se faz silêncio: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Gragoatá**, Niterói, n. 24, p. 203-219, 2008.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. São Paulo: Editora Horizonte, 2012.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismos**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis (ed.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI**. 2 ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. O bildungsroman proletário de Jorge Amado. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 27, p. 175-195, 2018. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ls/article/view/148542/142179>. Acesso em: 5 jan. 2025.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 23, p. 113-138, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/596319825.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2025.

DUARTE, Constância Lima. Marcas da violência no corpo literário feminino. *In*: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (org.). **Escrevivências, identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023, p. 215-224.

EVARISTO, Conceição *et al.* A escrevivência e seus subtextos. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 26-46, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**, Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto representação da mulher negra brasileira na literatura. **Revista Palmares: cultura afro-brasileira**, Brasília, v. 1, p. 9-13, 2005.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. *In*: SCHNEIDER, Liane; MOREIRA, Nadilza Martins de Barros. **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. 2009. Depoimento concedido durante o I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado em maio de 2009a, na Faculdade de Letras da UFMG.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. Entrevista concedida a Juliana Domingos. **Nexo Jornal**. São Paulo, 26 maio 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/conceicao-evaristo-minha-escrita-e-contaminada-pela-condicao-de-mulher-negra>. Acesso em: 11 set. 2025.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009b.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2021.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Sebastião Nascimento com colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

FERREIRA, Luciana Pereira Queiroz Pimenta *et al.* A escrevivência de Conceição Evaristo como estratégia político-discursiva de resistência: uma leitura da tessitura poético-corporal-negra em “Olhos d’água”. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 56, n. 2, p. 251-261, 2021.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. *In*: EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017, p. 191-198 (Posfácio).

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Escrevivência: sentidos em construção. *In*: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (org.). **Escrevivências, identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023, p. 15-29.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 18., 2024, São Paulo. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024: 18º Anuário**. São Paulo: FBSP, 2024.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Nota da autora; Prólogo: Escrita, morte, transmissão. *In*: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura, rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014. p. 9-30.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O rastro e a cicatriz: metáforas da memória. **Proposições**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 125-133, 2002.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23. p. 75-85, 2003. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/72399009/27502306.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2026.

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. *In*: GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras**: Lélia Gonzalez em primeira pessoa. São Paulo: Diáspora Africana, 2018. p. 34–53.

GONZALEZ, Lélia. A juventude negra brasileira e a questão do desemprego. *In*: **CONFERÊNCIA ANUAL DO AFRICAN HERITAGE STUDIES ASSOCIATION**, 1979, Pittsburgh. Annals [...]. Pittsburgh: African Heritage Studies Association, 1979, p. 26-29.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. **Lugar de Negro**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 9-66, 1982.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. São Paulo: Editora Schwarcz: Companhia das Letras, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

GROSSBERG, Laurence. El Corazón de los Estudios Culturales: contextualidad, construccionismo y complejidad. **Tabula Rasa**, Bogotá, Colombia, n. 10, p. 13- 48, jan./jun. 2009.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

HALL, Stuart. Identidade cultural e diaspórica. **Comunicação & Cultura**, Lisboa, n. 1, p. 21-35, 2006. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/comunicacaoecultura/article/view/10360>. Acesso em: 10 dez 2025.

HALL, Stuart. **Pensando a diáspora**: reflexões sobre a terra no exterior. Tradução de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2025.

HOOKS, bell. Anseios: **raça, gênero e políticas culturais**. Tradução de Jamille Pinheiros. São Paulo: Elefante, 2019.

IANNI, Octavio. Língua e sociedade. **Primeira versão**, Campinas, v. 84, p. 1-65, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. **Nomes no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#!/ranking>. Acesso em: 10 set. 2025.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque. Relações de poder e a literatura brasileira. **Revista Grifos**, Chapecó, v. 18, n. 26, p. 7-16, 2009.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. Rio de Janeiro: Livraria F. Alves, 1960.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MACHADO, Bárbara Araújo. **“Recordar é preciso”**: Conceição Evaristo e a intelectualidade negra no contexto do movimento negro brasileiro contemporâneo (1982-2008). 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_b0e2bbb24097c806d90ba175c311c4c8. Acesso em: 12 abril 2025.

MACHADO, Lízia Khênya de Campos Rosal. **Pelos Becos da memória: uma análise da autorrepresentação negro-feminina em Conceição Evaristo**. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pró-Reitoria de Pós-graduação e pesquisa, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4655>. Acesso em: 15 abril 2025.

MARINGOLO, Cátia Cristina Bocaiuva. **Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo: construindo histórias por meio de retalhos de memória**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/5bc3842a-e910-454e-aad5-4efb060343b3/content>. Acesso em: 10 de jan. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do rosário no jatobá**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MATOS, Gregório de. **Antologia Poética-Gregório de Matos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MIRANDA, Adelaide Calhman de. **Pensar o local**: gênero e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea. 2013. Tese (Doutorado em Literatura e práticas Sociais) - Departamento de Teorias Literária e Literatura, Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12962>. Acesso em: 10 nov. 2025.

MIRANDA, F. R. Escrivivência, fabulação e os passados inauditos. *In*: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). **Escrivivências, identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 51-63.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e de sentidos. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual**: Possibilidade nos dias da destruição. Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **“Literatura marginal”**: os escritores da periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/en.php>. Acesso: 4 de fev. 2025.

NEVES, Rita Ciotta. “Pai contra mãe” de Machado de Assis: um grito contra a escravatura. **Babilônia**: revista Lusófona de Línguas, Culturas e Tradução, Rio de Janeiro, n. 4, p. 31-39, 2006.

OLIVEIRA, Jurema; DIAS, Mileide. Reflexões sobre memória e oralidade em Becos da memória de Conceição Evaristo. **Contexto**: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES, Vitória, n. 37, p. 117-136, 2020.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. “Escrivivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, p. 621-623, 2009.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. O romance afro-brasileiro de corte autoficcional: “escrivivências” em Becos da memória. *In*: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (org.). **Escrivivências, identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023, p. 141-151.

OLIVEIRA, Marcelo de Jesus de; SANTOS, Maria Alice de Jesus Pereira. A segmentação das personagens Maria-Nova, Dora e Cidinha-Cidoca em Becos da memória (2017), de Conceição Evaristo. **Revista de Letras-Juçara**, Caxias, v. 4, n. 1, p. 295-312, 2020.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos Pactos, outras ficções**: ensaios sobre literatura afro-luso-brasileira. Porto Alegre: EDIPURS, 2002.

PAZ, Francisco Phelipe Cunha. Memória, a flecha que rasura o tempo. **Problemata**: revista Internacional de Filosofia, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 147-166, 2019.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **“O mundo negro”**: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995). 2010. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, 2010. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFF-2_81f855a248713d53e3573d5f2af419c4. Acesso em: 10 abril 2025.

PEREIRA, Maria do Rosário Alves. Representações femininas em “Duzu-Querença” e “Olhos d’água”. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (org.). **Escrevivências, identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 307-316.

PINTO, Regina P. **O movimento negro em São Paulo: luta e identidade**. 1993. Tese (Doutorado em antropologia social). FFLCH / Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000740243>. Acesso em: 1 de fev. 2025.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, p. 161-193, 2004.

PROENÇA FILHO, Domício. “O negro na literatura brasileira”. **Biblioteca Mário de Andrade**, São Paulo, v. 49, n. 14, jan./ dez. 1988.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (org.). **Epistemologias do sul**. Coimbra, Portugal: Almedina/CES, 2009, p. 73-117.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Global, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2018.

ROMERO, Sílvio. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Garnier, 1894.

SANDLER, Daniela. Estudos culturais. **GV-EXECUTIVO**, São Paulo v. 3, n. 4, p. 88-90, 2005.

SAVEGNAGO, Camila; DE PAES, Vera Lúcia Viana. Maria maldita: a falência da civilidade em “Maria”, de Conceição Evaristo. **Anuário de literatura**. Santa Maria, v. 24, n. 1, p. 101-113, 2019.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTOS, Mirian. Intelectual negra: a produção literária de Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima; CORTÊS, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (org.). **Escrevivências, identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2023. p. 65-85.

SARAIVA, Rutiele Pereira da Silva. A mulher negra como “Outro do Outro”: interseções entre gênero e raça em Grada Kilomba e Lélia Gonzalez. **(Des) troços**: revista de pensamento radical, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 78-90, 2022.

SCHMIDT, Simone Pereira. A força das palavras, da memória e da narrativa. *In*: EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017. p. 185-190 (Posfácio).

SCHMIDT, Rita Terezinha. Refutações ao feminismo:(des) compassos da cultura letrada brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis v. 14, p. 765-799, 2006.

SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Editora 34, 2000.

SILVA, Franciele Queiroz da; AZEVEDO, Luciene Almeida de. A literatura marginal (periférica) no contexto contemporâneo. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 1-31, 2009.

SILVA, Rodrigo dos Santos Dantas Silva. Ancestralidade e maternidade em Conceição Evaristo. **Revista África e Africanidades**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 33, p. 19-20, 2020. Disponível em: <https://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/33/Ancestralidade%20e%20maternidade%20em%20Conceicao%20Evaristo.pdf>. Acesso: 8 ago. 2025.

SILVA, Simone Rezende da. A importância da memória no processo de reinvenção da identidade e territorialidade quilombola. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, p. 1-13, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/download/81852225/2176_Texto_del_articulo_5066_1_10_20111206.pdf. Acesso em: 7 dez. 2025.

SOUZA, Laura de Mello. Notas sobre os vadios na literatura colonial do século XVIII. *In*: SCHWARZ, Roberto (org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 9-12.

TEIXEIRA, Maria Santana dos Santos Pinheiro; QUEIROZ, Josiane Mendes. **Corpo em Debate**: a objetificação e sexualização da mulher negra. Campina Grande: Realize Editora, 2017.

TEIXEIRA, Nírcia Cecília Ribas Borges. “Escrevivendo Conceição Evaristo: entre o real e o ficcional”. *In*: DIEB, Eduardo (org.). **Quem são as mulheres na publicidade?** São Paulo: Árvore digital editora, 2020. p. 295-319.

THIESSE, Anne-Marie. **A criação das identidades nacionais**: Europa, século XIX. São Paulo: UNESP, 1999.

VASCONCELOS, Vânia Maria Ferreira. Rosário de mulher: a maternidade como um elo criativo e solidário entre mulheres na escrita de Conceição Evaristo. *In*: GRUPO DE ESTUDOS EM LITERATURA CONTEMPORÂNEA, 2., 2010, Brasília. **Anais [...]**. Brasília, DF: UnB, 2010. p. 1-9.

XAVIER, Nara Rúbia Gomes Duarte. RECONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO. **Travessias Interativas**, n. 16, p. 230-244, 2018.